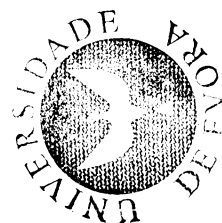


UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO:
QUESTÕES DE GÉNERO E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA**

**RELAÇÕES DE NAMORO, GÉNERO E SEXUALIDADE
ADOLESCENTE**



185781

PAULA CRISTINA DUARTE PIO RODRIGUES PEREIRA

Dissertação orientada pela Professora Doutora Madalena Melo

**ÉVORA
2010**

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para provas de Mestrado em Educação, sob orientação da Professora Doutora Madalena Melo da Universidade de Évora.

RESUMO

Esta investigação, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, pretende aprofundar o conhecimento da sexualidade e género, caracterizando as atitudes de adolescentes face ao namoro heterossexual. A amostra do estudo é constituída por alunos(as) do Ensino Secundário ($N=362$), de ambos os géneros, que pertencem a uma escola pública de uma área urbana, a frequentar os cursos Científico-Humanísticos e Profissionais dessa instituição.

Para a obtenção e recolha dos dados foi utilizado um instrumento: Questionário "*Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente*", que incluía uma *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*. Nesta Escala de Atitudes foram contempladas as seguintes dimensões: Controlo Parental/Social, Autonomia e Liberdade Individual na Relação, Controlo do Namoro, Sexualidade e Expressão de Afectos e Sentimentos.

Os resultados obtidos demonstram que, não existe um duplo padrão sexual no que se refere às atitudes relacionadas com o Controlo Parental/Social no namoro. Contudo, verificámos que existe um esbatimento do duplo padrão comportamental, nas atitudes relacionadas com a Autonomia e Liberdade Individual e em parte, nas atitudes relativas à Expressão de Afectos e Sentimentos. Por outro lado, constatámos que persiste um duplo padrão sexual, com diferenças significativas, entre os géneros, relativamente às atitudes que dizem respeito ao Controlo do Namoro, ao Sexo e Práticas Sexuais.

Palavras-chave: Namoro, Género, Sexualidade, Adolescência e Estereótipos.

DATING RELATIONSHIPS, GENDER AND ADOLESCENT SEXUALITY

ABSTRACT

This research, in the sphere of the Social Sciences and Humanities, aims to increase knowledge of sexuality and gender, characterizing the attitudes of adolescents towards heterosexual dating. The study sample consists of secondary school students ($N = 362$) of both sexes, who are attending a public school in an urban area. These students are taking the scientific-humanities and professional courses.

To obtain and collect the data we used the following instrument: A questionnaire "*Dating Relationships, Gender and Adolescent Sexuality*", which included a range of Attitudes towards Teen Dating. In this Scale of Attitudes the following dimensions were covered: Parental/Social Control, Autonomy and Individual Freedom in the Relationship, Controlled Dating, Sexuality and Expression of Affection and Feelings.

The results show that there is not a double sexual standard with regard to attitudes related to Parental/Social Control in dating. However, we found that there is a blurring of the double behavioural standard, in the attitudes related to Autonomy and Individual Freedom and partly in the attitudes related to the Expression of Affection and Feelings. On the other hand, we noticed that there is still a double sexual standard, with significant differences between the sexes, in relation to the attitudes concerning Courtship Control, Sex and Sexual Practices.

Key words: Dating, Gender, Sexuality, Adolescence and Stereotypes.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço gostaria de expressar a minha gratidão a algumas pessoas de quem recebi o apoio indispensável para a realização desta investigação.

À Professora Doutora Madalena Melo por todo o apoio, confiança e desafio que tornaram possível a realização desta dissertação.

Aos(Às) professores(as) que leccionaram as unidades curriculares do Mestrado e especialmente à Professora Doutora Fernanda Henriques, pela dedicação e dinamismo que demonstrou no desempenho das suas funções e pela enorme riqueza de experiências que partilhou com as suas mestrandas.

Aos(Às) docentes e amigos(as) da Escola Secundária Dom Manuel Martins, em Setúbal e aos(às) adolescentes que participaram no estudo e, sem os(as) quais não seria possível a sua realização.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim, transmitindo-me apoio, incentivo, carinho e algum optimismo, que ajudou a superar algumas dificuldades deparadas ao longo da investigação.

Ao Rui que esteve sempre do meu lado, pelo encorajamento, pela partilha de ideias e pelo apoio.

Aos meus queridos filhos e filha, a quem dedico esta dissertação, pelo companheirismo, pela compreensão, pela alegria contagiante e pelos gestos de carinho permanentes, que permitiram ganhar forças para enfrentar este desafio aliciante.

ÍNDICE GERAL

	INTRODUÇÃO	1
◆ Estudo Teórico		
Capítulo 1 – Adolescência e Relações Sociais.....		7
1.1	Caracterização da Adolescência	7
1.1.1	Transformações Biofisiológicas na Adolescência	11
1.1.2	Transformações Psicosssexuais e Sociais na Adolescência	15
1.2	As Relações Sociais com Progenitores e com Pares	19
1.3	Atitudes e Comportamentos Sexuais	22
Capítulo 2 – Género, Sexualidade e Namoro Adolescente		27
2.1	Sexo e Género	27
2.2	Construção da Identidade Sexual na Adolescência.....	31
2.3	Género, Sexualidade e Estereótipos.....	39
2.4	Relações de Namoro e Género.....	45
2.4.1	Namoro e Experiências Românticas na Adolescência	48
2.4.1.1	A Importância das Experiências Românticas na Adolescência	50
2.4.1.2	As Mudanças de Desenvolvimento no Domínio Romântico	55
2.4.1.3	As Mudanças nas Características dos Relacionamentos Românticos entre Adolescentes.....	57
2.4.2	Factores Sociocontextuais e Experiências Românticas	61
2.4.2.1	Relacionamento com os Progenitores.....	61
2.4.2.2	Relacionamento com os(as) Amigos(as) ou Pares	63
2.4.2.3	Experiências de Namoro e Influências Culturais	65
◆ Estudo Empírico		
Capítulo 3 – Metodologia do Estudo		68
3.1	Objectivos do estudo e Questões de Investigação	70
3.2	Participantes	71
3.3	Instrumento.....	71
3.4	Procedimentos.....	74
3.4.1	Procedimentos de Recolha de Dados.....	74
3.4.2	Procedimentos de Análise de Dados	75

Capítulo 4 – Apresentação e Discussão dos Resultados do Estudo.....	77
4.1 Caracterização dos(as) Participantes	77
4.2 Apresentação e Análise dos Resultados da Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente	83
4.2.1 Consistência Interna.....	83
4.2.2 Análise Descritiva das Respostas	84
4.2.3 Análise Diferencial das Respostas.....	89
4.3 Discussão dos Resultados	98
Capítulo 5 – Conclusões Gerais	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXOS	122

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema do eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal	13
Figura 2 - Distribuição relativa dos(as) jovens por idade para o sexo masculino e para o sexo feminino.	78
Figura 3 - Distribuição relativa dos(as) jovens por curso e por sexo.	80

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 – Os estádios pubertários nas raparigas e nos rapazes	11
Quadro 2 – Distribuição das frequências da amostra por sexo.....	77
Quadro 3 – Distribuição das frequências dos(as) jovens por idade e sexo.....	78
Quadro 4 – Distribuição das frequências dos(as) jovens, por ano de escolaridade e sexo.....	79
Quadro 5 – Distribuição das frequências da amostra por curso e sexo.....	79
Quadro 6 – Distribuição das frequências da posição religiosa, por sexo.....	81
Quadro 7 – Distribuição das frequências da situação relativa à experiência de namoro, por sexo.....	81
Quadro 8 – Distribuição das frequências do tempo de duração do (actual ou último) namoro, por sexo.....	82
Quadro 9 – Distribuição das frequências referentes à experiência de relações sexuais, por sexo.....	82
Quadro 10 – Distribuição das frequências relativamente às relações sexuais, no actual ou último namoro, por sexo.....	83
Quadro 11 - Análise descritiva das respostas à <i>Escala de Atitudes Face ao Namoro</i> <i>Adolescente</i> , no total e por sexo.....	87
Quadro 12 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Controlo Parental/Social.....	89
Quadro 13 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Autonomia e Liberdade Individual.....	90
Quadro 14 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Controlo do Namoro.....	91
Quadro 15 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Sexualidade.....	92
Quadro 16 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos.....	93
Quadro 17 - Médias e ANOVA dos itens da Escala, com níveis de significância, em relação com a posição religiosa dos rapazes.....	95
Quadro 18 - Médias e ANOVA dos itens da Escala, com níveis de significância, em relação com a posição religiosa das raparigas.....	96

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 – Questionário: <i>Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente</i>	122
Anexo 2 – Dimensões da <i>Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente</i>	127

Para os meus filhos:
Gonçalo, Sofia e André.

INTRODUÇÃO

Muitas das preocupações actuais centram-se na escola, nesse espaço formal, que reflecte e reafirma os contextos sociais e culturais de uma sociedade, que prepara e educa cidadãos e cidadãs das novas gerações, que se pretendem mais justas, solidárias, responsáveis e equitativas.

A escola é um meio privilegiado para a promoção de conhecimentos na área da sexualidade e possibilita a promoção de atitudes e comportamentos que minimizem os riscos a que estão sujeitos os(as) jovens. Para isso é urgente reflectir sobre as práticas de Educação Sexual em contexto educativo. Consideramos, tal como Vilar (2002), que a escola como agente de socialização por excelência, deve complementar o papel da família neste campo.

O Grupo de Trabalho de Educação para a Saúde (GTES 2005, 2007), nomeado pelo Ministério da Educação, apresentou um relatório final a 26 de Setembro de 2007, que considerou a Educação Sexual como uma das áreas de intervenção prioritária pelas escolas, propondo um programa mínimo e obrigatório para todos(as) os(as) estudantes, consoante o ciclo de escolaridade, do 1.º ao 12.º anos. As recomendações deste relatório foram aprovadas pela Assembleia da República.

Actualmente existe um consenso face à necessidade de haver Educação Sexual na escola, prova disso são as medidas legislativas implementadas pelo novo diploma - Lei n.º60/2009¹, que estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar como matéria obrigatória de desenvolvimento nos estabelecimentos de ensino básico e secundário. O diploma realça que se pretende valorizar a sexualidade e a afectividade entre as pessoas, no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa. Pretende ainda reduzir as consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez indesejada e as infecções sexualmente transmissíveis. Este diploma visa conceder maior eficácia aos dispositivos legais que garantam a promoção de uma vida sexual e reprodutiva saudável, mais gratificante e responsável.

Neste contexto, destaca-se a necessidade de debater as questões relacionadas com a temática da Educação Sexual na população juvenil portuguesa. Questões estas que se revestem de elevada importância, pelo que o nosso estudo sobre as "**Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente**" vem de encontro a essa necessidade. É preciso promover o debate científico em torno das temáticas relacionadas com a

¹ Publicada em *Diário da República* (1.ª série, n.º151) de 6/8/09.

sexualidade, o que implica uma maior mobilização dos agentes educativos em torno desta dimensão humana.

A Educação Sexual foi definida como um processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual, pelo que é considerada um elemento central da política de promoção da Saúde (GTES, 2007). A Educação Sexual e Reprodutiva também é hoje uma das principais preocupações no âmbito das políticas educativas e de saúde pública na União Europeia.

A sexualidade humana, sendo socialmente modelada, obedece a regras morais que foram sendo construídas e reguladas ao longo das transformações sociais globais, levando a mudanças nas mentalidades e nas instituições, nomeadamente, nas relações pré-conjugais e conjugais, no seio das famílias ou no contexto escolar. Tendo em conta as ligações da sexualidade às outras dimensões da identidade pessoal e das relações interpessoais, a educação sexual integra um conjunto de outros aspectos de aprendizagem, como os valores e os afectos, as dinâmicas de género, a estrutura da personalidade, mobilizando competências pessoais e sociais para lidar com a intimidade (Vilar, 2002).

A vivência da sexualidade pode constituir uma forma de enriquecimento pessoal e relacional de rapazes e raparigas, contudo continua a haver um olhar controlador e discriminatório que afecta negativamente a vida destes(as) jovens. Pois, muitas(os) jovens vivem a sexualidade de uma forma imatura, não esclarecida, irresponsável, culpabilizada ou até violenta, através de comportamentos de risco, que podem pôr em causa os projectos de vida futuros (Santos, 2004).

O relatório do GTES (2007) sugere mesmo, que no âmbito da Educação para a Saúde (incluída no Projecto Educativo de Escola) em que a Educação Sexual é obrigatória nas escolas, se aborde a temática do género e a interacção no namoro, como conteúdo a tratar no ensino secundário.

Além disso, articular as relações de namoro, género e sexualidade adolescente, como objecto de estudo parece-nos ser uma temática actual, pouco explorada (particularmente em Portugal) e inovadora, por existirem escassos estudos empíricos, mas ao mesmo tempo polémica, desafiadora e complexa. Implica trabalhar uma área do comportamento humano, de grande riqueza na medida que abrange saberes da Biologia ou da Medicina, até às Ciências Sociais e Humanas, como a Psicologia, Sociologia, Filosofia, Ética, Antropologia ou a História.

Esta dissertação pretendeu estudar as atitudes dos(as) jovens, no período tardio da adolescência, face às relações de namoro heterossexual e género.

Na fase tardia da adolescência estão completadas, na grande maioria, as mudanças pubertárias, pelo que todas as componentes do desenvolvimento psicossocial e psicossocial entram em fase de consolidação, dando origem a sistemas de atitudes, valores e sentimentos mais estáveis, mas também a novas questões emergentes, como o caminhar para a independência parental, bem como a procura de um relacionamento amoroso e sexual. Nas relações afectivas/amorosas e nas amizades, existem agora grupos mistos que integram rapazes e raparigas, que estabelecem facilmente relacionamentos amorosos, que culminam em experiências de namoro (Bouchev & Furman, 2003; Tilton-Weaver, 2004).

O namoro é uma etapa importante e necessária no desenvolvimento do ser humano e é na adolescência que se inicia essa atracção pelo sexo oposto (ou pelo mesmo sexo, conforme a orientação do desejo), acompanhada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Os(As) adolescentes aprendem com as relações de namoro e ganham competências psicossociais, que no seu conjunto contribuem para a construção da sua identidade (Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2003; Tilton-Weaver, 2004).

Interessou-nos assim, estudar a forma como a sexualidade adolescente, particularmente, as relações de namoro são vividas e sentidas de acordo com o género. A(s) identidade(s) de género está(ão) relacionada(s) com o sentido de ser *masculino* e *feminino*, que se estabelece desde a infância, mas resulta de uma série de experiências e vivências ao longo da pré-adolescência e adolescência, influenciadas pelo meio familiar, pelo grupo de pares, escola, *mass média*, e de uma forma geral, pelos fenómenos culturais socialmente construídos (Silva, 2004; Tavares *et al.*, 2007)

O grupo de pares na adolescência ultrapassa a influência da família (onde o(a) jovem recebe os primeiros modelos sociais na infância), os *mass media* e, também, a escola propiciam uma educação que transmite e reforça os padrões de comportamento culturalmente diferenciados para a rapariga e para o rapaz, segundo os conteúdos dos estereótipos de género. As práticas socializadoras, estereotipadas, parecem ser diferenciadas de acordo com o género, quanto ao seu conteúdo como, também, quanto à pressão que é exercida para a aprendizagem e manifestação de comportamentos apropriados ao género (Amâncio, 1994; Neto *et al.*, 1999).

No contexto da sexualidade e género, reflectir e relacionar as questões das masculinidades e das feminilidades, através do estudo das percepções dos(as) estudantes adolescentes face ao namoro, parece-nos um trabalho enriquecedor e útil. Articular a sexualidade com o género, remete-nos para a compreensão da vida humana individual e social.

Esta dissertação poderá contribuir para ajudar a compreender a(s) identidade(s) sexual(ais) de género, melhorar a aceitação positiva do corpo sexuado, do prazer, dos afectos, a comunicação interpessoal, numa atitude não-sexista e também, não-discriminatória, promovendo o direito à igualdade de género, com o respeito pelas diferenças.

Neste domínio a investigação sugere que, no meio escolar, reproduzem-se e valorizam-se comportamentos apropriados ao género, que se esperam dos rapazes e das raparigas, que podem englobar:

- preconceitos, estereótipos e atitudes de discriminação sexual no contexto escolar, nomeadamente, por parte dos(as) alunos(as) e docentes (Amâncio,1994; Bonder, 1993; Ferreira, 2002; Louro, 2000; Neto *et al.*, 1999; Nogueira, 2001);

Cabe aos(às) educadores(as) melhorar a comunicação sobre sexualidade entre os(as) adolescentes para se evitar os comportamentos e atitudes negativas que vão desde a vergonha, baixa auto-estima, rejeição, ansiedade, isolamento até comportamentos de risco, auto-exclusão social, abandono escolar e distanciamento do grupo de pares (Alferes, 1997; Archer, 1995; Vilar, 2002).

Como sabemos, a adolescência é um período repleto de dúvidas, angústias e ambivalências.

A fundamentação teórica deste estudo teve como quadro conceptual a perspectiva construcionista social do género e da(s) identidade(s), partindo de um olhar psico-sociológico, a qual serviu de ponto de partida para as questões de investigação. Esta perspectiva encara as diferenças entre os sexos como um produto social, histórico e cultural (Nogueira, 2001).

O presente estudo tem como objectivo aprofundar o estudo da sexualidade adolescente, comparando as percepções das raparigas e dos rapazes, averiguando a persistência do *duplo padrão sexual*, ou o seu esbatimento, em relação às atitudes face ao namoro e ao género.

A amostra de conveniência do estudo é constituída por estudantes adolescentes, que frequentam o ensino secundário, numa escola pública de uma área urbana, nos cursos Científicos-Humanísticos e Profissionais desse estabelecimento de ensino. Como pretendíamos estudar as relações de namoro optámos por uma amostra de população adolescente, de ambos os sexos, por ser nesta fase do desenvolvimento humano que os(as) jovens estabelecem frequentemente relacionamentos amorosos, o que poderia facilitar a recolha de opiniões sobre as atitudes face ao namoro (Tilton-Weaver, 2004).

A metodologia escolhida nesta investigação foi quantitativa, onde se utilizou um inquérito por questionário, original, para a obtenção e recolha de dados – Questionário “*Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente*”, que incluía uma *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*.

A dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos, sendo que os dois primeiros capítulos dizem respeito à fundamentação teórica do estudo, os capítulos três e quatro referem-se ao estudo empírico, com a parte metodológica e a apresentação e discussão dos resultados da investigação. Por último, o capítulo cinco apresenta as principais conclusões e limitações do estudo, bem como as propostas para futuras investigações.

No primeiro capítulo é feita uma caracterização da adolescência, dando ênfase às transformações que se operam no desenvolvimento adolescente - biofisiológicas, psicosssexuais e sociais. No âmbito deste capítulo foram analisadas, particularmente, as influências dos progenitores e grupo de pares, como agentes de socialização preferenciais dos(as) adolescentes. Por fim, é feita uma breve descrição das atitudes/comportamentos em relação à sexualidade, dando-se relevância às diferenças de género, que em termos históricos e sociais afectaram as atitudes dos(as) jovens, ao longo do tempo.

O segundo capítulo centra-se na temática do género, sexualidade e namoro adolescente. Na primeira parte deste capítulo é enfatizada a distinção entre sexo e género e se esclarece acerca dos processos de construção da(s) identidade(s) sexual(ais) e de género na adolescência. A seguir é feita a análise da influência social dos estereótipos nos comportamentos dos(as) jovens face à sexualidade. Além disso, nesta secção é realizada uma revisão de estudos empíricos sobre a prevalência ou não, do duplo padrão sexual nas atitudes relacionadas com as questões da sexualidade. Na segunda parte deste capítulo é feita uma revisão de literatura sobre as relações de namoro adolescente e género, onde se analisa a importância das experiências românticas; as mudanças de desenvolvimento neste domínio; as mudanças nas características dos relacionamentos amorosos, nomeadamente, as diferenças individuais entre adolescentes e a influência dos factores sociocontextuais. Em relação aos factores sociocontextuais que influenciam as experiências românticas foram analisados os relacionamentos entre os(as) adolescentes com os progenitores e amigos(as) ou pares, bem como, influências culturais gerais nas relações de namoro. No terceiro capítulo são descritos os aspectos metodológicos da investigação, apresentando-se inicialmente os objectivos do estudo e as questões de investigação. Em seguida é feita a caracterização dos(as) participantes, a descrição do instrumento

utilizado, bem como dos procedimentos de recolha e de análise de dados. No quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados do estudo empírico.

No quinto e último capítulo são apresentadas as principais conclusões do estudo e é realizada uma síntese e reflexão global acerca dos resultados obtidos. São ainda, referidas algumas limitações encontradas na sua realização e sugeridas algumas perspectivas de futuras investigações, no âmbito das relações de namoro adolescente e género.

Estudo Teórico

CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA E RELAÇÕES SOCIAIS

“A adolescência é tanto um modo de vida quanto um segmento do desenvolvimento físico e psicológico de um indivíduo. Ela representa um período de crescimento e mudanças em quase todos os aspectos da vida física, mental, social e emocional da criança. É uma época de novas experiências, novas responsabilidades e novos relacionamentos (...).”

Horrocks (1955, cit. por Silva, 2004, p.17)

Compreender as atitudes de adolescentes face à sexualidade e género, nas relações de namoro, mostra-se um projecto desafiador e aliciante, pela complexidade dos fenómenos envolvidos nesta temática do comportamento humano.

O presente trabalho procura estudar as dinâmicas de género implicadas na emergência, no desenvolvimento e na dissolução das relações de namoro, que podem ter consequências no bem-estar físico, psicológico e social dos(as) adolescentes.

Sob o olhar da psicologia social, mas ultrapassando o seu domínio exclusivo, pretende-se ter uma visão multifacetada e integrada de várias áreas do saber, no entendimento das relações de proximidade íntima no namoro, numa etapa crucial do ciclo vital - a *adolescência*.

Esta investigação procura constituir-se como um instrumento de influência social, orientada para a mudança na visão estereotipada acerca dos sexos, que rejeita qualquer forma de discriminação nas relações de namoro e pretende defender a igualdade de oportunidades de género.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período transitório da vida humana, uma etapa do desenvolvimento, entre a infância e a idade adulta, que se inicia com a puberdade e se caracteriza por mudanças e turbulências, desde o auto-conhecimento até aos relacionamentos interpessoais, reflexo de uma efusão hormonal intensa.

Nesta fase o ser humano encontra-se em processo de descoberta de si e do *outro*, que se manifesta numa complexa mistura de processos a nível externo e interno. De

certa forma, parte-se da turbulência causada pelas modificações físicas para a tentativa de resolução de uma série de problemas psicossociais, que caracterizam a passagem para a vida adulta e o estado de autonomia em relação aos progenitores.

A adolescência foi reconhecida como um período de desenvolvimento humano há relativamente pouco tempo. Apenas no último século foi possível definir este período como distinto da idade adulta. Como refere Sprinthall & Collins (1999) a sociedade adulta nem sempre reconheceu as características específicas da adolescência.

Stanley Hall (1905; cit. por Silva, 2004) foi um dos pioneiros nos estudos científicos sobre a adolescência, particularmente no final da Segunda Guerra Mundial e caracterizou esta etapa evolutiva da vida humana. Mas a adolescência só começou a ser alvo de maior número de estudos, a partir da década de 60 do século XX, pois nem sempre lhe atribuíram características específicas, no entanto, alguns acontecimentos sociais e culturais parecem ter influenciado o aparecimento desta fase específica do desenvolvimento humano (Silva, 2004).

A adolescência começou a ganhar espaço e estatuto devido ao reconhecimento científico das características evolutivas do crescimento humano e das fases de maturação sexual, conjuntamente com os avanços em termos de direitos humanos, particularmente em relação à luta contra o trabalho infantil (Silva, 2004). Nos últimos anos a adolescência é considerada uma etapa crucial do desenvolvimento, por ser a que marca não só a aquisição da imagem corporal mas, também, porque nela ocorre a estruturação da personalidade.

Partindo da origem etimológica da palavra **adolescência**, do latim *adolescere*, significa «*crescer*» e indica um período de mudanças significativas, descrito no senso comum através de uma simples frase popular: «*já não são crianças, mas ainda não são adultos*». O conceito relaciona-se com o crescimento físico, psicológico, social e humano do(a) jovem (Tavares *et al.*, 2007).

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2008) define a adolescência como a *segunda década da vida*, compreendida entre o período dos 10 aos 19 anos, e denomina a *primeira adolescência* (10-14 anos) e a *segunda adolescência* (15-19 anos).

De acordo com Fenwick & Smith (1993; cit. por Silva, 2004) existe um padrão geral de maturação adolescente, que se pode compartimentar em três estádios – inicial, médio e tardio:

- No estádio inicial, dos 11 aos 14 anos, ocorrem essencialmente as alterações hormonais, que provocam um comportamento rebelde, de provocação e, por vezes, agressivo. Durante esta fase os(as) jovens começam a valorizar as amizades.

- No estágio médio, entre os 15 e os 16 anos, o(a) adolescente torna-se menos autocêntrico, ganha maior capacidade de cedência e de aprender a pensar em si mesmo e a tomar as suas próprias decisões. Decorrente do estabelecimento de amizades, entre rapazes e raparigas, surgem os relacionamentos afectivos-sexuais e nesta fase, o(a) jovem procura aceitar a sua sexualidade e criar laços sentimentais. Em termos intelectuais, desperta maior interesse e curiosidade pelo mundo que o(a) rodeia e já pode diferenciar o real do possível.

- O estágio tardio da adolescência, compreende o período entre os 17 e 18 anos, que se caracteriza por alterações que se dimensionam para a independência.

No entanto, verifica-se que cada vez mais os(as) jovens permanecem mais tempo no seio familiar. Os(as) jovens procuram a integração na sociedade do trabalho e fora do contexto familiar, dedicando-se a uma área de estudos para adquirir futuramente autonomia financeira ou emocional. Mostram-se também mais aptos para os relacionamentos sexuais estáveis e procuram-se equiparar a adultos. Neste percurso caminham para um estado adulto progressivamente mais independente e autoconfiante (Fenwick & Smith, 1993; cit. por Silva, 2004).

Os períodos atrás citados são apenas uma referência teórica e em qualquer das etapas as raparigas tendem, de forma geral, a serem mais precoces no processo de maturação em comparação com os rapazes (Silva, 2004).

Além disso, não existe um consenso na literatura científica sobre as idades exactas das fases da adolescência, este facto é explicado de uma forma simples, a adolescência é um período de transição, que começa para muitos(as) autores(as) na puberdade e não se sabe quando termina. Situar o início da adolescência na puberdade é consensual, mas o seu termo é bastante controverso na medida em que obedece a factores de ordem sociocultural, onde devem ser adquiridos os valores, os padrões culturais e a identidade que caracteriza a passagem para a maturidade adulta (Fleming, 1993; Silva, 2004, Sprinthall & Collins, 1999; Tavares *et al.*, 2007).

Actualmente, o período da adolescência alargou-se devido ao aumento etário da permanência na escolaridade, devido à melhoria da qualidade de vida e devido às exigências do mundo social (Silva, 2004).

Como indica Ramos de Almeida (1987; cit. por Silva, 2004), a evolução psicológica da adolescência ocorre em quatro áreas interligadas: a emocional, a sexual, a intelectual e a social, englobando cinco etapas principais:

- 1- *A interiorização das alterações físicas.*
- 2- *O estabelecimento de um novo tipo de relações.*
- 3- *O aparecimento de um comportamento social responsável.*
- 4- *A evolução para uma personalidade em equilíbrio com os valores éticos da cultura vigente.*
- 5- *A capacidade para planear e orientar as suas actividades futuras”(p.27).*

Apesar da variabilidade individual inerente a esta fase, esta etapa de desenvolvimento passa por um todo experiencial comum. Todos(as) os(as) jovens parecem ser confrontados(as) com as mesmas tarefas desenvolvimentais, tais como a readaptação à sua nova imagem e estrutura corporais, o despertar da sexualidade e a aquisição de novas formas de pensamento (Tavares *et al.*, 2007).

Como etapa evolutiva, a adolescência engloba alterações pubertárias fundamentais de ordem biológica, devido às transformações físico-anatómicas e hormonais ao nível do corpo; de ordem cognitiva, pela capacidade em construir raciocínios mais complexos (segundo Piaget por volta dos 12 anos, no estágio das operações formais, o ser humano começa a ter capacidade de pensar de forma abstracta); de ordem psicológica, pelo crescente desenvolvimento da autonomia e construção da identidade e, de ordem social, devido à transição para o desempenho de novos papéis e novas relações sociais, nomeadamente o despertar da sexualidade (Fleming, 2004; Fonseca, 2002; Silva, 2004).

O crescimento durante a adolescência engloba uma acção combinada entre as modificações biológicas, sociais e cognitivas dos(as) jovens e os contextos ou domínios, nos quais eles e elas experienciam as descobertas, as exigências e as oportunidades que afectam o seu desenvolvimento psicológico. Estas modificações no seu conjunto interagem durante o desenvolvimento e na transformação do(a) jovem em adulto(a) (Silva, 2004).

As alterações múltiplas e profundas, ao nível bio-fisiológico, psicológico e social, anteriormente referidas, desenvolvem-se de forma diferente de adolescente para adolescente e exigem adaptações contínuas e rápidas, consoante as condições do seu contexto cultural, socioeconómico e familiar, que irão exercer influência no seu desenvolvimento (Fonseca, 2002).

Durante o desenvolvimento adolescente existem implicações específicas e directas na área da sexualidade, que despertam para o primeiro amor, para as emoções, paixões, fantasias e para o início das relações de namoro, que podem levar à partilha de intimidade e afectos.

Para Fleming (2004), após a prolongada permanência dos(as) jovens no meio familiar, o processo de transição da dependência para a autonomia transforma-se *não só numa etapa longa do ciclo de vida como numa etapa de alta «densidade sentimental» e densa conflitualidade psicológica específica, adiando a separação física dos pais - a saída de casa (p.21).*

1.1.1 TRANSFORMAÇÕES BIOFISIOLÓGICAS NA ADOLESCÊNCIA

A fase da adolescência é marcada pela emergência da puberdade, momento em que ocorre a maturação sexual, este processo de sexualização iniciado na vida intra-uterina conduz à maturidade plena das gónadas, tornando possível a reprodução.

Ao longo da adolescência o(a) jovem passa por mudanças físicas, umas directamente relacionadas com a reprodução (e.g., órgãos sexuais) como as características sexuais primárias e outras relacionadas com estruturas que permitem diferenciar os dois sexos, mas não estão ligadas à capacidade reprodutora (e.g., mudanças na voz, desenvolvimento muscular e forma do corpo) – características sexuais secundárias (Tavares *et al.*, 2007).

A idade em que se inicia o desenvolvimento pubertário é muito variável de adolescente para adolescente, situando-se em média por volta dos 10,5 nas raparigas e 11,5 nos rapazes (a duração média deste período encontra-se entre 3 e 4 anos). Com a puberdade verifica-se um conjunto de alterações morfológicas e fisiológicas, especificamente sexuais, que se manifestam em ambos os sexos, que culminam na maturação dos órgãos sexuais, assim como na capacidade de resposta à estimulação sexual (López & Fuertes, 1999).

Quadro 1 – Os estádios pubertários nas raparigas e nos rapazes
[Fonte: López & Fuertes, 1999, p.87]

ESTÁDIOS PUBERTÁRIOS NAS RAPARIGAS	ESTÁDIOS PUBERTÁRIOS NOS RAPAZES
<p>Estádio I - Pré-pubertário. Não existe desenvolvimento mamário.</p> <p>Estádio II - Inicia-se o desenvolvimento do tecido mamário sub-aureolar (botão mamário) e a auréola dilata-se. Podem aparecer pêlos nas axilas e/ou no púbis.</p> <p>Estádio III - Aumenta o desenvolvimento do tecido mamário e o da auréola. - Adensam-se os pêlos das axilas e do púbis. - Desenvolvem-se os grandes e os pequenos lábios e a mucosa vaginal altera-se. - Começa o odor corporal característico.</p> <p>Estádio IV - Aumenta o desenvolvimento do tecido mamário e a auréola torna-se saliente. - Os pêlos púbicos assemelham-se aos da mulher adulta e distribuem-se em triângulo. - Aparecimento de acne. - Aumenta o tamanho do colo uterino. - Pode ocorrer a menarca.</p> <p>Estádio V - Tecido mamário de adulta. - Menarca.</p>	<p>Estádio I - Pré-pubertário. Tamanho testicular de 2,5 cm.</p> <p>Estádio II - Aumento do tamanho testicular (2,5 - 3,2 cm). - Inicia-se a pigmentação escrotal. - Inicia-se o crescimento dos pêlos púbicos.</p> <p>Estádio III - Continua o aumento do tamanho testicular (3,3 - 4 cm). - Inicia-se o crescimento longitudinal do pénis. - Os pêlos púbicos adensam-se e os das axilas iniciam o seu crescimento.</p> <p>Estádio IV - Tamanho testicular de 4,1 - 4,5 cm. - Continua o crescimento longitudinal e em diâmetro do pénis. - Presença de pêlos púbicos. - Aumentam os pêlos das axilas e no resto do corpo. - Aparece a barba e o odor corporal característico. - Voz grave, acne e ejaculações.</p> <p>Estádio V - Tamanho testicular de 4,5 cm. - Órgãos genitais externos de adulto. - Pêlos púbicos e axilares de adulto. - Espermatogénese completa.</p>

O quadro 1 descreve, em termos gerais, os diferentes estádios do desenvolvimento pubertário, nas raparigas e nos rapazes. Nos rapazes um dos primeiros sinais pubertários é o crescimento do tamanho dos testículos e do escroto, acompanhado pelo aparecimento dos pêlos púbicos e, quase um ano mais tarde, inicia-se o crescimento longitudinal do pénis. O aumento da estatura, que se produz de forma rápida nos rapazes (em torno dos 13 anos), a mudança da voz, o aumento de massa muscular e óssea, e o crescimento de pilosidade pelo corpo são muitas das características que podemos enumerar. A produção de esperma pelos testículos é um acontecimento que é difícil de prever a idade exacta, no entanto, alguns estudos indicam que 50% dos rapazes, com mais de 15 anos, já tenham iniciado este processo (López & Fuertes, 1999).

Nas raparigas um dos primeiros sinais pubertários é o desenvolvimento mamário e a presença de pilosidade nas axilas e/ou no púbis, o alargamento das ancas, entre outros. As gónadas femininas – os ovários, começam a amadurecer ainda antes do início da puberdade, aumentando de volume e também, ocorre o desenvolvimento das trompas e útero. O endométrio torna-se proliferativo e acentua-se a secreção de muco. A vagina e a vulva aumentam de tamanho, pelo engrossamento das suas paredes. A primeira menstruação ou menarca, surge nas últimas fases do desenvolvimento pubertário, em média, por volta dos 12 anos, no entanto, a investigação sugere que existe uma conjugação de factores que podem influenciar, nomeadamente, factores socioeconómicos, culturais, climáticos, hereditários e nutricionais (López & Fuertes, 1999; Silva, 2004; Tavares *et al.*, 2007).

Na puberdade verifica-se um surto de crescimento físico, a altura, que indica que o ritmo de crescimento quase duplica em ambos os sexos, embora o processo se inicie dois anos mais cedo nas raparigas (López & Fuertes, 1999).

As transformações físicas da puberdade que originam modificações no corpo dos(as) adolescentes, são acompanhadas por mecanismos desencadeadores de mudança diferenciados em factores não hormonais e factores neuro-hormonais. Dos factores não hormonais destacam-se os de ordem genética e constitucionais, que podem condicionar os restantes, o sexo e as condicionantes nutricionais que podem atrasar o aparecimento da puberdade. Os factores neuro-hormonais dependem da acção do eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal, a reactivação deste eixo permite que o hipotálamo comece a ser sensível às hormonas segregadas pelas gónadas femininas e masculinas (López & Fuertes, 1999; Tavares *et al.*, 2007).

O hipotálamo estimula a segregação de FSH (hormona foliculo-estimulante) e LH (hormona luteinizante) por parte da glândula hipofisária, aumentando significativamente a sua circulação basal durante a puberdade. Consequentemente, as

gónadas – testículos (♂) ou ovários (♀) vão ser estimuladas pela FSH e pela LH, provocando, por um lado, a maturação das células germinais e, por outro, o aumento da secreção de hormonas sexuais pelas gónadas. Por fim, as hormonas sexuais produzidas pelas gónadas intervirão ao nível dos receptores periféricos, que intervêm na maturação pubertária (López & Fuertes, 1999; Silva, 2004; Tavares *et al.*, 2007).

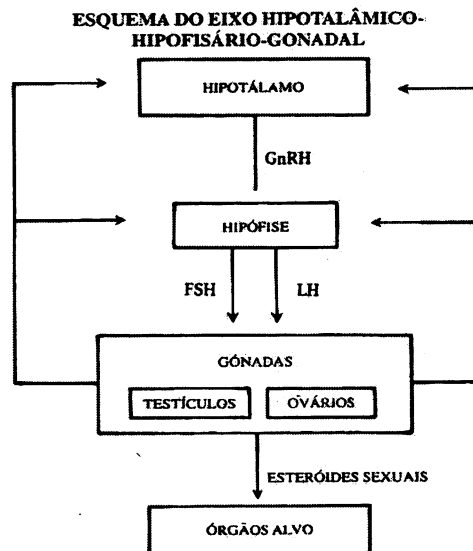


Figura 1 - Esquema do eixo hipotalâmico-hipofisário-gonadal

[Fonte: López & Fuertes, 1999, p.89]

Como podemos constatar, a partir da Figura 1, as transformações físicas da adolescência começam quando o hipotálamo estimula a glândula da hipófise a segregar hormonas – gonadotrofinas. Estas por sua vez estimulam os ovários e os testículos, glândulas sexuais femininas e masculinas, respectivamente, a produzir e lançar na circulação sanguínea os estrogénios (hormona sexual feminina) nas raparigas e a testosterona (hormona sexual masculina) nos rapazes e as glândulas supra-renais a produzir outras hormonas. Este mecanismo vai provocar mudanças no corpo, no funcionamento fisiológico e nos órgãos reprodutivos (Silva, 2004).

Antes do início da puberdade, várias glândulas como a hipófise e o hipotálamo estão em interacção funcional, mas um sistema de *feedback* controla a função dessas glândulas impedindo o seu total funcionamento. A partir de uma determinada altura, o hipotálamo deixa de ser sensível ao *feedback* negativo, havendo uma maior produção e libertação dos factores libertadores da gonadotrofina e uma maior sensibilidade do hipotálamo à sua acção, o que desencadeia a maturação pubertária nos rapazes e raparigas (Silva, 2004; Tavares *et al.*, 2007).

Podemos dizer que todo o sistema endócrino, no seu conjunto, participa para a evolução da puberdade em ambos os sexos. E como já vimos, as gónadas, a hipófise, a tiróide e as glândulas supra-renais têm um papel essencial para o crescimento, desenvolvimento e maturação dos caracteres sexuais (López & Fuertes, 1999).

Nos rapazes as erecções são agora possíveis e frequentes, surgindo as ejaculações nocturnas, enquanto que, nas raparigas o desenvolvimento dos seios e as mudanças no corpo têm um grande simbolismo sexual. Como já foi dito anteriormente, nas raparigas todo o processo de maturação sexual inicia-se mais cedo do que no sexo oposto e termina igualmente mais cedo (Tanner, 1991; cit. por Silva, 2004).

A sexualidade ao desenvolver-se na puberdade, desperta para as fantasias e impulsos sexuais, em que a possibilidade de concretização física do acto sexual aparece no imaginário adolescente (Sadock, 2005).

A contradição entre o corpo preparado para dar início à vida sexual e as restrições da família e da sociedade em geral, num(a) adolescente à procura de maturidade e no processo de definição da sua identidade sexual, conduz a uma “tensão sexual fisiológica” que necessita de descarga física. A forma habitual de aliviar essa tensão é o processo de masturbação, sendo na maioria das vezes mais precoce e com maior frequência nos rapazes. A masturbação adolescente, ao contrário da infantil, pode ser acompanhada de fantasias de relações sexuais com penetração, este processo permite uma progressiva consolidação da identidade sexual (Sadock, 2005).

As dificuldades enfrentadas pelo(a) jovem ao adaptar-se às alterações corporais são reflexo, em parte, dos padrões socioculturais relacionados com a atracção física no autoconceito dos(as) adolescentes (Sprinthall & Collins, 1999).

A adolescência é marcada pelo aparecimento da puberdade, mas devemos diferenciá-la desta, pois esta etapa da vida difícil de definir, ultrapassa o mero desenvolvimento bio-fisiológico, implicando outra série de mudanças essenciais de ordem psicológica, intelectual e social, que colocam o(a) jovem perante uma nova forma de se encarar a si próprio(a) e a tudo o que o(a) rodeia (Fleming, 2004).

1.1.2 TRANSFORMAÇÕES PSICOSSEXUAIS E SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência, esse período entre a infância e a idade adulta, caracteriza-se por um processo de maturação que dá ao indivíduo a possibilidade de adquirir um conjunto de elementos de ordem psicológica, social, económica e cultural, que lhe permitem futuramente autonomizar-se, de forma progressiva, em relação à família de origem (Fleming, 2004).

A noção de adolescência remete para um período de desenvolvimento *biopsicossocial*, porque caracteriza-se por mudanças sequenciais e interligadas, que vão envolver o corpo, o pensamento, a vida social e o *Eu* (Silva, 2004).

Ao nível intelectual o adolescente adquire uma nova forma de pensamento que lhe permite formular hipóteses, raciocinar sobre elas e extrair as suas próprias conclusões críticas, o que leva a pôr em dúvida tudo aquilo que anteriormente era facilmente aceite, bem como a orientar o seu afecto para determinadas ideias e valores, confrontando muitas vezes os(as) adultos(as) (López & Fuertes, 1999).

Outras mudanças, para além das verificadas ao nível intelectual, são igualmente importantes para entender o mundo adolescente, como o processo de formação da identidade pessoal e sexual, uma das tarefas mais importantes no que refere à sua personalidade, que analisaremos mais aprofundadamente no capítulo 2.

As grandes mudanças que o(a) adolescente tem vivenciado(a) representa um novo desafio de descoberta da própria identidade, isto é, de uma autodefinição única e consistente de si próprio(a). Na tentativa de descobrir o verdadeiro *self*, o(a) adolescente experimenta múltiplos *selves*, ou seja, múltiplas percepções sobre quem realmente é, como se percebe em diferentes contextos (Tavares *et al.*, 2007).

Segundo Tavares *et al.* (2007) na chegada à fase final da adolescência, moldada por todas as mudanças físicas e cognitivas que ocorrem, é iniciada outra etapa do desenvolvimento: a maturidade no relacionamento interpessoal.

As mudanças psicossociais vivenciadas na adolescência, isto é, a independência em relação aos progenitores, a aproximação aos pares, a assunção de novas responsabilidades perante a sociedade e uma nova fase de autopercepção são essenciais nessa maturidade social (Tavares *et al.*, 2007).

Outro aspecto a salientar, prende-se com o facto dos(as) jovens, em geral, reclamarem o direito à autonomia e liberdade mas não abdicarem da família protectora, prolongando cada vez mais a saída de casa dos progenitores e a sua verdadeira independência (Silva, 2004).

A capacidade de integração social, particularmente, no grupo de pares se mostra fundamental, visto que os(as) jovens vão procurando inicialmente um grupo unissexual, que depois se converte num grupo misto de rapazes e raparigas, sendo esta uma referência constante para a sua própria identidade, como aliás se menciona no capítulo 2.

Neste olhar podemos entender dois aspectos, em primeiro lugar a autonomia do(a) jovem passa pelo abandono das ligações aos primeiros objectos de amor - os progenitores (e.g., abandono da ligação edipiana), o que pode explicar as situações de conflitualidade e um crescente investimento em novos objectos através do estabelecimento de relações amorosas (Silva, 2004).

Para Blos (1962; cit. por Fleming, 2004) durante a adolescência tem lugar um segundo processo de separação-indivuação, que permite o afastamento dos objectos infantis internos, com a perda do *Eu* parental, o qual funcionaria até à adolescência, como auxiliar do *Eu* infantil. A autonomia, a individuação e a formação de identidade são fenómenos intimamente relacionados e interdependentes durante o período da adolescência, mas subsiste a necessidade de ligação aos progenitores tal como, subsiste a ambivalência sobre a autonomia.

Mas não devemos homogeneizar este período evolutivo fazendo generalizações para todos(as) os(as) adolescentes, pois sabemos que persistem traços comuns de maturação nos(as) jovens, não obstante os condicionalismos sociais que possam interferir no padrão anteriormente descrito, mas podem diferir outros factores na forma como se concretiza a maturação adolescente, pois existem também infâncias díspares.

Esta etapa marcada pelo percurso progressivo da dependência à autonomia, leva o(a) adolescente a preocupar-se com o seu corpo e com a sexualidade, na construção da identidade de género (Fleming, 2004).

A sexualidade é um aspecto essencial na existência de um(a) adolescente.

Aliadas às transformações pubertárias aparecem duas necessidades combinadas: a intimidade e o desejo sexual. A descoberta de si próprio(a) e do outro, enquanto objecto de desejo sexual, desenrola-se ao longo da adolescência. A presença de um corpo sexuado em fase de maturação e a procura de estatuto social, com crescente ganho de autonomia, caracterizam este período até à maioridade.

Para Alain Braconnier (1998) a sexualidade comporta *uma parte activa, necessita de uma elaboração mental, mobiliza o corpo e a sua imagem. Na realidade, desenrola-se a dois níveis, o da psique, sede das fantasias e dos fantasmas, e o da realização onde os fantasmas são agidos. Através da realização sexual, o adolescente vai tentar*

conciliar o imperativo da necessidade sexual, a afirmação da sua identidade sexuada e as diferentes representações a ela associadas (p.56).

O carácter complexo da sexualidade, enquanto parte do comportamento humano, tem suscitado muitos estudos que indicam que o grau de importância e impacto dos traços biológicos inatos, não é suficiente para compreender o processo de construção das identidades de género e sexuais, atribuindo-se maior ênfase às influências sociais e relacionais do que outros factores (Giddens, 2000).

De acordo com Rao Gupta (2000; cit. por Santos, 2004) a sexualidade é uma construção social, um conceito multidimensional e dinâmico. A sexualidade é influenciada por regras implícitas e explícitas, impostas pela sociedade, que dependem do sexo, da idade, da etnia, situação económica e cultural.

A influência das relações de poder na intimidade, entre os sexos, se tem traduzido no crescente reconhecimento da necessidade de se analisar como os(as) jovens manipulam estratégias (simbólicas ou não) de poder entre si, procurando compreender os comportamentos ou intenções discriminatórias (inclusive violentas) (Santos, 2004).

O conjunto de transformações que caracterizam a adolescência inclui importantes mudanças ao nível do desenvolvimento sexual, que se repercutem nos corpos dos(as) adolescentes mas, também, nas relações sociais com os progenitores, com os pares e outros adultos (e.g., professores(as)) e na forma de encarar o futuro.

A sexualidade a partir da adolescência manifesta-se através de sonhos sexuais, desejos, excitações, fantasias, masturbação e relações sexuais (Miguel, 1989). Está presente desde o nascimento, em que a relação afectiva entre mãe e o recém-nascido(a) será o primórdio da construção dessa sexualidade, mas irá sendo modificada ao longo da infância até à idade adulta, à medida que operam os factores biológicos, os cognitivos, os psicossociais e os culturais (Fonseca, 2002; Roque, 2001).

Na infância o interesse das crianças pela sexualidade é notório. As perguntas frequentes sobre o que distingue a rapariga do rapaz, a descoberta do corpo e, nomeadamente, a masturbação. Para os psicanalistas, como Alain Braconnier (1998), a sexualidade infantil não se limita à exploração dos prazeres ligados ao funcionamento do aparelho genital, ultrapassa este aspecto, pois todo o corpo parece ser fonte de prazer infantil.

Na adolescência a evolução física e sexual tem um ritmo acelerado, todo o processo de maturação desperta impulsos sexuais que podem levar aos comportamentos desviantes (e.g., consumo de álcool e drogas, relações sexuais desprotegidas) pois o

ritmo da maturidade biológica, muitas das vezes, não acompanha o ritmo ao nível do desenvolvimento intelectual (Laranjeira, 2004; Silva, 2004).

A evolução física e sexual, mais rápida do que a maturação intelectual, a valorização da experimentação, a autonomia, a afirmação e a confiança no grupo de pares, em substituição da família, podem ser algumas razões para explicar os comportamentos de risco, em que o risco principal é a saúde (Silva, 2004).

As diferentes dimensões humanas influenciam-se mutuamente, através de processos mediadores internos - afectivos, cognitivos e biológicos. Os processos afectivos associados aos comportamentos sexuais são o desejo, a atracção e o enamoramento. Enquanto que o desejo se baseia num interesse meramente instrumental do objecto de satisfação, a atracção supõe um interesse claro pelo objecto e o enamoramento centra-se na pessoa alvo de interesse (Roque, 2001).

Como já vimos, é na adolescência que é reconhecida a imagem do próprio corpo e do corpo do *outro*, que estão sempre em relação, mas os objectos de interesse mudam, nomeadamente ao nível afectivo, em que se desvalorizam os laços maternos e paternos e inicia-se o caminho para a escolha do(a) parceiro(a) sexual (Tavares *et al.*, 2007).

O desenvolvimento de uma preferência de objecto sexual (ou orientação sexual) está relacionado com o modo como a pessoa orienta o seu interesse sexual para elementos do mesmo sexo ou do sexo oposto. Esta preferência parece ser determinada pela interacção entre factores hereditários e biológicos e os factores psicológicos e sociais (Tavares *et al.*, 2007).

Ao ir aceitando a sua genitalidade a(o) adolescente inicia a busca do(a) parceiro(a) de um modo mais intenso, emergindo os contactos superficiais, os carinhos mútuos e o crescimento da intimidade afectivo-sexual. A necessidade de amar e de ser amado(a) intensifica-se, aliada ao auto-erotismo na procura do(a) outro(a) para amar, partilhar e ter prazer (Roque, 2001).

A sexualidade na adolescência depende de quatro factores psicosexuais: a identidade sexual, a identidade de género, a orientação sexual e o comportamento sexual. A identidade sexual é o padrão definido pelas características biológicas e sexuais, embora seja um processo de construção; a identidade de género está relacionada com o sentido de *ser masculino* ou *feminino* e estabelece-se precocemente na infância (cerca dos 2 ou 3 anos); a orientação sexual descreve o objecto dos impulsos sexuais (heterossexual, homossexual ou bissexual); o comportamento sexual inclui o desejo, as fantasias sexuais, o auto-erotismo e a procura de parceiros(as) (Sadock, 2005).

O(A) jovem através da realização sexual vai tentar conciliar a necessidade sexual, a afirmação da sua identidade sexuada e as diferentes representações a ela associadas. A mediação biológica e a cognitiva são também importantes. O desenvolvimento intelectual e linguístico acarreta mudanças na construção do conhecimento e na interpretação da realidade, afectando todos os comportamentos sexuais. Além de que, o juízo moral sobre a sexualidade determina os comportamentos/attitudes considerados moralmente aceitáveis (ou não) e influencia as práticas sexuais (Roque, 2001; Silva, 2004; Tavares *et al.*, 2007).

A socialização sexual é definida como o processo que permite ao(à) jovem tornar-se um *ser* sexuada, assumir uma identidade de género, assimilar os papéis sexuais e adquirir o conhecimento, as competências e as attitudes que permitam ao(à) próprio(a) inserir-se sexualmente numa cultura (Tavares *et al.*, 2007).

Esta sucessão de acontecimentos, escolhas e mudanças de cada um ou uma, retratada na multiplicidade de experiências de vida, leva a uma diversidade de condutas sexuais que integram factores pessoais, sociais e biológicos.

Assim, um desenvolvimento saudável necessita de uma base sólida para o estabelecimento de relações íntimas, ou seja, as relações entre pares estabelecidas na pré-adolescência são fundamentais para o desenvolvimento das capacidades psicológicas necessárias à intimidade, a qual assume uma função promotora de uma sexualidade madura na adolescência e na vida adulta (Tavares *et al.*, 2007).

Entendemos que as dinâmicas afectivas originam, assim, comportamentos sexuais, crenças, expectativas, fantasias e attitudes carregadas de significados que podem ser muito distintos de adolescente para adolescente, numa pluralidade de possibilidades. Contudo, o desenvolvimento psicosexual do(a) adolescente qualquer que seja o seu sexo, não pode ser isolado do resto do processo de desenvolvimento típico da idade.

1.2 AS RELAÇÕES SOCIAIS COM PROGENITORES E COM PARES

A investigação tem mostrado que tanto o contexto familiar dos(as) jovens, como os(as) amigos(as) do grupo de pares, a escola e os meios de comunicação são fontes de (in)formação que geram influências sociais no comportamento juvenil.

Os progenitores, os pares e professores(as) tendem a recompensar os comportamentos adequados a cada género sexual. No entanto, os rapazes são mais pressionados para a aprendizagem de comportamentos masculinos do que as

raparigas, pois facilmente são criticados ao adoptarem qualquer comportamento etiquetado como feminilizado (Tavares *et al.*, 2007).

Relativamente à família, os **progenitores** são os primeiros socializadores da criança e, como tal, influenciam os valores, as atitudes e as competências na vida sexual e amorosa dos(as) filhos(as) (Vilar, 2002).

No âmbito da educação familiar, os estudos empíricos indicam que existe um tratamento diferencial segundo o sexo, em aspectos particulares do comportamento. Contudo, quando os progenitores são questionados directamente, têm tendência a afirmar que não educam os rapazes e as raparigas de maneira diferente. A investigação tem mostrado evidências directas desta educação diferencial em função do género, nomeadamente, através dos brinquedos que são oferecidos às crianças e jovens, as tarefas domésticas que lhes são destinadas, quer indirectamente, por via das atitudes parentais e da modelação dos comportamentos de género (Vieira, 2006). Além disso, existem algumas diferenças entre pai e mãe na educação dos(as) jovens e, em geral, tem sido defendido que os rapazes são mais intensamente socializados do que as raparigas, pois recebem mais *feedback*, tanto dos progenitores como de outros agentes educativos, sendo sujeitos a maiores pressões, no sentido de se comportarem de acordo com as normas apropriadas para o seu género (Vieira, 2006). Nesta área, os estudos apontam para práticas tradicionais de socialização desenvolvidas pelos progenitores na adolescência, que promovem comportamentos de dependência, valorização das relações interpessoais, submissão e de obediência nas raparigas. Nos rapazes existe uma estimulação da independência, da autonomia, da realização pessoal e da assertividade (e.g., Carter & Wojtkiewicz, 2000; cit. por Vieira, 2006). No rapaz é estimulado o poder e a afirmação de *eu*, ao passo que nas raparigas são incentivadas as emoções e a capacidade de relacionamento social. As raparigas recebem uma supervisão dos progenitores mais estreita, com menor margem de liberdade nas relações amorosas, na realização das suas tarefas e na exploração do mundo (Vieira, 2006).

Segundo um estudo desenvolvido por Vilar (2002) com famílias portuguesas e jovens, com idades entre os 15 e os 20 anos, as atitudes e práticas parentais na educação sexual dos(as) filhos(as) são diferentes, claramente permissivas em relação à sexualidade dos rapazes e acentuadamente contraditórias e paradoxais no que se refere à sexualidade das raparigas. Aponta para mudanças no comportamento dos progenitores, em que a mãe é sobretudo a interlocutora principal, no domínio da comunicação sobre sexualidade (80% das raparigas e quase 50% dos rapazes admitiram conversar com os progenitores sobre a sexualidade adolescente). Além

disso, o estudo revelou que os progenitores concordavam com as acções de educação sexual nas escolas e que, quando estas aconteciam, eram um factor de diálogo familiar sobre as questões da sexualidade e não uma fonte de tensão entre as famílias e a escola. Contudo, o estudo de Vilar (2002) revelou uma perplexidade moral dos progenitores perante a sexualidade adolescente, onde se destacou a necessidade de melhorar a comunicação sobre esta área, entre os progenitores e os(as) jovens:

No desenvolvimento da adolescência, vai surgir uma libertação da tutela parental em troca de uma envolvente relação com os **grupos de pares**, na qual o(a) jovem vai adquirir a sua vida social. A investigação sobre fontes de informação sexual para adolescentes demonstra que os pares são uma das principais influências nesta área, ultrapassando a influência dos próprios progenitores na adolescência (Vilar, 2002).

É com os pares que o(a) adolescente procura as suas referências sobre normas e estatuto social. A socialização do(a) adolescente pelo grupo ou pelas relações de amizade existiu sempre e representa um passo para a sua maturidade, uma vez que ela conduz à sua autonomia perante a família (Silva, 2004).

As relações sociais na adolescência identificam-se com a procura de amizades, esta necessidade de ter amigos(as) está associada ao desejo do(a) adolescente se reconhecer a si mesmo e ganhar estatuto social, além de ser essencial para o processo de formação da identidade (Silva, 2004; Sprinthall & Collins, 1999).

Segundo Sprinthall & Collins (1999) existem dois tipos de influências que decorrem das relações com os pares: informal e normativa. Na influência informal os(as) colegas funcionam como fontes de conhecimento acerca dos padrões comportamentais, atitudes, valores e consequências dos mesmos em diferentes situações; enquanto que, na influência normativa, os pares exercem uma pressão social sobre os(as) jovens, no sentido de estes(as) se comportarem de acordo com os padrões seguidos pelos outros elementos do grupo a que pertencem. A influência dos(as) colegas sobre os(as) adolescentes é notória, quando rejeitam os valores dos progenitores em favor dos valores e comportamentos dos pares.

Como vimos, as distinções associadas ao género são originadas e reforçadas pelo processo de socialização, que é diferente para os rapazes e para as raparigas. Neste processo reproduzem-se os conteúdos simbólicos, associados a cada categoria sexual, pelo que os(as) jovens são influenciados(as) pelos modelos estereotipados disponíveis na sociedade e encorajados(as) a adoptar uma conduta associada ao género de pertença (Neto *et al.*, 1999). Todo o processo de socialização é reconhecido como condicionante do desenvolvimento adolescente, por ter um enorme significado, quer ao nível da construção da identidade, permitindo ao(a) jovem atingir a

individualidade, quer ao nível da integração social que será fundamental para a vida futura.

1.3 ATITUDES E COMPORTAMENTOS SEXUAIS

As **atitudes** são sistemas relativamente estáveis, de elementos psíquicos referenciados a um objecto de qualquer natureza, que suscitam na pessoa uma reacção, resposta ou série de respostas preferenciais sempre que se verifiquem situações em que esse objecto está implicado (Amorim, 1995).

O conceito de atitude foi adoptado pela psicologia social, por se referir a um âmbito de análise do comportamento social das pessoas, onde se cruzava a experiência pessoal com a cultura e que permitia romper tanto com as explicações exclusivamente baseadas em factores biológicos, como as explicações unicamente baseadas em factores sociológicos (Amâncio, 1994).

Segundo Insko & Schopler (1980; cit. por López & Fuertes, 1999) as atitudes são predisposições para avaliar favorável ou desfavoravelmente os objectos. Vão-se formando ao longo da vida como resultado de experiências e comportamentos aprendidos com os outros.

Para López & Fuertes (1999) as atitudes têm três componentes estreitamente interligadas que se reforçam mutuamente, formando uma estrutura de conjunto: cognitiva (opiniões ou crenças), afectiva (sentimentos concomitantes) e comportamental (tendência para actuar de uma forma determinada). No entanto, quando existe mudanças de conhecimentos, experiências afectivas ou comportamentais podem gerar-se desequilíbrios e levar a novas reestruturações.

O modelo de análise das atitudes decompõe o conceito de atitude em três dimensões, a cognitiva, que envolve as crenças e o conhecimento associado ao objecto da atitude; a avaliativa, que se refere aos sentimentos a favor ou a desfavor em relação ao mesmo objecto, e a combinatória das duas anteriores, sintetizada numa predisposição comportamental (Amâncio, 1994).

Para avaliar distintos temas relacionados com a sexualidade, foi desenvolvido o construto atitudinal erotofobia-erotofilia, uma dimensão bipolar ao longo da qual se agrupariam as pessoas segundo a sua predisposição a avaliar negativamente, ou positivamente, respectivamente (Roque, 2003; Vilar, 2002).

As atitudes Ocidentais em relação ao comportamento sexual foram, durante quase dois mil anos, moldadas pelo Cristianismo. Do ponto de vista da Igreja Cristã, todo o comportamento sexual era suspeito e devia ser mantido ao nível mínimo necessário à

reprodução, contudo muitas pessoas ignoravam a doutrina, envolvendo-se em práticas várias, como o adultério proibido e censurado (Giddens, 2000).

Até meados do séc. XIX, a sexualidade feminina era vivenciada no meio privado, particularmente no seio da instituição matrimonial, aliada à função reprodutora. Os corpos femininos eram escondidos cuidadosamente, o prazer e os desejos sexuais reprimidos, o erotismo ainda que fantasiado era apenas permitido aos elementos masculinos, pela cultura da época norteadada por valores da moral sexual. Pelo contrário, nos homens, o prazer e o desejo eram considerados normais, inatos e difíceis de controlar (Roque, 2001; Vilar, 2002).

O controlo social da sexualidade foi fruto das circunstâncias culturais, sociais e relacionais, além das sanções e avaliações sociais depreciativas da expressão sexual, que levaram à coexistência de comportamentos socialmente esperados, inapropriados, aceitáveis ou proibitivos, consoante o género masculino ou feminino (Alferes, 1997; Roque, 2001).

A forma diferente como as atitudes perante a sexualidade do homem e da mulher eram encaradas deu origem a um **padrão duplo sexual**, que persistiu por muito tempo e cujos resíduos ainda se mantêm até à actualidade (Giddens, 2000; Nodin, 2001). Retomaremos este assunto no capítulo 2.

Os movimentos sociais, ao longo do tempo, tentaram romper com as **atitudes conservadoras** tradicionais, que se caracterizavam por uma visão da sexualidade associada à reprodução, em que apenas eram legitimadas as condutas sexuais decorrentes de um casamento, com o intuito de constituir uma família (Giddens, 2000; Vilar, 2002). Embora os movimentos de reforma social procurassem intervir na moral sexual, a sexualidade dos(as) jovens devia ser contida, adiada até ao casamento, e a virgindade das raparigas continuava a ter um valor importante. O receio de uma gravidez pré-matrimonial (devido ao estigma da «mãe solteira») continuava a ser, um dos factores que estavam na base da atitude face à sexualidade das raparigas e que comprometia o conceito de respeitabilidade da família (Vilar, 2002).

Apesar das relações amorosas começarem a ser tema de eleição dos(as) jovens, sem imposição familiar (ao contrário das sociedades tradicionais), não deixavam de ser controladas para que não se misturasse sexo com namoro. O namoro tinha que ser autorizado pelos progenitores, evitava-se que os(as) jovens estivessem sós e dava-se preferência à frequência de locais públicos, pouco propícios a grandes intimidades (Vilar, 2002).

Durante o séc. XX, principalmente a partir da década de 60, muitas transformações sociais ocorreram que alteraram o olhar sobre a sexualidade (destacam-se os

trabalhos de Alfred Kinsey, nos Estados Unidos, nos anos 40 e 50), que permitiram valorizar o prazer sexual, as emoções, o estabelecimento de relações sexuais fora do casamento, o planeamento familiar e o uso de métodos contraceptivos, que culminaram numa dimensão mais positiva e permissiva dos comportamentos sexuais. A afirmação da liberdade sexual ganhou relevo com a invenção da pílula anticoncepcional feminina, que permitiu a valorização do prazer, separando claramente os fins reprodutivos (Alferes, 1997; Roque, 2001).

As **atitudes mais liberais** caracterizam-se por uma visão da sexualidade em que esta não é reduzida à reprodução. A sexualidade é entendida como uma dimensão humana com múltiplas possibilidades (e.g., prazer, procriação, comunicação e ternura), em que a pessoa ou o casal possam viver o seu corpo sexuado de uma forma mais livre, harmoniosa e gratificante. Em relação aos temas socialmente mais polémicos, como aborto, o divórcio, a contracepção, as relações pré-matrimoniais, a masturbação e a homossexualidade, as pessoas que participam da atitude liberal mostram-se partidários(as) de uma maior liberalização das leis e dos costumes sociais (López & Fuertes, 1999; Vilar, 2002).

Na actualidade, as atitudes tradicionais acerca da sexualidade coexistem com outras mais liberais, numa sociedade plural e democrática. Num ponto de vista tradicional, existem pessoas que, especialmente influenciadas pela doutrina cristã, condenam a experiência sexual pré-matrimonial, apoiam a *moral sexual* e rejeitam todas as formas de comportamento sexual excepto a heterossexual no seio do matrimónio, embora já seja mais aceite o prazer sexual como aspecto desejável e importante nas relações conjugais. Pelo contrário, existem outras pessoas que aceitam e aprovam a actividade sexual fora do casamento, mantendo uma atitude mais permissiva de tolerância face às práticas sexuais fora da norma (Giddens, 2000; López & Fuertes, 1999; Santos, 2004; Vilar, 2002).

Como já vimos, quando se trata de atitudes pessoais em relação à sexualidade, podemos distinguir dois grandes tipos: a atitude conservadora e a atitude liberal, embora ambas tenham um valor relativo em termos históricos e sociais, num dado contexto temporal. Nos países Ocidentais, as atitudes face à sexualidade tornaram-se progressivamente mais permissivas, em particular devido à liberalização sexual, dos últimos trinta anos (Giddens, 2000). Esta mudança lenta de mentalidades vai no sentido de uma crescente valorização positiva da sexualidade, principalmente das condutas sexuais femininas e uma maior tolerância face à sexualidade juvenil.

Mas as mudanças operam lentamente e sabemos que não é raro ver adolescentes adotarem atitudes e comportamentos aparentemente livres em matéria de sexualidade, no entanto, escondem na realidade uma grande inibição, reflexo por vezes das normas sociais impostas pelo contexto social, nomeadamente, pelos valores admitidos pelo grupo de pares e pela sociedade em geral (Giddens, 2000).

Para Braconnier (1998) o comportamento sexual dos(as) adolescentes alterou-se consideravelmente, as raparigas têm a sua primeira relação sexual numa idade que se aproxima da dos rapazes, o que permite que as jovens iniciem a sua vida sexual com pares da mesma idade. Considera que caminhamos para uma homogeneização progressiva do comportamento, independentemente do meio social, em contrapartida persiste uma dupla distinção entre os dois sexos.

Acreditamos que embora possam haver alguns traços comuns na vida sexual dos(as) jovens e certos fantasmas próprios do desenvolvimento sexual, segundo a faixa etária, encontram-se diferenças em todos os contextos culturais onde são evidentes as influências da organização social. Concordamos com Braconnier (1998), quando afirma que:

“(...) uma das tarefas do adolescente é precisamente encontrar pouco a pouco o caminho de uma sexualidade pessoal e satisfatória no quadro do casal e libertar-se, em certa medida, da tutela do grupo social que o rodeia, quer se trate do grupo formado pelos adultos e pelos pais ou do grupo de pares constituído por outros adolescentes”(p.59).

As atitudes perante a sexualidade e o género são formadas ao longo da vida do(a) adolescente, como resultado de experiências múltiplas e comportamentos aprendidos socialmente (Giddens, 2000). Neste contexto, o estudo empírico da nossa investigação pretende comparar as atitudes de raparigas e rapazes, face às relações de namoro adolescente.

Concordamos que o comportamento sexual juvenil sofreu grandes mudanças devido ao crescente acesso à informação, o que permitiu posições mais permissivas e liberais, contudo ainda parece persistir algum puritanismo social. Actualmente, dá-se, sem dúvida, uma maior liberdade aos(às) jovens mas, em muitos casos, apenas formal e entendida mais como algo que se permite e não como verdadeiros direitos sexuais e reprodutivos a respeitar (Roque, 2001).

Pensamos que, actualmente, há um aumento de permissividade, mas não de assistência em educação sexual e planeamento familiar. Assistimos, principalmente nos media, à utilização abusiva da instrumentalização da sexualidade com fins comerciais, pela via do marketing e publicidade estereotipada e, assim, desconsidera-



se a dimensão humana da sexualidade, que a nosso ver, deveria ser introduzida na educação como um campo de estudo fundamental (Giddens, 2000).

As estratégias de socialização, nomeadamente, a inclusão da temática da sexualidade no currículo formal escolar poderá contribuir para promover a educação sexual dos(as) jovens, como um prolongamento da educação familiar (Alferes, 1997; Roque, 2001; Vilar, 2002).

Achamos que a compreensão da sexualidade, como um processo complexo do comportamento humano, deverá contemplar o conhecimento das suas variadas dimensões e tomar em consideração que as atitudes em relação ao sexo são aprendidas, pois reflectem também as transformações sociais e culturais, numa dada sociedade.

As mudanças que foram verificadas ao longo do tempo, na área da sexualidade, assinaladas por muitos autores e autoras, permitiram a crescente libertação do corpo em relação aos juízos de valor morais, de *pecado* e do tabu da sexualidade como algo proibido, feio e culpabilizante.

Esta modificação permitiu aos jovens mudar significativamente o seu comportamento sexual e conquistarem níveis mais satisfatórios de relacionamento afectivo. Consideramos estas alterações como positivas mas outras há que dificultam e confundem os(as) adolescentes nos seus questionamentos internos (Vilar, 2002).

Estamos a recordar a década de oitenta, do séc.XX, com o aparecimento da SIDA (Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida), inicialmente vista como uma doença exclusiva de homossexuais, tornou-se um grave problema da sexualidade heterossexual por ser o contacto sexual a principal via de transmissão da infecção *HIV* (*Human Immuno-Deficiency Virus*). Para além de outras doenças sexualmente transmissíveis (DST), a SIDA colocou os(as) jovens numa situação preocupante, perante aquilo que aparentava ser uma conquista e um direito absoluto - o sexo (Alvarez, 2005).

A obrigação de educar para a sexualidade juvenil responsável, prevenindo as DST e, também, uma eventual gravidez indesejada, fez com que se desenvolvessem campanhas de sensibilização/informação em Saúde Sexual e Reprodutiva, de modo a preparar os(as) jovens para a vivência positiva da sexualidade não comprometendo os projectos de vida futuros.

CAPÍTULO 2 – GÉNERO, SEXUALIDADE E NAMORO ADOLESCENTE

“A adolescência, idade dos paradoxos, é ao mesmo tempo o momento de uma «intensificação do género» e de um potente sopro igualitário. É o período no decorrer do qual os rapazes e a raparigas sentem com mais força o poder considerável das suas características sexuadas e o efeito que elas suscitam no outro sexo. Mas é, ao mesmo tempo, o período do estado amoroso, aquele em que o «Eu se confunde com o Outro»”.

Braconnier (1998, p.64)

2.1 SEXO E GÉNERO

- ◆ Os humanos – rapazes e raparigas, são produto da *natureza* ou produto *cultural*? Produto do *Sexo* ou do *Género*?

A investigação genética aponta para profundas diferenças que existem entre os dois sexos. A herança genética inscrita nos cromossomas determina o **sexo** de cada adolescente e permite explicar um conjunto de características anatómicas, fisiológicas e até psicológicas, que contribuem para estabelecer claras diferenças entre sexos (Locker, 2004).

Nesta perspectiva essencialista, a diferenciação do masculino e feminino, no campo biológico, passaria por analisar as diferenças entre os dois sexos, começando por distinguir a carga genética nos cromossomas dos núcleos das células sexuais, XX – sexo feminino e XY – sexo masculino; depois os caracteres sexuais secundários, adquiridos durante a puberdade, as alterações na produção de hormonas, testosterona no homem e progesterona/estrogénios na mulher, entre outros (Locker, 2004; Martelo, 2004).

Sabemos que a influência hormonal na puberdade é marcante para o estabelecimento do dimorfismo sexual, pelo que a componente biológica também se reflecte nos comportamentos das raparigas e dos rapazes. A investigação indica que a hormona testosterona, que é determinante no comportamento sexual masculino, em elevados níveis na corrente sanguínea, pode estar associada a comportamentos “anti-sociais” e de risco, na medida em que pode potenciar a agressividade (Martínez, 2006).

Contudo, o determinismo biológico não parece ser suficiente para compreender a grande variedade de comportamentos, que se verificam nos(as) adolescentes, nem a

diversidade complexa de relações entre rapazes e raparigas assumidas, em diferentes contextos sociais (e.g., Amâncio, 2004; Nogueira, 2001; Saavedra, 2005; Vieira, 2006). Noutra perspectiva vem Braconnier (1996) referir que:

“Não se pode reduzir a natureza humana a cromossomas distintos ou a atributos sexuais. A educação, a experiência, mas também a sensibilidade própria de cada um, tornam os homens e as mulheres tão ricos como complexos” (p.179).

Logo só por este caminho não temos todas as peças do *puzzle* para o podermos montar e, assim, tentar responder à difícil questão de partida. Resta-nos ainda explorar outras pistas, embora não tenhamos uma verdadeira resposta para desvendar este problema.

A distinção entre os termos **sexo e género** foi debatida por muitos(as) autores(as). Por uma questão de clareza, devemos distinguir “sexo”, ou seja, diferenças biológicas e anatómicas dos(as) adolescentes, de “género” que diz respeito às diferenças socioculturais entre os rapazes e as raparigas (Giddens, 2000; Nogueira, 2001). A distinção entre sexo e género é fundamental, na medida em que muitas das diferenças entre homens e mulheres não têm uma origem biológica.

O conceito de **género** emerge no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, por volta dos anos 70, e abarca a distinção entre os atributos culturais assumidos para cada um dos sexos, expressando todo um sistema de relações que inclui o sexo, mas que transcende a mera diferença biológica, sendo um construto de natureza psicológica, cultural e social (e.g., Giddens, 2000; Louro, 2000; Martínez, 2006; Nogueira, 2001; Saavedra, 2005).

Martelo (2004), vem esclarecer-nos sobre a distinção entre sexo e género:

«(...) sexo é uma categoria biológica inerente ao indivíduo. O género é uma categoria social; é um conjunto de normas sociais impostas aos indivíduos constituindo um modelo de identidade psicossocial para o sexo feminino e para o sexo masculino. Ou seja, o género é constituído por um código com prescrições normativas e proibitivas de ser e de se comportar, diferente para cada sexo » (p.16).

A autora Joan Scott (1995; cit. por Louro, 2000, p.14), uma referência na teorização do género, considerou que *a diferença de género, ou qualquer tipo de diferença entre homens e mulheres que ultrapasse certos detalhes meramente físicos, é uma construção social, produto de um discurso cultural*. A diferença de género teria um efeito no campo simbólico, um produto da ordem instaurada pela linguagem que constrói a subjectividade do ser social. Estas diferenças fundam-se em símbolos culturais que evocam representações sociais históricas, crenças e mitos. As diferenças de género seriam também um meio primário de dar significado a relações de poder.

Segundo Scott (1995; cit. por Louro, 2000) o *género é um campo primário, dentro do qual ou por meio do qual o poder é articulado* (p.15).

Para Nunes (2007) o conceito de género é, também, uma construção social e cultural:

“Entendido como «realidade cultural», o conceito de género diz respeito àquilo que, ao longo do tempo, as sociedades humanas estabeleceram como indicadores de feminilidade e de masculinidade e que se repercute, quer na construção social dos modos de ser mulher e de ser homem e na organização social das relações entre os dois sexos, quer nos significados atribuídos à realidade social no seu conjunto, assente em múltiplos colectivos a partir dos quais cada indivíduo se situa face a si próprio e face aos outros”(p.34).

Com o conceito de género ganha-se uma nova ferramenta, ou seja, uma categoria de análise da realidade, tal como o são a classe social, etnia, o nível socioeconómico, entre outras. Por género entenda-se o conjunto de características diferenciadas atribuídas a rapazes e raparigas por cada sociedade ou cultura, segundo um processo de construção social, que se distingue da pertença sexual, a qual deriva da biologia (Amâncio, 2004; Vicente, 2002).

Este trabalho considerou a diferenciação de género, baseada em critérios socioculturais, que sublinham a variabilidade comportamental e a heterogeneidade de cada categoria de género.

Nesta reflexão o conceito de género aparece como uma categoria social a considerar, uma viragem epistemológica, passando-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, dando-se relevância à pluralidade de sujeitos sociais e às relações sociais (e.g., Amâncio, 2004; Louro, 2000; Nogueira, 2001; Saavedra, 2005; Vicente, 2002; Vieira, 2006).

Segundo Robert Connell (2002; cit. por Amâncio, 2004) o género não é visto como atributo pessoal e muito menos como mero substituto do sexo, mas como algo que interfere e está presente a vários níveis de análise: não só na vida de cada pessoa, mas também nas relações sociais, na cultura e nas instituições. Além disso, o processo de construção do género, em constante transformação, não pode ser visto também como exclusivamente imposto do exterior, visto que cada pessoa se situa na ordem de género ou reivindica o seu lugar, pela forma como fala, pensa, age e vive o seu corpo. Connell (2002; cit. por Amâncio, 2004) integra vários domínios da organização social, onde é possível identificar práticas, significados e padrões de relações marcadas pelo género: nas relações de poder, nas relações de produção, nas relações emocionais e nas relações simbólicas.

Segundo Spence & Helmreich (1980; cit. por Vieira, 2006): *os comportamentos associados ao género não são, simplesmente, função dos atributos de personalidade*

dos indivíduos, tendo de ser levadas em conta, entre outras, variáveis como os interesses e as atitudes (p.223).

Assim, a emergência do género, assente na subjectivização das diferenças biológicas, entendido como uma construção que envolve um conjunto de processos de ordem social e relacional, determinou uma nova visão sobre as diferenças entre os sexos (Amâncio, 2004).

O processo através do qual os rapazes se tornam homens e as raparigas mulheres difere, sendo que a socialização dos papéis masculinos e femininos, constitui um factor relevante nesta construção (Laranjeira, 2004).

As questões de género abordam as diferenças que são culturalmente construídas, explicitando como se edificam as relações sociais entre homens e mulheres, procurando explicar os atributos específicos que cada cultura impõe ao masculino ou feminino. Vicente (2002) esclarece acerca da construção social do género nos tempos contemporâneos:

“Não se pense que a construção social de género cessou com o avento da desconstrução ensaiada pelos feminismos. Constrói-se e desconstrói-se permanentemente. Nas universidades, no mundo científico, na família, nos tribunais, nos meios de comunicação social, nos discursos teóricos. É esta tensão que nos ajudará eventualmente a perceber melhor algumas coisas. Na construção da igualdade, optimisticamente, creio que homens e mulheres chegaram, no mundo ocidental, quase ao ponto do não retorno. É claro que poderemos ficar a patinar no mesmo sítio durante muito tempo. Mas talvez a partir desse ponto se procure saídas múltiplas para os novos relacionamentos – pois não haverá só uma estrada certa a seguir” (p.43).

2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

“A percepção do masculino ou do feminino e dos caracteres a eles associados - actividade ou passividade, dominação ou submissão, por exemplo - tem, evidentemente, um papel na resposta à questão «quem sou eu?». Esta identidade sexuada, parte integrante e mesmo fundamental da identidade do Eu, é chamada identidade de género”.

Braconnier (1998, p.62)

“A adolescência é o palco de uma busca de identidade”.

(idem, p.65)

◆ O que é ser rapariga adolescente? E rapaz adolescente?

Parece-nos ser uma questão complexa, porque cada pessoa tem uma identidade própria, que resulta de múltiplas pertenças, num processo dinâmico e mutável ao longo da vida. Além disso, a investigação aponta para o facto do processo de construção da identidade envolver não só aspectos estritamente biológicos, nem estritamente sociais, mas ser relacional.

A identidade do *Eu* engloba as diferentes identificações do sujeito, mas ao mesmo tempo põe em evidência as interacções psicossociais. A procura e a constituição da identidade sexuada são uma tarefa essencial do período da adolescência e, para alguns(umas) autores(as), a aquisição de uma estrutura estável é muitas vezes considerada o sinal que marca a entrada na idade adulta.

Apesar de, para Freud, a oposição feminino/masculino só se estabelecer durante a adolescência, para os psicanalistas que o sucederam acreditam que a identidade sexuada é adquirida muito antes da puberdade (Braconnier, 1998).

A identidade sexuada, por volta dos 5 ou 6 anos, está normalmente constituída, em que as crianças de ambos os sexos devem estar associadas nas mesmas brincadeiras e que, os(as) educadores(as) as tratem em conjunto, de igual forma. Sem isso, a descoberta natural do outro sexo durante a etapa seguinte, a adolescência, pode ocasionar uma clivagem entre a atracção física e sexual e a vida afectiva em toda a sua plenitude, tomando a sexualidade um rumo e o carinho e o amor outro rumo (Braconnier, 1998).

Como já vimos, no início da adolescência, os(as) jovens começam a ganhar autonomia e a construir a sua identidade própria, aproximando-se dos outros pares,

pelo que novos sentimentos brotam de partilha, de união, de aproximação física e sexual, que ligam pela primeira vez estes a outros seres humanos atenuando as diferenças.

Os estudos indicam que a família, a escola e o grupo de pares, jogam um papel determinante na construção da identidade das raparigas e dos rapazes (e.g., Alferes, 1997; Fonseca, 2002; Neto *et al.*, 1999; Neuenschwander, 2002; Roque, 2001; Silva, 2004; Vieira, 2006).

Segundo Silva (2004), o desenvolvimento psicossocial do adolescente vai condicionar a sua imagem de si próprio e de se relacionar com os outros, e pode resumir-se em 4 tarefas: *a autonomia, que se vai construindo face aos pais e à família; os projectos de futuro, que passam por um objectivo vocacional; o amadurecimento da sexualidade e o desenvolvimento de uma auto-imagem positiva, essenciais para a formação da identidade* (p.20).

Para esclarecer acerca dos processos de desenvolvimento da identidade na adolescência, estudados no contexto da psicologia clínica e da psicologia do desenvolvimento, interessa entender quais são as experiências de vida importantes, já que esses acontecimentos podem determinar o percurso da vida dos(as) adolescentes, a longo prazo.

Segundo Havighurst (1972; cit. por Neuenschwander, 2002), as experiências de vida importantes podem ser entendidas como tarefas de desenvolvimento, ou seja, tarefas cujo objectivo é dado através de normas sociais e/ou através de valores individuais, que podem determinar a construção da identidade dos(as) jovens. Havighurst enumerou 8 tarefas de desenvolvimento normativas para a adolescência, que foram actualizadas por Dreher & Dreher (1981; 1991; cit. por Neuenschwander, 2002) numa lista de 10 tarefas, que apesar de incompletas, reflectem um contexto cultural:

1. *Construção de um círculo de amigos: são estabelecidas novas relações, mais profundas em ambos os sexos.*
2. *Aceitação de manifestações novas do próprio corpo: transformações do corpo e aceitação do seu próprio corpo.*
3. *Apropriação de comportamentos que, na sociedade, se esperam de um homem ou de uma mulher.*
4. *Início de uma relação íntima com um companheiro ou companheira (namorado/namorada).*
5. *Tornar-se independente da casa paterna ou desvincular-se da casa dos pais.*
6. *Saber o que se quer e o que é necessário saber (aprender) para tal.*
7. *Desenvolver representações acerca de como devem ser os futuros parceiros e família.*
8. *Ter-se a si mesmo em imagem: saber quem se é e o que se quer.*
9. *Desenvolvimento da sua própria representação do mundo: ter consciência de quais os valores a que se dá importância e que deverão ser aceites como normas do seu comportamento.*
10. *Desenvolvimento de uma perspectiva de futuro: planear a sua vida e controlar objectivos que se pensa poder atingir”* (p.39-40).

A fase da adolescência compreende um conjunto de transformações e tarefas de desenvolvimento que se produzem no interior de cada adolescente: auto-imagem, auto-estima, capacidades de julgamento moral, desenvolvimento na tomada de decisões, novos sentimentos sexuais - e que se reflectem nas suas relações com os outros, particularmente com os pares e com os adultos (Vilar, 2002).

Segundo a teoria psicossocial de Erikson (1968) sobre o desenvolvimento da identidade, esta é um subsistema do *ego* (princípio de organização que verifica a realidade, concilia-a com os impulsos sexuais do *id inato* e com as normas interiorizadas do *super ego*) e designa a sua função: estabelecer um equilíbrio entre as próprias exigências e as exigências sociais.

Erikson (1968) estabelece oito estádios do desenvolvimento psicossocial, que se distinguem através de uma tarefa central de desenvolvimento e de um conflito psicossocial típico da idade. Na adolescência o conflito dominante é a construção de uma identidade, onde prevalece a confusão/mudança de papéis.

Da resolução do conflito resultaria a possibilidade de avançar, com maior ou menor maturidade, para as tarefas do desenvolvimento do estágio seguinte. Segundo Erikson (1968), esta procura de identidade força o(a) adolescente a rejeitar e a revoltar-se contra os progenitores, a função desta rejeição é libertar o(a) adolescente das identificações infantis e do controlo/autoridade, tendo aqui lugar importante os contextos psicossociais envolventes, nomeadamente, o grupo de pares, a família, a escola e outras instituições.

As alterações físicas, psicológicas e sociais provocam no(a) adolescente crises de identidade, que podem ser resolvidas mediante o desenvolvimento de alguns aspectos da sua nova identidade: uma identidade sexual, que complemente a identidade de género já adquirida na infância e a compreensão da sua própria sexualidade; uma identidade vocacional, ou seja, uma concepção do que deseja ser enquanto adulto(a) e uma identidade ideológica, que revela um sistema de crenças, de valores e de ideias (Roque, 2001).

Podemos dizer que a identidade dos(as) jovens contém conotações psicológicas, biológicas, sociais e de desenvolvimento (Neuenschwander, 2002)

Segundo Fonseca (2002), a 1ª fase da adolescência (10-13 anos) caracteriza-se por comportamentos de auto-erotização e de auto-experimentação, o que pode levar os(as) adolescentes a projectar as suas fantasias eróticas num elemento próximo, com relação afectiva. Na 2ª fase (14-16 anos) prevalece uma visão autocrítica do próprio corpo e uma percepção das diferenças entre os corpos dos outros, nesta fase poderá haver experiências heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, vivências diferentes

de expressar a sexualidade. Na 3ª fase da adolescência (depois dos 16 anos), etapa que vai ser alvo do nosso estudo empírico, o envolvimento afectivo vai-se tornando mais estável, as vivências pessoais passam pelos afectos, partilha, procura de prazer e intimidade, fruto do conhecimento do *outro*.

Através da realização sexual, o(a) adolescente vai tentar conciliar a necessidade sexual, a afirmação da sua identidade sexuada e as diferentes representações a ela associadas. A identidade de género é utilizada para explicar o sexo psíquico, distinto do sexo biológico que se manifesta na puberdade com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários (Braconnier, 1998).

A identificação de uma pessoa, como rapaz ou rapariga, mobiliza saberes e significados, socialmente construídos num dado contexto temporal, que servem para interpretar a realidade e orientar as práticas sociais (Amâncio, 2004).

Na afirmação das identidades sexuais e de género, não se operam apenas as características biológicas, o processo envolve uma construção cultural e social, onde se distinguem diferenças sexuais, raciais, de classes, de religiões, étnicas e culturais (Louro, 2000).

Assim, existem muitas maneiras de ser rapariga ou de ser rapaz, devendo respeitar-se as identidades de género e sexuais, particularmente no espaço escolar, e especialmente, para as sexualidades que saem fora da *norma heterossexual*, e que têm sido alvo de marginalização, como os seres humanos homossexuais ou bissexuais, ou os que vivem a sua sexualidade sem parceiros(as) (Amâncio, 2004; Louro, 2000).

Louro (2000) acerca da construção de identidades sistematizou os aspectos mais relevantes:

“Portanto, as identidades sexuais e de género (como todas as identidades sociais) têm um carácter fragmentado, instável, histórico e plural (...). O locus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela História, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade” (p.104).

A identidade sexual como pertença de género, distingue-se da orientação sexual que é determinada a partir da 3ª fase tardia da adolescência (a maturação sexual das raparigas é mais precoce, mas termina mais cedo), os relacionamentos sexuais mostram-se mais estáveis, e os(as) jovens dimensionam-se para a independência e responsabilidade (Silva, 2004).

A escola é um dos espaços privilegiados para o processo de socialização e, é vista como um subsistema cultural transmissor de valores, crenças, códigos sociais que

influenciam as atitudes e os comportamentos dos(as) jovens, que serão os futuros cidadãos e cidadãs. A educação determina a construção da identidade de género, na medida em que influencia a forma como os rapazes e as raparigas se representam socialmente e conseqüentemente, a forma como pensam e agem, individualmente e colectivamente (Rodrigues, 2003).

De acordo com alguns sociólogos, todos nós «fazemos género» nas interacções sociais com os outros, pois no decorrer de milhares de acções diárias reproduzimos socialmente, fazemos e refazemos o género (Giddens, 2000).

Segundo Giddens (2000), as diferenças entre o comportamento dos homens e das mulheres, desenvolvem-se principalmente através da aprendizagem social das identidades femininas e masculinas – a **feminilidade** e a **masculinidade**.

Com base nas abordagens de género, as definições da masculinidade hegemónica como modelo tradicional impõem ao homem que abandone parte de si mesmo, na medida em que os sentimentos de emoção ou afeição devem ser reprimidos, sob pena de comprometerem a sua identidade como “*verdadeiros*” homens (Santos, 2004).

Pelo contrário, exigem-se socialmente sinais de virilidade, bravura, independência, audácia, instrumentalidade, competitividade e mesmo agressividade ao género masculino (Laranjeira, 2004).

A independência emocional é uma parte integrante da aquisição de uma masculinidade autónoma, pelo que os rapazes são socializados, precocemente, para não procurarem ajuda ou apoio, para ter vergonha dos seus sentimentos de vulnerabilidade e necessidades de afecto, o que pode levar os jovens rapazes a sentir insegurança relativamente à sua capacidade para corresponder ao ideal de masculinidade (Pollack, 1998; cit. por Laranjeira, 2004).

Alain Braconnier (1998) tratou no seu livro intitulado «*O sexo das emoções*», das supostas diferenças afectivas entre os sexos, reflexo do contexto sociocultural e considerou que:

“Desde há muito tempo que temos por adquirido que as mulheres são mais emotivas do que os homens. Será isso verdade?”

De facto, a principal diferença não está aí. As investigações feitas recentemente em psicologia estão todas de acordo: as mulheres exprimem mais facilmente o que sentem e percebem melhor o que os outros sentem. Não são, portanto, mais emotivas, mas comunicam as suas emoções melhor do que os homens. (...) A instrução dos pais e das mães, a atitude dos professores e o contexto social no seu conjunto reforçam desde muito cedo, e na maior parte das vezes, sem que uns e outros o saibam, as atitudes emocionais potencialmente diferentes. Aprendemos desde a mais tenra idade a comover-nos de forma diferente. Para além da genética, é a educação, no sentido amplo do termo, que favorece o desenvolvimento das diferenças” (pp.11-12).

Os estudos indicam que a ideologia tradicional de masculinidade está mais marcada nos rapazes, pois o estatuto social masculino é interiorizado de uma forma mais

efectiva na definição da sua identidade de género (e.g., Doss, 1998; cit. por Laranjeira, 2004). Embora, as raparigas sejam também sujeitas a sanções sociais sempre que se afastam das normas tradicionais definidas para a sua identidade de género (Laranjeira, 2004).

No entanto, a masculinidade não constitui um atributo dos seres homens, tal como a feminilidade não é um traço das mulheres, ambas constituem formas de pensar, dizer e fazer construídas socialmente em diversos domínios da vida em sociedade (Amâncio, 2004).

Por exemplo, a exposição aos comportamentos de risco por parte dos(as) jovens adolescentes, é influenciada por inúmeros factores, não só pelo sexo mas, em grande parte, pelas práticas sociais de género e outros aspectos, num processo complexo de possibilidades.

Determinados padrões comportamentais, ligados a uma certa forma de “ser homem”, ou seja, à construção da masculinidade dominante levam alguns jovens ao consumo do álcool, à condução agressiva e à sexualidade compulsiva e irresponsável. Os jovens apresentam maior susceptibilidade de contágio de doenças sexualmente transmissíveis (e.g., contágio do VIH), devido aos comportamentos negligentes face ao sexo e riscos relacionados com uma gravidez indesejada na parceira, constituindo ameaças graves à saúde e à vida (Amâncio, 2004; Fonseca, 2002; Laranjeira, 2004).

É durante a adolescência que ocorre uma maior exposição aos riscos, pelo que o processo de socialização será determinante na (re)construção da identidade de género, que passará pela necessidade de adquirir um estatuto social autónomo, de transição para a idade adulta e uma procura de reconhecimento pelos pares. A adolescência é uma etapa onde a prevalência de comportamentos de risco é elevada, simultaneamente, é nesta fase que se faz um grande investimento em termos de qualidade de vida futura (Fonseca, 2002).

Segundo Braconnier (1996) as diferenças que se manifestam na adolescência, como as perturbações do comportamento, perturbações funcionais ou perturbações do humor são explicadas pelo peso das diferentes culturas “afectivas”, identificáveis praticamente desde o nascimento. Nesta perspectiva parece-nos que para além da genética humana, a influência da educação, no sentido amplo do termo, será determinante para o desenvolvimento das diferenças entre os rapazes e as raparigas. Braconnier (1996) esclarece acerca das diferenças comportamentais durante a adolescência apoiando-se na análise cultural:

“Nesta idade, os rapazes adoptam comportamentos violentos, abusam do álcool ou das drogas: passam ao acto e utilizam o mundo exterior para descarregar a sua violência. As raparigas exprimem mais o seu mal-estar através de queixas somáticas, expondo

assim, inconscientemente, o corpo, ou ainda através de emoções dolorosas que reenviam para o seu mundo interior” (p.90).

Em torno desta questão Neto *et al.* (1999), salienta que a instrução dos progenitores no seio familiar, as atitudes dos(as) professores(as) na instituição escolar e o contexto social no seu conjunto reforçam, precocemente, estereótipos de género, que de uma forma sub-reptícia e com frequente inconsciência, vão influenciar as atitudes emocionais potencialmente diferentes entre sexos. A investigação nesta área salienta a influência dos estereótipos de género, que vão ter repercussões nos comportamentos, atitudes e expectativas das raparigas e dos rapazes.

Na nossa opinião, os rapazes aprendem precocemente a controlar as suas emoções e muitas vezes, ouve-se dizer que os homens *não choram*, o que indica que aprendemos socialmente a comover-nos de forma diferente, o que remete para códigos de masculinidade e feminilidade diferenciados.

Segundo Nogueira (2001), os papéis de género vão despertar expectativas partilhadas acerca das qualidades, atitudes e comportamentos apropriados de raparigas e rapazes, em função de seu género socialmente definido, pelo que *induzem quer directa quer indirectamente, as diferenças sexuais estereotipadas* (p.191).

A pressão para aderir às normas estereotípicas e tradicionais, da masculinidade e feminilidade, parece influir não só na adopção de atitudes e condutas, como nas percepções dos(as) jovens perante a sexualidade (Giddens, 2000).

Assim, é a **identidade de género** que possibilita às raparigas e aos rapazes se reconhecerem como pertencentes ao género masculino ou feminino, com base nas aprendizagens sociais e culturais, que se estabelecem a partir do nascimento (Saavedra, 2005).

Segundo Ferreira (2002) a identidade de género é uma *espécie de autoconstrução, simultaneamente singular e colectiva, e é a participação num determinado género que dá forma aos sentimentos e às cognições de cada indivíduo, pelo facto de ser homem ou ser mulher* (p.80).

Entendemos que, o conceito de papel de género deva ser compreendido de forma mais flexível, aproximando os modelos masculino e feminino e, susceptível de transformação social, com base nas mudanças de atitudes e valores que se vão operando na sociedade, contemplando a diversidade de raparigas e rapazes. Acreditamos que a ordem de género, como diria Connel (1987; cit. por Amâncio, 2004), está a mudar e isso, irá reflectir-se necessariamente nas relações juvenis, tanto na esfera pública como na privada.

Contudo, de acordo com Giddens (2000), parece existir uma diferença na forma como os elementos masculinos e femininos percebem o sexo, especialmente no domínio

da relação entre sexo e amor. A investigação psicossociológica tem analisado as diferenças entre os sexos ao nível do comportamento sexual, utilizando diferentes termos como: papéis sexuais, diferentes *scripts* e diversos discursos de género (Santos, 2004).

O desenvolvimento sexual pode ser explicado por várias teorias, mas aquela que vamos nos centrar neste trabalho é a teoria construtivista da sexualidade, designada por **teoria dos *scripts* sexuais** de Gagnon & Simon (1986; cit. por Alferes, 1997), numa perspectiva de análise psicossocial. Esta teoria assenta na especificidade dos processos de construção social e nas instâncias culturais, interpessoais e intrapsíquicas de regulação dos comportamentos sexuais, questionando a naturalização da sexualidade humana.

Nesta concepção a sexualidade humana não constitui uma entidade autónoma e biologicamente determinada, por necessidades meramente fisiológicas e pulsões sexuais, mas uma entre muitas actividades humanas. Esta teoria focaliza-se no carácter construído e na significação pessoal da sexualidade humana, concretamente, o essencial não reside nas oposições clássicas reprodução/prazer ou heterossexualidade/homossexualidade, mas sim na forma como tais dicotomias ganham ou perdem sentido em função das pessoas e das circunstâncias, de ordem cultural, interpessoal ou intrapsíquica que as rodeia (Alferes, 1997).

Segundo Alferes (1997) os *scripts sexuais* são casos particulares de *scripts sociais*, definidos como esquemas socialmente construídos, que regem o desenvolvimento sexual, para dar significado à orientação da acção.

Este conceito de *script* parece aproximar-se ao conceito de representação social de Moscovici (1976; cit. por Alferes, 1997) pelas suas funções, por serem formas práticas socialmente construídas e partilhadas pelos actores sociais, constituindo sistemas de interpretação e de categorização do real, como modelos ou guias de acção.

Em suma, os *scripts sexuais* funcionam como estrutura cognitiva, ao nível da compreensão dos acontecimentos e não só, também, organizam o comportamento sexual, definem as situações de interacção e geram expectativas nas relações humanas. Segundo Gagnon (1977; cit. por Alferes, 1997) no seio de uma dada cultura, os *scrips sexuais* especificam:

“a) quem são os possíveis parceiros sexuais; b) em que circunstâncias – onde e quando – é apropriado comportarmo-nos sexualmente e que tipo de actividades – o quê e o como – nos são «permitidas»; c) quais os motivos ou razões – porquê – que nos levam a comportar de modo sexual” (p.35).

2.3 GÉNERO, SEXUALIDADE E ESTEREÓTIPOS

O comportamento dos(as) jovens, nas interacções sociais, é influenciado pelo conhecimento adquirido através da organização da informação marcada pela persistência de estereótipos, que subsistem na medida em que são apreendidos e valorizados como *imagens mentais simplificadas*, partilhadas nos seus aspectos principais por grande parte dos indivíduos (Ferreira, 2002; Neto *et al.*, 1999).

Amâncio (1994) esclarece acerca do conceito de «estereótipo»:

“(...)a partir do conhecimento da sua categoria social de pertença a um grupo e da concepção subjectiva dos modos de ser associados às categorias sociais está intimamente ligado com o conceito de estereótipo. (...) A formação dos estereótipos, por exemplo, é vista como resultante do sistema de valores dos indivíduos e constituindo uma ordem significativa da realidade que lhe permite orientar-se a adaptar-se, e a interdependência entre estereótipo e sistema de valores é considerada determinante da resistência à mudança e da rejeição da informação que é incongruente com o estereótipo” (p.35).

A definição de estereótipo aparece na investigação da psicologia social, e foi entendido como uma imagem interposta entre o indivíduo e a realidade, com carácter subjectivo e pessoal, cuja formação assenta no sistema de valores individual. Considera-se algo falso, perigoso e revelador de falta de conhecimento, apenas passível de modificação através da educação que consciencialize o sujeito da ausência de fundamento nos seus juízos (Neto *et al.*, 1999).

No final dos anos 60 e início dos anos 70, nos Estados Unidos, Broverman e colaboradores (Broverman, 1968; cit. por Leal, 2006) realizaram uma extensa pesquisa sobre estereótipos de homens e mulheres, que indicaram que as características atribuídas como sendo do masculino eram diferentes das femininas e até, genericamente mais desejáveis.

Mais tarde, num novo estudo desenvolvido nos Estados Unidos por Bergin & Williams (1991; cit. por Leal, 2006) demonstrou diferenças nas representações estereotipadas de homens e mulheres, que classificou o masculino com *competência, independência, actividade, competição, lógica, autoconfiança, espírito de aventura e ambição*; e associou o feminino, a adjectivos como *caloroso, expressivo, gentil, sensitivo, cuidadoso, religioso, calmo, interessado em artes e literatura e capaz de exprimir ternura* (p.63).

Estudos similares na Europa, vieram corroborar conclusões semelhantes, nomeadamente, estudos portugueses (e.g., Amâncio, 1994).

Amâncio (1994) realizou um estudo, de carácter quantitativo, sobre os estereótipos sexuais e suas conotações valorativas. A metodologia utilizada consistiu em

apresentar aos sujeitos de ambos os sexos, uma lista de 94 traços já construídos, para serem classificados em masculinos e femininos, para a caracterização das categorias sexuais. A amostra foi constituída por 188 estudantes do ensino superior, trabalhadores(as) e não-trabalhadores(as), entre os 20 e 45 anos. Esta investigação revelou que o género masculino aparece associado à dominância, independência e à instrumentalidade e, o género feminino, à submissão, dependência e expressividade, havendo um maior número de traços masculinos que são positivamente valorizados.

As conclusões de Lígia Amâncio (1994), através de um estudo realizado mostraram que os estereótipos sexuais difundidos através da socialização escolar e exercidos noutros contextos, afectam os comportamentos entre os sexos.

A investigação indica que as crianças desde idades muito precoces (3-5 anos), demonstram já representações diferenciadoras dos papéis sexuais que se desenvolvem durante a infância e estabilizam por volta dos 10 anos (Williams, Bennet & Best, 1975; cit. por Leal, 2006).

Muitos estudos realizados apontam para o facto das masculinidades prevalecerem sobre as feminilidades, ao longo do tempo, uma desigualdade existente na base de toda a sociedade humana, que se repercutiu nos mitos, nas percepções, nas crenças, nos comportamentos, nos estereótipos, nas representações sociais, sob as quais ainda hoje vivemos, e que afectam os(as) jovens na escola, na família e na sociedade em geral (e.g., Amâncio, 1994; Nogueira, 2001; Saavedra, 2005).

Assim, segundo Tajfel (1963; cit. por Amâncio, 1994) os conteúdos dos estereótipos sociais, enquanto compartilhados por grupos sociais, representam a idealização de comportamentos e acções desses grupos, categorizados segundo critérios socialmente valorizados.

Os **estereótipos de género** são um subtipo de estereótipos sociais, e estão submetidos aos mesmos processos psicossociais que os outros estereótipos, exercendo influência numa vasta gama de atitudes e comportamentos individuais e colectivos. Podemos dizer que os estereótipos de género incluem as representações gerais, aceites e valorizadas socialmente acerca do que os rapazes e as raparigas devem ser, designamos por traços de género, e aquilo que *fazem* designamos de papéis de género. Os estereótipos instalados têm tendência a resistir à mudança, porque o processo de estereotipia nos indivíduos é realizado de forma inconsciente, de fraca aceitação e reconhecimento por parte daqueles ou daquelas que os possuem (Ferreira, 2002; Neto *et al.*, 1999).

Dos estudos realizados, podemos inferir que a adopção dos comportamentos esperados socialmente e o empenhamento natural nas tarefas apropriadas ao seu género, irá nortear as atitudes e os posicionamentos dos rapazes e das raparigas,

tendo estas experiências distintas, o que poderá ter repercussões no seu desempenho e no seu desenvolvimento ao nível cognitivo, motor, social e afectivo.

As descrições que os(as) adolescentes fazem de si próprios(as) e uns sobre os outros reflectem, também, os estereótipos que marcam um contexto sociocultural. As representações do *ser masculino* e do *ser feminino* carregadas de estereótipos perduram na nossa sociedade, criando desigualdades de ordem variada, pelo que existe um caminho longo a percorrer para a mudança social de papéis, que permita colocar os homens e as mulheres no mesmo patamar, em situação de igualdade.

Concordamos que o peso da educação é um aspecto fulcral e a força dos estereótipos sociais que os progenitores, os(as) professores(as) e os pares transmitem, muitas vezes, inconscientemente, influenciam o desenvolvimento sexuado das emoções.

Os trabalhos realizados por Michel Huteau (1995; cit. por Braconnier, 1998) sobre os projectos dos jovens, a frequentar o equivalente 12ºano de escolaridade português, mostrou que as raparigas se julgam mais emotivas e mais sociáveis do que os rapazes, estes mais audaciosos, ambiciosos e individualistas do que elas. Estas características emotivas têm repercussões nas escolhas futuras, nomeadamente, nas relações amorosas, área de estudos e carreira profissional. *As raparigas gostam de informar, de comunicar, de ajudar, de tratar, de se ocuparem dos outros; os rapazes gostam de fabricar, de realizar, de pesquisar, de inventar, de estudar. O trabalho é um espaço de convivalidade para as primeiras, de valorização social para os segundos* (p.65).

Podemos, dizer que os(as) adolescentes fazem as suas escolhas futuras em função da sua identidade sexuada, marcada pelo processo de estereotipia, que permite representações sociais associadas à pertença a um ou a outro sexo.

A sexualidade é uma dimensão essencial no desenvolvimento dos(as) jovens, uma vez que se refere ao modo como cada um(uma) se relaciona consigo próprio(a) e com os outros, na procura de amor, contacto e intimidades (Nodin, 2001).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2008), a sexualidade tem influência sobre sentimentos, comportamentos e interacções, podendo afectar igualmente a saúde física e mental dos indivíduos.

Neste sentido, o estudo das atitudes pessoais dos rapazes e raparigas adolescentes, face ao namoro, se reveste de particular importância uma vez que as consequências dos relacionamentos amorosos podem interferir na saúde dos(as) jovens e, desta forma, também atingir a sua integridade a vários níveis.

A sexualidade na adolescência engloba um conjunto de experiências de aprendizagem social, nomeadamente, entre os pares, que geram expectativas e desenvolvimento de

papéis sexuais de acordo com o género. Nesta fase de transição para a vida adulta, as pressões relativas à sexualidade que os(as) jovens vivenciam, são tanto de ordem psicossocial como de ordem biológica.

O processo de exploração da sexualidade vai-se desenvolvendo progressivamente e as exigências comportamentais vão sendo maiores à medida que cresce a faixa etária juvenil, relativamente às expectativas perante os outros, particularmente, a família, os(as) amigos(as) e sociedade em geral (Nodin, 2001).

Segundo Cooper (1996; cit. por Nodin, 2001) estas expectativas vão ser distintas para cada um dos sexos, apesar das transformações que o papel de género tem vindo a sofrer na sociedade.

Estas expectativas para Machado & Almeida (1996; cit. por Nodin, 2001), irão também reflectir-se naquilo que se convencionou designar de *duplo padrão* de moralidade, ou seja, uma maior permissividade em relação à sexualidade dos rapazes, em contraste com uma maior repressão em relação à sexualidade das raparigas.

Este duplo padrão sexual verifica-se em diversos estudos relativos às práticas sexuais juvenis e se traduz nas diferenças de comportamento e atitudes sexuais, dos elementos masculinos e femininos. No nosso estudo empírico, procuraremos verificar até que ponto as atitudes face ao namoro dos(as) jovens da amostra estão em conformidade com às transformações mais recentes do *duplo padrão* comportamental, que caracterizam as sociedades ocidentais contemporâneas.

A investigação científica, sobretudo a oriunda dos Estados Unidos, a partir das décadas de 50 e 60, apontam o declínio do *duplo padrão* da sexualidade pré-matrimonial. A forma clássica do *duplo padrão* que se caracterizava pela permissividade exclusivamente masculina para se envolver em relações sexuais, antes do casamento, parece ser hoje francamente minoritária. Na forma actual, o duplo padrão admitiria igualmente a sexualidade pré-matrimonial feminina, embora vivida no seio de uma relação duradoura e aliada ao envolvimento emocional - *duplo padrão* sexual condicional. No entanto, os estudos realizados nas duas últimas décadas conduzem a conclusões contraditórias (Alferes, 1997).

Grande parte das investigações por inquérito (e.g., LaBeff & Dodder, 1982; cit. por Alferes, 1997) indicam que os comportamentos sexuais masculino e feminino tendem a convergir para o padrão singular "*sexo com afecto*". Outros estudos, de natureza experimental, apontam no mesmo sentido (e.g., Jacoby & Williams, 1985; cit. por Alferes, 1997).

A persistência do *duplo padrão*, pelo menos na sua forma condicional, parece ser uma realidade nas sociedades ocidentais contemporâneas (Alferes, 1997).

Neste contexto, DeLamater (1987; cit. por Alferes, 1997) na tentativa de interpretar a persistência do *duplo padrão*, reconhece na sociedade americana orientações sexuais diferenciadas, indica uma orientação predominantemente recreativa ou centrada no corpo por parte dos homens e, uma tendência principalmente relacional ou centrada na pessoa, por parte das mulheres. Seriam estas orientações que estariam na base da adesão diferencial ao *script* da sexualidade pré-matrimonial.

Em relação ao nosso país, Alferes (1997) realizou uma investigação quantitativa, utilizando um inquérito por questionário, com o objectivo de definir os contornos e evidenciar as figuras centrais da sexualidade pré-matrimonial, numa população de 587 estudantes universitários, entre os 18 e 34 anos de idade. Pretendia estudar as diferenças de comportamentos e atitudes sexuais dos homens e das mulheres, com vista a avaliar a existência (ou não) e os contornos de um eventual *duplo padrão* sexual.

Os resultados revelaram uma correspondência entre as orientações sexuais e as ideológicas, que apontam para uma ligação entre as esferas sexual e social, no processo de regulação social dos comportamentos sociais e apoiam a existência de um *duplo padrão* sexual pré-matrimonial, ainda que na forma condicional. Tanto a nível dos comportamentos, como das atitudes e normas sexuais, os dois sexos concordaram com a sexualidade pré-matrimonial orientada para o prazer, no contexto de uma relação emocional estável, contudo o *script* - *sexo com afecto*, foi comum a ambos os sexos, mas o *script* - *sexo pelo sexo*, foi apontado como quase exclusivamente, uma característica masculina (Alferes, 1997).

A análise das motivações das relações sexuais mostrou que a interdependência relacional e hedonismo é próprio do masculino e as dificuldades relacionais associam-se ao feminino; os atributos pessoais de sedução variam, também, em função do sexo.

Outro estudo quantitativo foi realizado por Vasconcelos (1998), que envolveu 609 inquéritos respondidos por jovens, de ambos os sexos, acerca da conjugalidade e da sexualidade. Constatou que, muitos dos(as) jovens, principalmente masculinos, mostraram ter uma sexualidade mais activa, antes dos 18 anos, e iniciavam mais cedo as relações sexuais do que os elementos femininos. Verificou que o início da vida sexual, o número de parceiros(as) e o seu estatuto, entre outros aspectos, parecem variar de acordo com o sexo. No seu estudo, Vasconcelos (1998) concluiu que existe, embora na forma atenuada, um *duplo padrão* sexual que persiste, na medida em que os homens continuam com uma sexualidade dita «compulsiva» e são muito influenciados pela ideologia da masculinidade dominante, enquanto que, as mulheres

continuam a ter uma sexualidade mais constrangida e dominada, no entanto, já vivenciam uma sexualidade juvenil e pré-conjugal. A investigação anterior confirmou as diferenças entre os sexos, relativamente às orientações normativas, ao nível das atitudes e comportamentos face à sexualidade.

O estudo empírico desenvolvido por Roque (2001), de cariz quantitativo, caracterizou a sexualidade estudantil pré-conjugal evidenciando os comportamentos, as atitudes, as motivações e os conhecimentos sobre contracepção e auto-eficácia. Utilizou uma amostra de conveniência de 397 estudantes, de ambos os sexos, entre os 16 e 29 anos, do ensino secundário, profissional e superior. Neste estudo foi aplicado um inquérito auto-administrado, para avaliar várias componentes como atitudes sexuais, opiniões sobre sexo, experiência sexual, entre outras. Os resultados mostraram que as práticas sexuais nos namoros, nos rapazes, são mais frequentemente ligadas ao plano físico e mais permissivas. O início da actividade sexual era mais tardio nas raparigas, que manifestam uma tendência para escolher parceiros mais velhos para estabelecer ligações amorosas.

No contexto da Saúde Sexual e Reprodutiva, Nodin (2001) realizou também um estudo utilizando um inquérito por questionário sobre a actividade sexual, com uma amostra (por quotas) de jovens adultos portugueses, estratificada por idades, entre os 18 e os 25 anos, representativa de várias regiões nacionais ao nível continental. Os resultados salientaram diferenças relativas ao género, na comparação entre os valores das Crenças Comportamentais. Verificou-se no estudo que as raparigas, de modo geral, estão mais conscientes dos riscos relativos aos comportamentos sexuais (e.g., risco relativo ao VIH e a uma gravidez não planeada), do que os rapazes, principalmente os residentes em zonas semi-urbanas e rurais, bem como os que já iniciaram a sua actividade profissional, o que reflecte as diferenças associadas ao género na sociedade.

Estes e outros estudos parecem confluir em diferenças significativas de género nos relacionamentos juvenis, na componente afectiva-sexual, apesar de se ter vindo a esbater a dicotomia existente entre os dois sexos, devido às profundas alterações que têm vindo a operar nas mentalidades da sociedade portuguesa e decorrentes dos movimentos de emancipação da mulher que se têm debatido pela necessidade de igualdade de género (Nodin, 2001).

2.4 RELAÇÕES DE NAMORO E GÉNERO²

A definição e a prática de namoro heterossexual tem mudado ao longo do tempo, além disso, são evidentes às variações individuais e culturais.

Segundo Tilton-Weaver (2004), embora o termo *namoro* remeta para imagens de homens e mulheres jovens emparelhando, por forte ligação afectiva, em actividades sociais conjuntas, chegar a uma definição empírica aceitável é mais difícil, devido em grande parte às mudanças sócio-culturais.

Em 1977, nos Estados Unidos, segundo o Webster's New Collegiate Dictionary, o namoro era definido como um compromisso social entre duas pessoas do sexo oposto, no entanto, esta definição tem sofrido alterações (Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005).

Antes da década de 70, os relacionamentos amorosos heterossexuais eram formais na função e estrutura, ou seja, namorar tinha como objectivo principal a escolha individual do(a) parceiro, apesar de, por vezes, ocorrerem interferências familiares na selecção com quem a longo prazo poderiam desenvolver um relacionamento romântico, culminando no casamento e nascimento dos filhos(as) (Tilton-Weaver, 2004).

Actualmente, o conceito de namoro evoca uma estrutura mais frágil e menos formal, em que duas pessoas do sexo oposto, ou do mesmo sexo, participam em actividades sociais, mas podem ou não estar interessadas em desenvolver um relacionamento de longo prazo. Além disso, o reconhecimento de namoro entre jovens das minorias sexuais sugere que a ênfase na heterossexualidade está ultrapassada (Tilton-Weaver, 2004).

Em primeiro lugar, a construção de namoro já não está restrita às interacções heterossexuais, em vez disso, também pode acontecer entre duas pessoas do mesmo sexo. Hoje em dia, o acto de namorar pode, igualmente, ter lugar em grupos em vez de se restringir a uma troca diádica, embora seja ainda considerado um compromisso social (Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005).

Na cultura actual, os namoros podem ter lugar através das tecnologias de informação e comunicação – TIC (e.g., telemóvel, internet e *chats*). Actualmente, o namoro também pode ocorrer numa variedade de novos contextos, como parte de um reality show de televisão, como resultado da adesão a um serviço de encontros, como uma

² Este sub-capítulo está centrado, principalmente, nas relações de namoro heterossexual, de forma a não alargar demasiado o objecto de estudo. Na medida em que em todas as sociedades, a maioria das pessoas são heterossexuais, ou seja, procuram pessoas do outro sexo para parceiros(as) de relações emocionais e prazer sexual. Contudo, realçamos que a nossa investigação irá ficar incompleta pois, seria importante estudar, também, a variedade de preferências, atitudes/comportamentos, percepções e inclinações sexuais minoritárias.

consequência da colocação de um anúncio pessoal num jornal ou, noutro meio de comunicação social (Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005).

Por conseguinte, para melhor abranger as actuais dimensões do namoro, Langhinrichsen-Rohling *et al.* (2005) basearam-se na versão 2001, do New Oxford American Dictionary e consideraram que:

"(...) the Word date was redefined more broadly as «a special or romantic appointment or engagement», while dating was articulated as the process of «going out with someone in whom one is romantically or sexually interested», regardless of whether the individuals who are dating are heterosexual, homosexual, or bisexual, adolescent or older, in person or via the Internet, or single, divorced, or married" (p.1-2).

A linguagem portuguesa utilizada para descrever o termo *namoro*, também, mudou significativamente ao longo do tempo e tende a reflectir as alterações culturais. Os(As) adolescentes, hoje em dia, referem-se aos relacionamentos de outra forma, como "sair com", "andar com", ou "curtir com", em vez de "namoro".

Embora os(as) adolescentes sejam capazes de discriminar entre amizades e relacionamentos românticos, as suas noções do que constitui um namoro também, mudam ao longo do curso da adolescência (Tilton-Weaver, 2004).

Entendemos que o namoro se distingue da amizade, ultrapassa essa fase, pois leva à intimidade e aproximação física, mas não necessariamente a um compromisso. O namoro pode ser um relacionamento físico, com amor ou sem ele. É o momento de encontro entre duas pessoas, que partilham afectos, onde há troca de carícias, contacto físico e intimidades. Pode ser passageiro ou duradouro, incluindo ou não relações sexuais, e os *compromissos* são decididos pelo próprio casal de namorados(as).

Não existe uma época certa para começar a namorar. Cada indivíduo tem a sua forma e o seu tempo de viver essa experiência. Há diferentes razões para namorar: amor, atracção sexual, afinidades, paixão, curiosidades, companhia e ainda, a tradicional busca de parceiro(a) para constituir uma família.

Quando os(as) jovens namoram experimentam novas sensações, descobrem sentimentos e emoções a respeito do *outro* e de eles(as) mesmos(as). Muitas vezes os relacionamentos juvenis são tão intensos ou tão rápidos, que nem sempre conseguem entendê-los da melhor forma.

Em alguns casos, a atracção e o interesse sexual pelo sexo oposto, ou por elementos do mesmo sexo (depende da orientação sexual), acabam por gerar sentimentos afectivos positivos de ternura ou enamoramento; noutros casos, o interesse sexual emerge de forma simultânea ou posterior aos afectos como o enamoramento, a

amizade ou a empatia. O enamoramento ultrapassa a mera atracção sexual, é o desejo de uma união completa e permanente como o *outro*, no sentido mais amplo, embora o acto sexual possa representar para a pessoa enamorada o amor correspondido. Este profundo desejo de reciprocidade conduz à experiência de sentimentos positivos e negativos, que em grande medida dependem dos comportamentos e atitudes da pessoa amada. O encantamento e a entrega que o enamoramento implica acabam por se converter no eixo central da vida psíquica do(a) enamorado(a), de forma que tudo o mais gira à sua volta (López & Fuertes, 1999).

O namoro é um momento de experimentação, de partilha de afectos, de treino, durante o qual o(a) adolescente passa da fase da infância, quando recebe passivamente o afecto, à fase adulta do envolvimento afectivo-sexual. A idade exacta para se iniciar um relacionamento não está definida. O ideal é que no próprio contexto familiar do(a) jovem, se aprenda a respeitar as escolhas pessoais, a tolerar as diferenças, a valorizar a vida e as pessoas. O namoro é uma etapa importante e necessária, no desenvolvimento do ser humano.

É na adolescência que se inicia a atracção pelo sexo oposto ou por elementos do mesmo sexo, conforme a orientação sexual, acompanhada por tudo aquilo que faz parte do desenvolvimento sexual: mudanças físicas, psicológicas e sociais.

Na maior parte das culturas, as normas de atracção sexual dão maior relevância à aparência física das raparigas do que à dos rapazes, situação que parece estar a inverter-se gradualmente no Ocidente, à medida que as mulheres se vão tornando mais activas fora do contexto doméstico e privado (Giddens, 2000).

Entendemos que namorar é *algo bom*, pois a paixão experimentada pelos namorados(as) produz energia e entusiasmo pela vida, contribuindo inclusive, para a formação da personalidade. A possibilidade de dar e receber amor alimenta a auto-estima, conduzindo os(as) jovens ao equilíbrio emocional. Além de ser benéfica para o amadurecimento do(a) adolescente, a paixão é saudável também para o corpo.

Dado que o comportamento humano é guiado por sistemas de crenças, as diferenças de concepções e percepções de namoro são importantes para a compreensão da variabilidade no namoro adolescente. Os(As) adolescentes diferem na forma como idealizam um encontro amoroso e como conseguem esse encontro (Tilton-Weaver, 2004).

Roscoe *et al.* (1987; cit. por Tilton-Weaver, 2004) constataram que os adolescentes do sexo masculino focalizavam-se na atractividade e actividade sexual, e as raparigas

nas qualidades interpessoais, comportamento responsável e perspectivas futuras. Os(As) adolescentes mais novos(as) concentram-se mais nos aspectos da apresentação (e.g., vestuário e idade), enquanto que os(as) adolescentes mais velhos(as) se concentram mais no futuro, como por exemplo, nas perspectivas de emprego, estabelecimento de objectivos ou, perspectivas de casamento.

Jackson, Jacobs, Landman-Peters & Lanting (2001; cit. por Tilton-Weaver, 2004) examinaram as crenças dos adolescentes sobre os encontros amorosos, tendo concluído que tanto rapazes como as raparigas têm estratégias para iniciar esses encontros, com os rapazes a terem um papel tanto directo como indirecto, enquanto que, as raparigas têm o papel de encorajar a atenção dos rapazes (e.g. usando mediadores que atraem a atenção e usando a feminilidade). A população juvenil, de ambos os sexos, recorre às amizades para aconselhamento e apoio.

Além disso, os(as) adolescentes admitem vantagens no namoro, como o companheirismo e apoio, e desvantagens, como o tempo do compromisso e os ciúmes, o que influencia provavelmente as actividades do namoro (Feiring, 1996; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

2.4.1 NAMORO E EXPERIÊNCIAS ROMÂNTICAS NA ADOLESCÊNCIA

A investigação existente sobre o namoro adolescente tem sido centrada sobretudo nas relações heterossexuais, de jovens de classe média, principalmente estudos oriundos da América (Bouchey & Furman, 2003). A temática das experiências românticas na adolescência é relativamente nova na literatura científica.

Sabe-se relativamente pouco sobre as relações românticas e de namoro travadas por jovens gays, lésbicas ou bissexuais, apesar de alguns progressos nesta área, pois existem escassos estudos dedicados à natureza dos relacionamentos românticos, em minorias étnicas da população juvenil (Bouchey & Furman, 2003).

Há poucos estudos sobre a eventual influência das características geográficas na natureza das experiências românticas, visto que os namoros podem ser diferentes para pessoas que cresceram numa pequena comunidade rural e as que vivem numa zona suburbana ou urbana do centro de uma cidade. Também, desconhecemos os relacionamentos românticos de subgrupos de adolescentes, tais como jovens grávidas, com problemas de saúde ou com deficiências físicas e/ou psíquicas (Bouchey & Furman, 2003).

Outro aspecto muito importante prende-se com a escassez de investigação focalizada nas diferenças de género, na natureza dos relacionamentos e nas experiências

românticas adolescentes, nomeadamente, a ausência de trabalhos sobre o papel do sexo no namoro adolescente. A maior parte dos trabalhos realizados, também incidem sobre os indivíduos e as suas experiências românticas e não as relações em si, ou seja, para compreender os relacionamentos implica avaliar o comportamento e as percepções das duas pessoas envolvidas (Bouchey & Furman, 2003).

Durante as experiências infantis travadas nos recreios dos jardins de infância é notório que, esporadicamente, meninos e meninas se provoquem nas suas brincadeiras. Se avançarmos uns anos mais tarde, os mesmos meninos e meninas já interagem com os membros do outro sexo, de forma mais regular e tornam-se progressivamente mais interessados(as) nesses pares. Se olharmos mais para o futuro, muitos(as) destes(as) jovens estarão envolvidos(as) numa intensa(s) relação(ões) amorosa(s) durante a adolescência, que poderá(ão) perdurar até à idade adulta. O que começou como um intercâmbio entre sexos de curta duração, no recreio ou na sala do jardim-de-infância, poderá tornar-se mais tarde numa relação íntima muito importante para a vida do(a) adolescente ou jovem adulto(a) (Bouchey & Furman, 2003).

A investigação indica que as experiências de namoro aumentam em toda a adolescência até à idade adulta, com a primeira experiência amorosa normalmente, a ocorrer entre os 13 e os 15 anos de idade. As estimativas apontam para cerca de menos de metade a dois terços de adolescentes, terem tido alguma experiência de namoro por volta dos 16 anos, iniciada no contexto de um grupo de jovens (Feiring, 1996; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

Embora a maturação pubertária possa ser esperada para prever o início de um namoro, as evidências sugerem o contrário, em adolescentes com a mesma idade puberal pode haver variabilidade temporal na iniciação das relações (Tilton-Weaver, 2004).

Podemos acrescentar que os(as) jovens travam com facilidade relacionamentos heterossexuais, contudo maioritariamente, são superficiais e fugazes, pelo que normalmente a intensidade das relações é fraca, evidenciando-se por vezes um desinteresse em conhecer o *outro*, o que culmina em relações pouco duradouras, principalmente no período da *segunda adolescência* (15-19 anos) (WHO, 2007).

Frequentemente, o namoro evolui através de várias fases, começando com a socialização em grupos mistos, de rapazes e raparigas (no contexto das saídas de jovens), seguindo por emparelhamento a pares, fora do grupo para socializar, até um constante e empenhado envolvimento amoroso (Tilton-Weaver, 2004).

Os(As) adolescentes variam, consideravelmente, no grau de envolvimento no namoro, em termos de número de namorados(as), quantidade de experiências ou história de

namoros, e no grau de intimidade dos seus relacionamentos. Então, o namoro na adolescência é algo transitório na natureza, mesmo num relacionamento *sério* com duração média de cerca de 4 meses (Feiring, 1996; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

2.4.1.1 A IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS ROMÂNTICAS NA ADOLESCÊNCIA

As relações românticas são um aspecto central do desenvolvimento social da maior parte dos(as) adolescentes. Num estudo levado a cabo nos Estados Unidos, mais de metade dos(as) jovens inquiridos(as), entre os 12 e os 16 anos de idade, declararam ter experimentado uma relação romântica nos últimos 18 meses (Carver, Joyner & Udry, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Para Langhinrichsen-Rohling *et al.* (2005) os namoros, hoje em dia, ocorrem numa idade mais precoce, muitas vezes entre os 13 e os 15 anos, embora a actual idade do primeiro casamento seja mais tarde do que foi nas décadas anteriores. De acordo com investigações americanas recentes, 80% dos(as) adolescentes com 16 anos, já experimentaram um relacionamento romântico significativo no ano anterior. Normalmente, estes namoros têm um tempo de vida curto e caracterizam-se por serem relações pouco maduras, comparadas com as ligações amorosas na adolescência tardia.

De acordo com os estudos de Laursen & Williams (1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003), os(as) adolescentes com idades compreendidas entre os 15-16 anos, a frequentar normalmente o início do ensino secundário, interagem com maior regularidade com parceiros amorosos do que com os progenitores, irmãos(ãs) ou amigos(as).

Além disso, os pares do sexo oposto ocupam grande parte dos pensamentos dos(as) adolescentes, mesmo quando estes não estão a interagir com eles(as), pois gastam cerca de 5 a 8 horas por semana, a idealizar, reais ou potenciais, parceiros românticos (Richards *et al.*, 1998; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

O namoro como um processo construtivo pode ter múltiplas funções, incluindo a promoção de competências interpessoais e de intimidade, lazer e entretenimento, a valorização da auto-estima, estatuto social entre pares, autonomia e desenvolvimento, definição da identidade de género e experimentação sexual (Roscoe, Diana & Brooks, 1987; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

A promoção de competências interpessoais, intimidade e autonomia pode ser qualificada pela intensidade do namoro. Quatman, Sampson, Robinson & Watson (2001; cit. por Tilton-Weaver, 2004) verificaram que na idade tardia da adolescência,

os(as) jovens que se tinham envolvido com mais frequência em namoros eram reconhecidos como tendo maior popularidade entre pares, com mais competências sociais, pessoais e de segurança, do que aqueles que tinham menos namoros.

A importância relativa destas funções no namoro varia com o decorrer do período da adolescência.

Através de comparações entre os períodos da adolescência inicial, média e tardia descobriu-se que os(as) jovens, nas fases inicial e média, indicam a recreação como a mais importante função do namoro, seguida da intimidade e *status*. Os(As) adolescentes, do período tardio, colocavam maior ênfase na intimidade, seguida pelo companheirismo e socialização, sendo o *status* social como a menos importante dimensão do namoro. Além disso, surgiram diferenças entre os géneros: os rapazes colocavam mais ênfase na actividade sexual, enquanto que as raparigas colocavam maior ênfase na intimidade (Roscoe, *et al.*, 1987; Tilton-Weaver, 2004).

A partir de uma perspectiva evolutiva, estas diferenças de género fazem sentido, pois teoricamente o namoro antecede as funções reprodutivas futuras.

Nos rapazes adolescentes mais novos, a um aumento de popularidade com o namoro corresponde um aumento de dominância entre os pares. Em contrapartida, o aumento de popularidade nas raparigas adolescentes está mais relacionado com o aumento da agressão relacional (Pelligrini & Long, 2003; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

Estes aspectos sugerem funções diferenciadas no namoro, que poderão surgir de necessidades reprodutivas diferenciadas, por género (Tilton-Weaver, 2004).

Os pares amorosos são uma importante fonte de apoio para muitos(as) adolescentes, nesta fase transitória para a vida adulta. A vinculação dos(as) jovens às mães é colocada em segundo lugar, na hierarquia das figuras de apoio (Bouchey & Furman, 2003).

As relações com o sexo oposto são uma fonte primordial de emoções fortes, que ultrapassa as relações com os pares do mesmo sexo, as relações com os progenitores ou, as questões relacionadas com a vida escolar. A maioria destas emoções é positiva, no entanto, uma proporção substancial destas emoções pode ser negativa, indiciando que os relacionamentos com o sexo oposto podem também ser uma fonte de stress e mau-estar (Wilson-Shockley, 1995; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Os envolvimentos românticos influenciam dois processos cruciais do desenvolvimento psicossocial, que ocorrem durante a adolescência, a construção da intimidade e da identidade (Dyk & Adams, 1990; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Diversos teóricos(as) têm sugerido ainda que, as experiências de relacionamento romântico adolescente podem influenciar a natureza das relações posteriores,

incluindo os casamentos (Furman & Flanagan, 1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Além disso, o relacionamento com o *outro*, nas experiências românticas, pode ajudar positivamente no estabelecimento da autonomia, na exploração das relações extrafamiliares, levando os(as) jovens a não ter de depender tanto dos progenitores (Gray & Streinberg, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

De acordo, com Hansen, Christopher & Nangle (1992; cit. por Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005) a generalidade das interações sociais adolescentes têm como função fornecer um sistema de apoio emocional para os(as) jovens, proporcionando aos(às) adolescentes a possibilidade de explorar os seus costumes, crenças e valores, estabelecendo assim, a sua própria identidade pessoal. Para além destas funções, os namoros adolescentes permitem a promoção de competências interpessoais, como o comportamento social; lazer e entretenimento; reforço do estatuto no seio do grupo de pares; reforço da independência, o que facilita a separação da família de origem; um contexto de experimentação, com comportamentos e actividade sexual.

De salientar que dentro destas funções, o namoro adolescente tem sido explicitamente vinculado à tarefa de desenvolvimento de separação e individuação a partir da família nuclear (Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005).

Como já vimos, o namoro pode conferir vários benefícios para os(as) adolescentes, mas, também, implica riscos.

Embora o namoro proporcione um importante espaço de desenvolvimento interpessoal, algumas pesquisas têm sugerido que o início precoce e intenso do namoro pode levar a problemas psicológicos e comportamentais, incluindo níveis mais elevados de uso de álcool, delinquência juvenil, transtornos alimentares, frequentes nas raparigas, entre outros (Windle & Davies, 2000; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

São colocados aos(às) jovens desafios adicionais pois têm de enfrentar eventuais problemas como a infidelidade, o ciúme, o início ou o termo do relacionamento, como parte das suas experiências de namoro ou, quando vivenciam experiências adversas relacionadas com a sexualidade (e.g., coacção sexual, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e o assédio sexual). No que respeita às experiências sexuais adversas, a maior actividade sexual está mais ligada à intensidade do namoro, onde as consequências emocionais e físicas podem ser mais prováveis (Windle & Davies, 2000; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

Um dos principais problemas ocasionados por um namoro sem responsabilidades, é a gravidez adolescente indesejada, justificada pela falta de uso rotineiro de anticoncepcionais (Roque, 2001).

A elevada prevalência de gravidez adolescente e de doenças sexualmente transmissíveis está claramente ligada aos envolvimento amorosos. De facto, o mais forte factor de risco da participação num envolvimento amoroso, entre jovens dos 13 aos 18 anos, que dure pelo menos 18 meses, decorre da possibilidade de uma relação sexual e eventual gravidez indesejada (Blum, Beuhring & Rinehart, 2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Outro aspecto prende-se com o facto de alguns(mas) parceiros(as) românticos(as) serem agressores(as) o que pode causar incidentes de vitimação sexual na adolescência. Ao nível da agressão sexual, parece existir na literatura algum consenso quanto à maior vitimação feminina e maior prevalência de agressores masculinos. Estas diferenças de género são confirmadas em diversos estudos empíricos (Caridade & Machado, 2008).

A **violência sexual³ no namoro** tem recebido especial atenção na comunidade científica, principalmente a partir dos anos 80 e 90, devido à elevada incidência e prevalência do fenómeno, mas também às consequências negativas que poderá acarretar para a saúde das vítimas, nomeadamente, quer entre os(as) adolescentes ao nível do ensino secundário, quer entre estudantes do ensino universitário (Caridade & Machado, 2008).

Entendemos que existe violência no namoro quando, numa relação amorosa, um elemento exerce poder e controlo sobre o outro, com o objectivo de obter o que deseja. A violência não conhece fronteiras de estratos sociais, faixas etárias, religiões e etnias. Além disso, a violência nas relações íntimas não se circunscreve apenas no domínio sexual, podendo envolver diversas formas, nomeadamente, o abuso físico e psicológico.

Um estudo desenvolvido por Schubot (2001; cit. por Caridade & Machado, 2008), veio comprovar que a prevalência da violação no namoro entre as raparigas adolescentes, ao nível do ensino secundário, poderá situar-se entre 11,8% e os 14,9%.

Jackson, Cram & Seymour (2000; cit. por Caridade & Machado, 2008) realizaram uma investigação envolvendo estudantes do ensino secundário e constataram que 77% das raparigas envolvidas em relações amorosas já tinham experimentado actividades sexuais não desejadas.

Segundo Feiring & Wolfe (2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003), mais de 25% das adolescentes americanas são vítimas de violência no namoro ou agressão, que antecede a violência numa relação amorosa mais séria ou até violência conjugal, de 25% a 50% dos casos.

³ Consideramos como acto de violência sexual, todo aquele que integre um contacto sexual sem consentimento do(a) parceiro(a), desde a violação ao controlo dos direitos reprodutores (Caridade & Machado, 2008).

Num estudo recente desenvolvido pelas investigadoras portuguesas - Matos, Machado, Caridade & Silva (2006), sobre a «violência física e psicológica em namoro heterossexual», constatou-se que a violência nas relações de intimidade é cada vez mais precoce. Foram inquiridos(as) 4730 jovens, 58% raparigas e 42% rapazes, dos 15 aos 25 anos, dos ensinos secundário, profissional e universitário, e que abandonaram a escolaridade; 25% disseram que foram vítimas, pelo menos uma vez, de um comportamento abusivo da parte do companheiro ou companheira. Dessas vítimas, 20% sofreram violência emocional (e.g., insultos, ameaças, jogo psicológico e coerção) e 14% agressão física. Os resultados concluíram que os rapazes são os que agridem com maior gravidade, nomeadamente, através da violência física (e.g., sovas, murros e pontapés). No entanto, na pequena violência, não se verificaram diferenças de género significativas, porém, a diferença instalava-se quando o namoro se aprofundava.

Muitos estudos comprovam que, efectivamente, é na intimidade do namoro que este tipo de vitimação prevalece, reforçando a necessidade de programas de prevenção na população juvenil. Os(As) jovens não percebem as agressões no namoro, como abusivas e não reconhecem as relações sexuais forçadas como uma forma de violação. Os actos de controlo principalmente, por parte do companheiro na relação de namoro, ainda, são vistos como manifestações de ciúme e confundidos com “provas de amor” (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

As investigações revelam que a violência nas relações amorosas é cada vez mais precoce e, em geral, nem as vítimas, nem os(as) agressores(as), entendem que a violência não é aceitável, prevalecendo uma certa tolerância e legitimação face à situação, chegando mesmo a desculpabilizar essa forma de coerção sexual, reduzindo a probabilidade de haver denúncia e sanção (Caridade & Machado, 2008).

De acordo com Caridade & Machado (2008), os estudos que têm procurado identificar os factores de risco associados à vitimação e perpetração de agressões sexuais, apontam para três categorias de factores: os ligados às características da vítima (e.g., idade, atitudes e comportamentos), características dos(as) ofensores(as) (e.g., idade, género, traços de personalidade) e situacionais (e.g., consumo de álcool).

Concordamos ainda, com Laranjeira (2006) quando considera que os estereótipos de género influenciam a percepção de risco, em que as mulheres admitem ter mais probabilidades de serem vítimas de agressão, sendo igualmente elas que expressam um maior receio face a situações violentas, por outro lado, os homens manifestam uma maior invulnerabilidade que poderá estar associada às tradicionais definições de masculinidade (e.g., estereótipos que associam o masculino à resistência, à violência e coragem).

Muehlenhard & Linton (1987; cit. por Caridade & Machado, 2008) comprovaram estas diferenças de gênero e constataram que os elementos masculinos sexualmente agressivos tendem a aceitar com maior facilidade os papéis de gênero tradicionais, manifestando estereótipos desculpabilizadores da coerção sexual que levam à violência contra as mulheres.

Entendemos que para erradicar o problema da vitimização sexual perpetrada nas relações amorosas, será necessário apostar em projectos/programas de intervenção, nomeadamente, em contexto escolar, na área da prevenção contra a violência nas relações de intimidade, que tenham em consideração a categoria do gênero.

Em termos de saúde mental, o fim das relações de namoro adolescente e às infidelidades são outros factores desencadeadores de conflito, violência, depressão, de vítimas de assassinatos, de tentativas de suicídios e de mortes por suicídio (Joyner & Udry, 2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Deste modo, o envolvimento romântico tem riscos e benefícios, porém os efeitos específicos das experiências românticas podem variar de indivíduo para indivíduo, segundo os seus contextos de vida.

2.4.1.2 AS MUDANÇAS DE DESENVOLVIMENTO NO DOMÍNIO ROMÂNTICO

Nesta parte do trabalho iremos descrever a natureza das experiências românticas, adolescentes heterossexuais, e as mudanças de desenvolvimento que cumulativamente ocorrem desde o início da adolescência, passando pela adolescência tardia até, à idade adulta. Devemos enfatizar que desde o início da adolescência, não existe um único padrão normativo de desenvolvimento no domínio romântico, devido à variação cultural e histórica (Tilton-Weaver, 2004).

Os(As) jovens variam no que diz respeito à forma como desenvolvem os interesses românticos, nomeadamente, quando começam a namorar, ou seja, é variável a idade para iniciar um namoro e o tempo de duração do namoro. A sequência de experiências também não é fixa, por exemplo, os primeiros empreendimentos românticos tendem a ser de curta duração, mas uma minoria das relações de namoro podem desenvolver relações a longo prazo (Bouchey & Furman, 2003).

Apesar desta variabilidade nos envolvimento românticos adolescentes, verifica-se algo comum na natureza e na sequência dessas experiências, que se traduz no descobrir e experimentar novos relacionamentos amorosos.

Uma das mudanças do desenvolvimento mais perceptíveis ocorre no início da adolescência e traduz-se no aumento da actividade e interesse pelo sexo oposto⁴. Durante o ensino básico, tanto meninos como meninas, interagem principalmente com os pares do mesmo sexo, muitas vezes evitando activamente as relações com o sexo oposto (Maccoby, 1900; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

No entanto, no início da adolescência, meninos e meninas começam a pensar frequentemente, nos relacionamentos com os pares do outro sexo.

Dunphy (1963; cit. por Bouchey & Furman, 2003) descreveu pela primeira vez um modelo de desenvolvimento adolescente composto por cinco estádios de mudanças, com base na interacção entre colegas de grupo:

"In the first stage, unisexual cliques emerge. These cliques consist of four to six close friends with similar background who serve as the primary nonfamily social unit throughout early adolescence. In the second stage of Dunphy's (1963) model, male cliques and female cliques begin socializing together in a group context. A larger heterosexual peer group begins to emerge during the third stage, when clique leaders begin to date each other. In the fourth stage, the peer crowd is fully developed, and several heterosexual cliques closely associate with one another. Finally, males and females begin to develop couple relationships; the crowd begins to disintegrate, leaving loosely associated groups of couples."(p. 315).

As investigações recentes têm identificado mudanças desenvolvimentais que são congruentes com o modelo de Dunphy. Desde muito cedo que os(as) adolescentes gastam parte do seu tempo a pensar nos elementos do sexo oposto, mas só mais tarde começam, realmente, a dispor de uma quantidade significativa de tempo com eles(as) (Richards *et al.*, 1998; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Normalmente, os(as) adolescentes começam a interagir com o sexo oposto, num contexto de um grupo misto de rapazes e raparigas, e em seguida iniciam o namoro no contexto do grupo, antes de formarem finalmente um relacionamento romântico. Aqueles que gostaram muito dos seus pares, do sexo oposto, começam com maior frequência a namorar (Franzoi, Davis & Vásquez-Suson, 1994; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

A percentagem de adolescentes que relata ter um namorado ou namorada aumenta desde o início da adolescência, até à fase tardia desta etapa vital (Buhrmester & Furman, 1992; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Um inquérito realizado nos Estados Unidos, relata que 36% dos(as) adolescentes com 13 anos de idade e 73% com menos de 18 anos já se envolveu com um parceiro romântico, nos últimos 18 meses. Estas relações de namoro também se vão tornando mais intensas ao longo do tempo, e com o aumento da faixa etária, pela

⁴ Como referido anteriormente, nesta revisão teórica foi dada ênfase às relações de namoro heterossexuais.

interdependência e aproximação entre os parceiros românticos (Zimmer-Gembeck, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

A maioria dos trabalhos empíricos tem-se concentrado nas experiências jovens heterossexuais e poucos(as) autores(as) se dedicaram ao estudo das minorias sexuais juvenis e às suas ligações românticas, durante a adolescência, devido ao número limitado de oportunidades para o fazer (Sears 1991; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

No entanto, sabemos que muitos(as) jovens têm experiências sexuais com pares do mesmo sexo, além disso, muitos gays e lésbicas jovens relataram em estudos que tinham namorado com colegas do mesmo sexo e tinham tido experiências sexuais durante a adolescência. Estas experiências podem ajudar a esclarecer a orientação sexual- gays, lésbicas, bissexuais ou heterossexuais e podem levar à compreensão da sua identidade sexual (Savin-Williams, 1996; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

2.4.1.3 AS MUDANÇAS NAS CARACTERÍSTICAS DOS RELACIONAMENTOS ROMÂNTICOS ENTRE ADOLESCENTES

Na adolescência precoce, os(as) jovens começam a distinguir as relações de amizade com o outro sexo, dos relacionamentos românticos heterossexuais, atribuindo características como a paixão e o compromisso, exclusivamente a estes últimos (Connolly *et al.*, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Ao mesmo tempo, as concepções utilizadas pelos(as) adolescentes acerca do namoro e do romance, não são as mesmas consideradas pelos adultos. De início, as noções de romance são bastante idealizadas e estereotipadas de acordo com as imagens dos *mass média*, de amor heterossexual. Por exemplo, muitos(as) adolescentes afirmam estar apaixonados(as), mesmo que eles(as) tenham falado raramente ou nunca tenham falado com essa pessoa alvo de paixão, ou seja, não houve nestas circunstâncias uma verdadeira relação com o objecto do seu desejo. (Montgomery & Sorell, 1998; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

O conceito de relação romântica irá mudar à medida do desenvolvimento adolescente. Inicialmente, os(as) adolescentes vêem os novos relacionamentos como oportunidades para o divertimento, experimentação sexual, realização pessoal ou status social. Nesta altura, os namoros não são esperados para cumprir muitas das funções que são atribuídas aos relacionamentos românticos adultos, posteriores, tais

como a prestação de apoios ou cuidados (Connolly & Goldberg, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

De facto, simplesmente ter namorado ou namorada, durante o início ou no período médio da adolescência, pode ser mais importante do que propriamente a natureza das próprias interações românticas. Um popular ou atraente namoro pode ser um meio para obter prestígio e respeito dos seus pares (Brown, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Com o tempo, os(as) adolescentes adquirem experiência interagindo com o sexo oposto e começam a dedicar-se aos(às) seus(suas) parceiros(as) românticos(as) para atender às necessidades sócio-emocionais (Bouchey & Furman, 2003).

Furman & Wehner (1994; cit. por Bouchey & Furman, 2003) propuseram que os(as) parceiros(as) românticos(as) se tornassem figuras importantes, no funcionamento de 4 sistemas comportamentais: filiação, sexual/reprodução, apego e cuidado. *According to this model, the affiliative and sexual/reproduction systems are the first to become salient in romantic relationships* (p.317).

Em muitos relacionamentos românticos, os(as) jovens saem com as(os) suas(seus) namoradas(os) e participam em muitas actividades de lazer, que fornecem estimulação e frequentemente desencadeiam emoções positivas. Além disso, os relacionamentos românticos adolescentes são ideais para as pessoas terem a oportunidade de expressar os seus sentimentos sexuais, procurar a gratificação sexual e participar em todo o tipo de actividade sexual com que se possam sentir bem (Wilson-Shockley, 1995; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Segundo o modelo comportamental, já referido anteriormente, proposto por Furman & Wehner (1994, 1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003) os próximos sistemas a desenvolver são :

"(...) the attachment and caregiving systems become more important in romantic relationships during late adolescence and early adulthood. At this time, the press to find a new primary attachment figure increases as relationships with parents have transformed and many individuals have left home. The emergence of the attachment and caregiving systems takes time, however, and thus, these systems may be fully activated only in relatively long-term romantic relationships"(p.317).

Como vimos, segundo este modelo proposto, os sistemas de cuidados e apego/vinculação aparecem mais na adolescência tardia e tornam-se mais importantes a longo prazo nos relacionamentos românticos. Grande parte dos(as) adolescentes, mencionam características de filiação mais frequentemente do que apego/vinculação e cuidados, nas suas descrições das vantagens dos relacionamentos românticos (Shulman & Scharf, 2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Outro aspecto a salientar relaciona-se com o facto dos adolescentes só a longo prazo encararem os seus parceiros românticos como uma base de segurança. Mesmo na vida adulta, um número substancial de pessoas continuam a ver os progenitores como principal base de segurança, em quem depositam confiança (Trinke & Bartholomew, 1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

A diversidade de experiências românticas é um aspecto marcante do período da adolescência. A pesquisa empírica sugere diferenças individuais no namoro.

Alguns(as) jovens começam a namorar mais cedo, enquanto que outros(as), esperam até mais tarde para iniciar um namoro, às vezes até serem adultos(as). Alguns(as) namoram muito, enquanto que outros(as) adolescentes se concentram em actividades alternativas, como a dedicação à escola ou ao desporto. A duração do namoro, a natureza e o tipo de experiências românticas variam de adolescente para adolescente (Bouchey & Furman, 2003).

Os(As) investigadores(as) começaram a analisar essas diferenças individuais na actividade romântica, mas não existe ainda uma estrutura sistemática na literatura, para descrever as diferenças potenciais nas experiências românticas.

Bouchey & Furman (2003) consideram que existem, pelo menos, quatro dimensões que seriam necessárias para analisar a variação individual das experiências de namoro:

“(a) the timing of dating; (b) the intensity or quantity of experiences; (c) the quality of the relationships that develop; and (d) individuals representations of these relationships”(p.318).

Grande parte da investigação, sobre as diferenças individuais, centra-se na iniciação precoce dos relacionamentos românticos. As relações românticas precoces estão muitas vezes associadas a comportamentos de risco, como o consumo de álcool e drogas, bem como menores níveis de sucesso académico. Contudo, não existe uma causa-efeito entre o início de uma relação de namoro e o envolvimento em situações de risco. Fica por clarificar se as relações precoces podem gerar algum risco ou se pelo contrário, os adolescentes em situação de risco procuram relacionamentos amorosos mais cedo (Mills & Quinton, 1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Até ao momento escassa investigação estudou os(as) adolescentes que iniciam o namoro numa idade posterior aos seus pares, embora se possa sugerir que as dificuldades no estabelecimento das relações amorosas advenham de dificuldades psicológicas (Bouchey & Furman, 2003).

Num estudo realizado com adolescentes, na faixa etária dos 16-19, com experiência mínima de namoro (Kuttler, La Greca & Prinstein, 1999; cit. por Bouchey & Furman,

2003) foram identificados alguns aspectos relacionados com sintomatologia comportamental. Comparando os(as) jovens do estudo, que estavam a viver uma relação de namoro com os(as) jovens que não tinham namorado nos últimos 6 meses, concluiu-se que não existiam diferenças na frequência de problemas comportamentais. No entanto, os(as) adolescentes que tinham acabado um namoro nos últimos 6 meses relatavam mais sintomas externos, ressaltando a importância de distinguir entre o impacto potencial de um envolvimento romântico e de uma dissolução de um relacionamento romântico.

A partir deste estudo podemos inferir que a qualidade dos relacionamentos pode desempenhar um papel importante nos(as) jovens. Aqueles(as) que vivenciam interações negativas e controle de comportamentos numa relação de namoro, por um(a) parceiro(a), estão em termos sintomatológicos associados(as) a uma menor auto-estima (Bouchev & Furman, 2003).

Para Furman (2000; cit. por Bouchev & Furman, 2003) o grau de envolvimento romântico e a qualidade das suas relações parecem estar relativamente independentes.

Assim como, os indivíduos têm modelos ou representações das suas relações com os progenitores, eles também desenvolvem representações ou percepções dos seus relacionamentos românticos. Ou seja, representações de relacionamentos românticos, bem como das relações de pai-filho(a), podem ser classificadas em três categorias: segura, ansiosa-evitativa (despedir) e ansiosa-ambivalente (preocupado). Especificamente, os modelos ou estilos românticos ansioso-ambivalente têm sido associados a uma maior sintomatologia e pobre auto-estima, enquanto que, estilos que impliquem maior segurança estão associados a uma maior auto-estima (Furman, 2000; cit. por Bouchev & Furman, 2003).

Em relação à rejeição numa relação de namoro, as jovens que sofrem de rejeição estão mais sensíveis e preocupadas, com o facto do seu parceiro poder traí-las ou serem enganadas e por isso, controlam o parceiro querendo saber exactamente o que ele faz sem elas. Eles, na mesma situação, são mais susceptíveis de entrar em agressões físicas ou, ignorar as suas parceiras fazendo-as sentir mal-estar (Bouchev & Furman, 2003).

Entre adolescentes com orientações mais tradicionais de papel de género, constata-se que os rapazes põem mais ênfase sobre a sexualidade, enquanto que as raparigas colocam mais ênfase, nas qualidades afectivas (Tilton-Weaver, 2004).

Neste campo existe pouco trabalho empírico realizado, mas é evidente que existem variações individuais nas experiências românticas dos(as) adolescentes, além de que essas diferenças estão ligadas aos ajustes psicossociais.

2.4.2 FACTORES SOCIOCONTEXTUAIS E EXPERIÊNCIAS ROMÂNTICAS

As relações românticas ocorrem dentro de um contexto social. Assim, as experiências românticas adolescentes estão, provavelmente, ligadas a uma estreita relação com os outros, como os progenitores e amigos dos(as) jovens. Além disso, a partilha de experiências com parceiros(as) amorosos(as) pode influenciar os seus pontos de vista e posteriores relacionamentos. Por fim, as amplas mensagens culturais, as práticas e costumes na sociedade em geral poderão, também, ter um impacto sobre as visualizações românticas dos(as) adolescentes (Bouchey & Furman, 2003).

Os(As) adolescentes estão expostos à informação sobre o namoro a partir de diversas fontes. Os(As) amigos(as) são citados(as) como os(as) que mais fornecem informação, bem como sendo a fonte mais confortável, enquanto que os progenitores e educadores(as) são considerados as fontes mais precisas e seguras (Wood, Senn, Desmarais, Parque & Verberg, 2002; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

2.4.2.1 RELACIONAMENTO COM OS PROGENITORES

A premissa de que as relações mãe-filho(a) influenciam os relacionamentos românticos não constitui uma novidade. Nomeadamente, Freud (1940; cit. por Bouchey & Furman, 2003) afirmou que a relação mãe-bébé serve como um modelo para todos os relacionamentos amorosos, que possam acontecer mais tarde.

Os primórdios da sexualidade humana encontram-se na relação precoce entre a mãe e o bebé, o prazer desde encontro e dessa satisfação recíproca molda o desenvolvimento afectivo e tem repercussão na evolução sexual, como foi postulado pela psicanálise e confirmado por estudos empíricos. Desde o nascimento, que o ser humano é alvo de mensagens conscientes e inconscientes, do pai e da mãe ou, de outros familiares próximos, no sentido da sua definição como sendo do género masculino ou feminino (Grupo de Trabalho para a Educação Sexual - GTES, 2007).

Muitos(as) teóricos(as) põem a hipótese de que os progenitores podem influenciar as relações de namoro dos(as) filhos(as) através de uma variedade de mecanismos. Um dos processos pela qual os progenitores podem ter um efeito sobre as relações dos(as) adolescentes é através da socialização das práticas.

A forma como o(a) adolescente viveu a infância e a maneira como os progenitores lidaram com as questões da sexualidade surgidas nessa etapa, são importantes para

uma evolução favorável dos comportamentos sexuais que se vão operar nas relações de namoro adolescentes. Quando no seio das relações familiares se vivenciam padrões de conflito ou discordâncias parentais, é provável que a sexualidade adolescente se torne um foco de tensão geracional. Se, pelo contrário, a evolução do(a) jovem se processou sem percalços significativos, é possível que os(as) adolescentes vivam este período como um momento de descoberta e gratificação (GTES, 2007).

Uma história de vida pautada pelos cuidados atentos e responsáveis dos progenitores reforça nos(as) adolescentes um sentimento de auto-estima, assim como, permite uma maior confiança no domínio das experiências românticas e relacionamentos (Collins & Sroufe, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003). Desta forma, um estilo parental autoritário pode ajudar os(as) adolescentes a ter uma noção do domínio romântico. Por exemplo, crianças cujos progenitores controlam eficazmente as suas actividades têm maior hipótese de se sentirem apoiadas e desenvolverem a competência social necessária para negociar relacionamentos românticos (Gray & Steinberg, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Além disso, a intervenção dos progenitores na socialização das práticas pode afectar as escolhas futuras dos(as) adolescentes e também, a construção dos seus pontos de vista em relação às relações de namoro (Simon *et al.*, 2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

De acordo com Bowlby (1973; cit. por Bouchey & Furman, 2003) os modelos formados no contexto da primeira relação cuidador(a)-criança transitam, posteriormente, para os relacionamentos da vida. Assim, se uma criança teve consistentes experiências de cuidados precoces, ela mostra-se segura nos relacionamentos, e terá, por sua vez uma abordagem mais favorável às novas relações, com a expectativa de atingir intimidade e proximidade amorosa. Por outro lado, um indivíduo que sofreu rejeição ou inconsistentes (ou intrusivos) cuidados pode desenvolver insegurança nas relações de proximidade romântica.

As evidências empíricas indicam que existe uma ligação entre os tipos de relações com os progenitores e os relacionamentos com os parceiros românticos, mas os resultados são um pouco inconsistentes. Todavia, estas ligações podem tornar-se mais fortes na adolescência tardia e na vida adulta (Furman & Wehner, 1997; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Os progenitores nos seus próprios casamentos ou, relações amorosas, podem influenciar os(as) jovens, por serem um modelo de padrão de comunicação, de resolução de conflitos e de busca de apoio conjugal nos seus relacionamentos

românticos. Estes padrões podem ser imitados pelos(as) adolescentes, posteriormente, com os seus(suas) parceiros(as) (Bouchey & Furman, 2003).

Estudos realizados com o intuito de estudar a transmissão inter-geracional da agressão, no namoro, têm encontrado ligações entre o casamento dos progenitores e as relações dos adolescentes, pautadas por agressões dirigidas as suas parceiras românticas (Capaldi *et al.*, 2001; cit. por Bouchey & Furman, 2003). Estas práticas parentais parecem conduzir a comportamentos anti-sociais que, por sua vez, podem estar ligados à violência no namoro.

2.4.2.2 RELACIONAMENTO COM OS(AS) AMIGOS(AS) OU PARES

A maioria dos(as) teóricos(as) enfatiza o papel que as relações pai-filho e mãe-filha podem desempenhar no surgimento de relacionamentos românticos (e.g. Shaver & Hazan, 1988; cit. por Bouchey & Furman, 2003), mas não discutiram o papel que pode desempenhar as relações entre pares.

Furman (1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003) propôs que as relações com os pares podem interferir no desenvolvimento dos relacionamentos românticos, pelo menos, através de três mecanismos diferentes. Em primeiro lugar, como foi dito anteriormente, o grupo oferece um contexto social para o estabelecimento das relações heterossexuais, contribuindo para os intercâmbios entre sexos. Os(As) adolescentes, amigos(as) e conhecidos(as) podem servir de intermediários(as), prestando serviços de correio e, de intérpretes da experiência romântica, protegendo, assim, um pouco, cada adolescente da eventual rejeição pelo(a) parceiro(a) ou, de experiências desfavoráveis. Interagir no contexto de um grupo, também, pode ser mais fácil para os(as) jovens adolescentes, facilitando os intercâmbios com os membros do sexo oposto.

Em segundo lugar, cada um dos seus pares e amigos(as) pode afectar a natureza de um relacionamento romântico, uma vez que são susceptíveis de influenciar as escolhas de parceiros potenciais e até, os comportamentos para com os(as) parceiros(as). Por exemplo, a associação de jovens a pares com comportamentos desviantes pode provocar atitudes hostis para com as raparigas que, por sua vez, podem ocasionar práticas de maus-tratos, nomeadamente, agressões psíquicas e físicas direccionadas para as parceiras românticas (Capaldi *et al.*, 2001; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Finalmente, as representações de amizades e as interacções com os(as) amigos(as) podem também, influenciar conjuntamente processos existentes nas relações de

namoro, pois as amizades partilham uma série de funcionalidades comuns aos relacionamentos amorosos. As amizades e as relações de namoro implicam alguns traços comuns, tais como: construção mútua do relacionamento, companheirismo e intimidade (Furman, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003). E são ambas igualitárias na sua natureza pois implicam, pelo menos teoricamente, uma relação de igualdade com o outro.

Assim, as competências sociais adquiridas nas amizades seriam de esperar na transição para os relacionamentos românticos. Dadas as semelhanças nas características e qualidades de uma estreita amizade e um relacionamento romântico, os(as) adolescentes podem possuir representações cognitivas dessas relações, que são susceptíveis de ser vinculadas. As ligações entre as representações de amizades e relacionamentos românticos são mais consistentes, do que as relações entre progenitores e filhos(as) e esses relacionamentos (Furman, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Investigadores(as) têm explorado o papel da amizade, com pessoas do sexo oposto, no desenvolvimento de relacionamentos românticos. Estas amizades com elementos do sexo oposto são uma prática comum na adolescência, especialmente no ensino secundário. A literatura existente sugere que tais relações influenciam as experiências românticas adolescentes (Kuttler *et al.*, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Num estudo desenvolvido por Feiring (1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003), os(as) adolescentes que aos 13 anos tinham mais amizades do sexo oposto, mostraram uma maior tendência para aos 15 anos descreverem as suas relações românticas de uma forma autoreveladora, do que aqueles(as) com menos amizades do sexo oposto. Em contraste, os(as) adolescentes com um menor número de amizades, do outro sexo, tendiam a focalizar a descrição das suas subseqüentes relações românticas no *status* social. Em acréscimo, estes(as) adolescentes que aos 13 anos tinham mais amizades apresentavam aos 18 anos, relações românticas mais duradouras.

A interacção com pares do outro sexo parece estar, também, associada à competência social e relacional, assim como à elevada auto-estima (Bukowski, Sippola & Hoza, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Por outro lado, os relacionamentos sexuais minoritários, como o tipo homossexual, são geralmente muito diferentes, pois poucos(as) os(as) jovens têm a oportunidade de fazer parte de um grupo de adolescentes com a mesma orientação sexual e, em lugar, podem-se gerar tensões ou hostilidades, com os seus pares heterossexuais. O(A) jovem apaixonado(a) por um(a) amigo(a) do mesmo sexo, que ainda não manifeste um intenso relacionamento sexual pode atender a algumas das necessidades da juventude heterossexual, através de encontros românticos (Diamond, Savin-Williams &

Dubé, 1999; cit. por Bouchey & Furman, 2003). Tais relações também podem ajudar no esclarecimento e na averiguação da identidade sexual.

2.4.2.3 EXPERIÊNCIAS DE NAMORO E INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Embora os padrões de interacção dos(as) adolescentes com os progenitores e amigos(as) possam influenciar os seus pontos de vista, pela estreita relação que mantém com os outros, existem outros aspectos relevantes nas relações de namoro. Desta forma, podemos assinalar aspectos específicos no domínio dos relacionamentos românticos, como por exemplo, o comportamento sexual, a infidelidade e a dissolução do namoro. Todos estes aspectos são comuns nos namoros e inexistentes nos outros relacionamentos (Bouchey & Furman, 2003).

Além da aquisição de competências relacionais específicas, os(as) parceiros(as) românticos adolescentes podem sofrer influências de experiências de namoro anteriores. Aqueles(as) jovens com menos experiências positivas, denotam nas futuras relações alguma apreensão ou receio de repetir os padrões de interacção de antigos namoros. Embora este facto possa ocorrer, cada relação de namoro é diferente, porque o(a) parceiro(a) amoroso(a) não é o(a) mesmo(a) e o(a) jovem pode comportar-se também, de forma diferente numa nova relação (Bouchey & Furman, 2003).

Assim, podemos dizer que os(as) adolescentes aprendem com as relações de namoro e ganham competências psicossociais, que no seu conjunto contribuem para a construção da sua identidade.

Cada relação de namoro é afectada por questões socioculturais, que transmitem mensagens relativas ao campo amoroso. Existem muitas vezes inúmeras diferenças no significado e frequência de namoro entre culturas.

As influências sociais ou culturais que interferem nos relacionamentos são inúmeras, tais como os “retratos” de romance nos *mass média*, as normas sobre o namoro, os papéis sexuais, o casamento e a sexualidade. Muitas sociedades ocidentais enaltecem o valor do namoro, mas existem, ainda, sociedades tradicionais que inibem o contacto com o sexo oposto, desencorajando ou proibindo activamente os relacionamentos no domínio afectivo-sexual (Hatfield & Rapson, 1996; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Em diferentes culturas pode existir uma grande variabilidade de formas de relacionamento romântico. A autonomia e a independência na selecção de parceiros(as) românticos(as) marca um namoro na cultura ocidental, contudo, não é uma prática cultural universal, pois nem todas as culturas permitem uma liberdade de escolha de parceiros(as) (Stephens, 1963; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

A aprovação dos namoros pelos progenitores ou por idosos reconhecidos, bem como os casamentos arranjados são práticas comuns em diversas áreas do mundo (Sprecher & Chandak, 1992; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Em certas culturas o casal de noivos pode ser seleccionado pela comunidade, amigos ou familiares, além dos progenitores, com papéis culturalmente prescritos para modelarem o comportamento conjugal, podendo estes agentes exercer uma forte influência sobre os relacionamentos românticos juvenis (Simon *et al.*, 2000; cit. por Bouchey & Furman, 2003).

Assim, a maioria dos(as) adolescentes do mundo não possuem independência suficiente para seleccionar os(as) seus(suas) potenciais companheiros(as), colocando em causa os direitos humanos e gerando grandes desigualdades.

Além disso, sabemos que os relacionamentos amorosos femininos foram sendo alvo de repressão e de maior controlo, ao longo da história da humanidade onde reinava a *dupla moral sexual*, que levou à construção de relações de género assimétricas. Um dos exemplos, passa pela questão da infidelidade pré-conjugal ou conjugal, que desde sempre foi vista de forma diferente para mulheres e homens e também, de acordo com a sua cultura e classe social (Vicente, 2002).

Por conseguinte, as diferenças culturais na selecção de parceiros(as) românticos(as) e as diferenças de tratamento nos relacionamentos face ao género, terão um impacto sobre o desenvolvimento dos namoros e, simultaneamente, nas representações cognitivas de tais relações na adolescência.

No novo milénio, o namoro continua a ser uma fonte de intimidade, interesse, apoio e companheirismo para a juventude.

As relações de namoro são um tema de interesse, análise e reflexão nos meios de comunicação social (e.g., televisão, livros, revistas e artigos de jornal) e, ao mesmo tempo, são uma fonte de aprendizagem privilegiada dos estereótipos de género, na medida em que se continuam a reproduzir alguns papéis sexuais tradicionais com traços psicossociais estereotipados (Neto *et al.*, 1999).

Ao longo do tempo, os namoros têm sofrido transformações tornando-se cada vez mais informais, comparativamente com as relações de namoro que ocorreram há 50 ou 70 anos atrás. Actualmente, os namoros ocorrem numa idade mais precoce mas de

duração curta, no entanto, os relacionamentos mais duradouros, como as uniões de facto e os casamentos, ocorrem mais tarde (Langhinrichsen-Rohling *et al.*, 2005).

A actual literatura descreve hoje o namoro como um processo mais casual, espontâneo, cooperativo e sem restrições, em que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se mostram valiosas como meio propício ao desenvolvimento de relacionamentos amorosos (e.g., internet).

Estudo Empírico

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DO ESTUDO

Os estudos em educação (...) constituem uma «ciência prática», na medida em que não queremos apenas conhecer factos e compreender as relações em nome do saber, mas também pretendemos conhecer e compreender com o objectivo de sermos capazes de agir e de agir «melhor» que anteriormente.

(Langeveld, 1965; cit. por Bell, 2004, p.36)

Neste capítulo pretende-se descrever o estudo empírico realizado, nomeadamente, o trabalho de concepção e a metodologia utilizada no âmbito da investigação.

O presente estudo pretende averiguar as eventuais representações de género que poderão ser encontradas nas relações de namoro, estabelecidas durante o período da adolescência.

Tal como foi já referido no estudo teórico, vários(as) autores(as) apontam para o facto de o género não estar nas pessoas mas nas interacções, que são socialmente construídas como tendo género, e que muitas das distinções associadas ao género são originadas e reforçadas pelo processo de socialização, que pode ser diferente para rapazes e raparigas (e.g., Amâncio, 1994; Nogueira, 2001; Vieira, 2006).

A presença de ideias estereotipadas, acerca das características e das competências do(a) adolescente em função da pertença a cada um dos sexos, pode interferir na regulação dos comportamentos/atitudes face aos relacionamentos amorosos.

De acordo com Crawford (1995; cit. por Nogueira, 2001) *os processos relacionados com as categorias sociais do género influenciam o comportamento, os pensamentos e os sentimentos dos indivíduos, afectam as interacções sociais e ajudam a determinar a estrutura das instituições sociais* (p.213).

O quadro conceptual que serviu de base às questões de investigação foi a perspectiva da construção social do género e das identidades, partindo de uma visão psico-sociológica. Esta perspectiva construcionista social do género, encara as diferenças entre os sexos como produto cultural e relacional (Nogueira, 2001).

Através de todo o processo de socialização são reproduzidos papéis sexuais que são incutidos nas raparigas e nos rapazes, que englobam características, interesses, comportamentos e atitudes definidas pela sociedade ou pela cultura, como sendo

apropriados para cada género e que, têm implicações na manifestação da sexualidade, nomeadamente, nas relações de namoro (Santos, 2004).

Os padrões de comportamento relativos aos rapazes e às raparigas são influenciados pelos estereótipos de género, manifestando nos(as) jovens percepções, preferências, atitudes e comportamentos face à sexualidade, concordantes com as expectativas sociais (Neto *et al.*, 1999).

A literatura sobre a temática, indica que as raparigas aprenderam a ligar o sexo ao amor, a expressar mais os sentimentos e afectos, a racionalizar o seu comportamento sexual ao acreditarem que fizeram tudo por amor, para satisfazerem o companheiro que amam, e não para satisfazerem os seus próprios desejos e necessidades sexuais, que tendem a ser reprimidas. Em contrapartida, quando as raparigas expressam muito cedo ou com maior frequência a sua sexualidade, são julgadas negativamente pela sociedade que desaprova esse comportamento (Santos, 2004).

Em contraste, os rapazes aprenderam os *scripts* sexuais (definidos como esquemas socialmente construídos de significação e de orientação da acção), que acentuam a satisfação dos próprios desejos e necessidades sexuais. Assim, a sociedade acredita que os elementos masculinos estejam mais motivados pelo desejo físico do que pelos sentimentos, desejando ter relações sexuais sem compromisso sentimental (Alferes, 1997).

A investigação tem mostrado que as diferenças de género existem e são condicionadas pela sociedade, pelos papéis sexuais e pelos *scripts* sexuais, conduzindo às diferenças observadas entre os sexos, a nível comportamental, nas questões relacionadas com a sexualidade (e.g., Alferes, 1997; Roque, 2001).

Mas apesar destas diferenças, alguns autores consideram que, actualmente, já não existe um *duplo-padrão* sexual clássico, na medida em que os(as) jovens já começam a acreditar na existência da igualdade sexual, sendo os padrões de sexo juvenil cada vez mais atenuados, aplicáveis aos jovens de ambos os sexos (e.g., Nodin, 2001; McCabe & Collins, 1990, cit. por Santos, 2004; Vasconcelos, 1998).

O estudo empírico realizado procurou aprofundar o conhecimento da sexualidade adolescente, averiguando se existem diferenças de género nas percepções dos(as) jovens sobre as relações de namoro.

A metodologia utilizada neste estudo foi de natureza não experimental, de carácter quantitativo. Esta decisão foi baseada na análise e interpretação de estudos empíricos já realizados neste campo científico, durante a revisão de literatura sobre a temática do género e sexualidade adolescente, que indicaram ser este, talvez, o caminho mais adequado (e.g., Alferes, 1997; Amâncio, 1994; Roque, 2001; Vieira, 2006).

Neste estudo procurou-se recolher opiniões de adolescentes, através de um inquérito por questionário construído com o intuito de avaliar algumas das dimensões atitudinais, relacionadas com as relações de namoro adolescente, e estudar as diferenças de género.

Neste capítulo apresentam-se os objectivos e questões de investigação, a amostra, o instrumento e os procedimentos de recolha e análise de dados, realizados durante o estudo.

3.1 OBJECTIVOS DO ESTUDO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O principal objectivo do estudo empírico passa por conhecer as percepções dos(as) adolescentes participantes sobre a sexualidade juvenil, particularmente as atitudes face ao namoro heterossexual, averiguando se existem diferenças de género. Optou-se por restringir o objecto de estudo e focalizar a investigação apenas, nas relações de namoro heterossexual.

O estudo procura, através do conhecimento das opiniões dos(as) jovens fornecer pistas para a compreensão das relações de namoro heterossexual adolescente, de forma a contribuir para a intervenção em projectos de promoção de educação sexual.

O estudo empírico realizado teve como objectivos:

- aprofundar o conhecimento do género e sexualidade adolescente;
- caracterizar as atitudes dos(as) adolescentes face ao namoro;
- comparar as percepções das raparigas e rapazes adolescentes, averiguando a persistência do duplo padrão sexual ou o seu esbatimento (e.g., Alferes, 1997; Giddens, 2000; Nodin, 2001; Roque, 2001; Santos, 2004).

Foram colocadas algumas questões de partida, a partir da revisão da literatura sobre o domínio em análise, que irão de encontro aos objectivos da investigação:

- Quais as percepções dos(as) adolescentes sobre as relações de namoro, sexualidade e género?
- Será que se verificam diferenças significativas entre as raparigas e os rapazes, no que respeita às dimensões "atitudinais" das relações de namoro adolescente?

- Como se caracterizam as atitudes das raparigas e rapazes adolescentes, face ao namoro?
- Será que persiste, ou não, o duplo padrão sexual entre rapazes e raparigas?

3.2 PARTICIPANTES

Em termos genéricos estudámos, numa amostra de conveniência de alunos(as) do Ensino Secundário (10º, 11º e 12º ano de escolaridade), quais seriam as opiniões sobre comportamentos e atitudes, face ao género e à sexualidade, nas relações de namoro.

O tipo de amostragem foi por conveniência, para conferir uma maior facilidade à execução do estudo, na medida em que os(as) participantes seleccionados(as) apresentavam uma maior disponibilidade ou se encontravam mais acessíveis para a investigação, nomeadamente para responder ao inquérito (Reis *et al.*, 1999).

Neste estudo optou-se por inquirir uma amostra de população juvenil de estudantes, que se encontravam no período da adolescência mais tardio, por um lado para circunscrever o objecto de estudo e por outro, pelo facto dos(as) adolescentes nesta fase de desenvolvimento terem, normalmente, uma maior vivência de experiências de namoro, o que permite obter mais facilmente um conjunto de opiniões sobre as relações de namoro.

O estudo incidiu sobre turmas de estudantes do ensino secundário, de um estabelecimento de ensino público da área urbana de Setúbal.

No estudo empírico foram recolhidos 366 inquéritos, tendo sido validados 362. Assim, participaram nesta investigação 362 estudantes ($N=362$), 198 do sexo feminino e 164 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e 20 anos, pertencentes a 16 turmas de diferentes cursos do ensino secundário, das quais 3 turmas de cursos Profissionais e 13 turmas de cursos Científicos-Humanísticos.

3.3 INSTRUMENTO

Neste estudo foi elaborado um inquérito por questionário, intitulado "*Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente*", adaptado aos objectivos do estudo e construído com a finalidade de recolher as opiniões de adolescentes sobre aspectos

relacionados com comportamentos e atitudes, face ao género e à sexualidade, nas relações de namoro adolescente.

Esta técnica de recolha de informação, o questionário, corresponde ao mais estruturado e rígido dos tipos de entrevista, visto que nele se recolhem opiniões a partir de um conjunto de perguntas, inseridas no instrumento sob uma forma e segundo uma ordem prévia, estritamente programadas (Amorim, 1995).

A escolha do inquérito por questionário, baseou-se no facto deste instrumento ser de utilização usual neste campo científico (e.g., Alferes, 1997; Nodin, 2001; Roque, 2001; Vasconcelos, 1998), no âmbito dos estudos de género e da sexualidade.

Na elaboração do questionário foram fundamentalmente relevantes os seguintes aspectos: o tipo de questões a incluir, a ordem de apresentação e o número, assim como a redacção dada às questões. A estrutura do instrumento foi construída de acordo com o objecto de estudo e adaptado à faixa etária dos(as) participantes, tendo servido também de suporte a leitura de bibliografia sobre o tema – relações de namoro e entrevistas exploratórias, anteriormente realizadas a um grupo de estudantes.

Como suporte à construção do instrumento, foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas, de carácter exploratório, com 3 adolescentes do sexo masculino e 3 do sexo feminino, de idades compreendidas entre os 16 e 17 anos, após a devida autorização dos(as) encarregados de educação e salvaguarda da confidencialidade das informações.

O guião dessas entrevistas incluiu as seguintes questões:

- Quem toma a iniciativa do namoro?
- Como expressam as raparigas e os rapazes os seus afectos e sentimentos?
- Quem controla o namoro?
- Como valorizam as relações sexuais conforme o sexo?
- Qual a influência dos progenitores no namoro? E os(as) amigos(as)?
- Quais as características do namoro nas raparigas e nos rapazes?

Esta investigação utilizou um questionário que integrou os seguintes componentes: variáveis de caracterização sociodemográfica; questões sobre a história das relações de namoro dos(as) adolescentes; questões sobre a experiência sexual no namoro e a escala de atitudes face ao namoro.

As variáveis de caracterização sociodemográfica dos(as) participantes, incluídas na primeira parte do questionário, foram: o sexo, a idade, o ano de escolaridade, o curso frequentado e a posição religiosa. O item relacionado com a prática religiosa, foi avaliado numa escala de Lickert, de 1 (nada religioso(a)) a 6 (muito religioso(a)). Este item referente à posição religiosa foi incluído para averiguar se existe alguma

associação entre a prática de acções religiosas e ás atitudes dos(as) adolescentes perante a sexualidade e o género, na medida em que, a prática religiosa, como acção pedagógica sistemática, poderá influenciar a representação do mundo e exercer a regulação dos comportamentos dos(as) jovens (Alferes, 1997).

Em relação à história das relações íntimas dos(as) jovens, foram incluídas questões respeitantes à actual situação face ao namoro, avaliou-se se no momento tinham algum(a) namorado(a); em caso de resposta negativa, se já tinham tido pelo menos um(a) namorado(a); qual o tempo de duração do presente ou último namoro; se já tiveram relações sexuais e em caso de resposta afirmativa, se tiveram com o(a) presente (ou último(a)) namorado(a).

Na segunda parte do instrumento foi incluída uma *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, constituída por 65 itens, distribuídos por 5 dimensões atitudinais relativas às relações de namoro entre os(as) jovens:

- Controlo parental/social (12 itens);
- Autonomia e liberdade individual na relação (12 itens);
- Controlo do namoro (12 itens);
- Sexualidade (15 itens);
- Expressão de afectos e sentimentos (14 itens).

Os itens que dizem respeito à dimensão controlo parental/social referem-se às pressões sociais nas relações de namoro, nomeadamente, ao controlo das saídas, à aceitação do namoro por parte dos pais e amigos(as).

Na dimensão autonomia e liberdade individual na relação, os itens dizem respeito à autonomia e liberdade de cada um dos parceiros na relação.

Na dimensão controlo do namoro, os itens referem-se ao exercício de poder dentro da relação amorosa.

O conjunto de itens referentes à dimensão sexualidade contemplam o sexo e as práticas sexuais, incluindo experiências prévias e "instrumentalidade".

Por fim, a dimensão da expressão de afectos e sentimentos refere-se à forma como os jovens (rapazes e raparigas) expressam afectos e sentimentos.

Em cada dimensão atitudinal construíram-se itens estereotipados (masculinos e femininos) e de igualdade de género.

Esta Escala de atitudes destinou-se a aferir certo tipo de opiniões relativamente ao namoro entre rapazes e raparigas, com base no grau de concordância/discordância, numa escala de Lickert, avaliada em: 1 (totalmente em desacordo), 2 (muito em desacordo), 3 (parcialmente em desacordo), 4 (parcialmente de acordo), 5 (muito de acordo) e por fim, 6 (totalmente de acordo). O(A) inquirido(a) teria de tomar uma

posição na escala constituída por seis pontos e assim, o conjunto de respostas permitiria medir a intensidade de concordância ou discordância, da respectiva atitude. A versão final do questionário é apresentada no **Anexo 1**. A discriminação dos itens incluídos na *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, por dimensão atitudinal, é apresentada no **Anexo 2**.

De entre as variáveis conceptualizadas como independentes, foram utilizadas as de carácter sociodemográfico de caracterização pessoal. A variável dependente traduziu-se nas percepções dos(as) jovens acerca das relações de namoro, sexualidade e género, que foi medida através de uma Escala de atitudes construída para o efeito.

3.4 PROCEDIMENTOS

3.4.1 PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

O estudo empírico foi realizado em contexto educativo, com estudantes adolescentes a frequentar o Ensino Secundário que segundo a revisão teórica, estabelecem com frequência nesta etapa relações amorosas, o que facilitaria a tomada de posição perante as atitudes face às relações de namoro e género.

Em virtude deste estudo ter como base as percepções dos(as) participantes da amostra, expressa em atitudes e comportamentos íntimos e pessoais, exigiu um carácter reservado e confidencial das respostas.

O procedimento consistiu, basicamente, no pedido de participação voluntária dos(as) estudantes, em meados do mês de Março de 2009, após a solicitação da autorização ao órgão de gestão do estabelecimento de ensino e o consentimento atempado dos(as) estudantes e dos(as) encarregados(as) de educação respectivos.

Os(as) participantes da amostra foram previamente informados(as) sobre as finalidades do estudo, a liberdade de participação e esclarecidos(as) sobre o carácter sigiloso e confidencial dos dados.

Foi solicitado o preenchimento individual do questionário, com o apoio do(a) director(a) de turma, a estudantes de 16 turmas de diferentes cursos do ensino secundário, num espaço de sala de aula reservado do estabelecimento de ensino, garantindo as condições de respeito pelo anonimato e liberdade de participação dos(as) adolescentes.

Conforme foi referido anteriormente, dos 366 inquéritos recolhidos foram validados e considerados para este estudo apenas 362, devido a erros graves no preenchimento e/ou grande número de itens sem resposta.

3.4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a recolha da informação, no mês de Março de 2009, procedeu-se aos tratamentos estatísticos, através da utilização de um software específico informático, programa *SPSS-17 (Statistical Package for Social Sciences)* para Windows. As variáveis foram introduzidas numa base de dados e analisadas com o programa atrás referido.

O tratamento da informação baseou-se na análise estatística descritiva dos resultados, adequada à sua natureza, realizou-se testes estatísticos, frequências, medidas de tendência central comparando as médias segundo o género e posição religiosa.

Os dados obtidos foram de natureza nominal, como o curso e o sexo dos(as) jovens; ordinal, como o ano de escolaridade, ou de natureza intervalar, como a idade ou a duração do tempo de namoro. Estes dados foram também utilizados como variáveis independentes, para analisar da sua eventual influência sobre outros itens inquiridos.

Relativamente aos itens da *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, apesar de serem variáveis ordinais, devendo por isso, ser alvo de tratamentos estatísticos não paramétricos, consideramos ser mais vantajoso em termos estatísticos optar por utilizar esses itens como variáveis intervalares, possibilitando assim uma estatística quantitativa, com recurso a médias e desvios-padrão, e paramétrica. Existem numerosos estudos que, utilizando escalas formalmente ordinais, realizaram tratamentos estatísticos paramétricos (Reis *et al.*, 1999).

Em relação às variáveis independentes, como as sociodemográficas, foi analisada a sua influência nas variáveis dependentes.

Sempre que necessário e para facilitar a apresentação, análise e interpretação dos resultados, decidiu-se transformar algumas variáveis criando categorias a partir de dados intervalares, de forma a clarificar as comparações entre variáveis e entre grupos (Melo, 2000).

Tendo em conta as considerações anteriormente descritas, foram realizadas algumas análises estatísticas com utilização de provas paramétricas, como *teste t de Student* e análise de variância simples (ANOVA), e provas não paramétricas como o teste de Qui-quadrado e teste de Mann-Whitney.

A *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente* foi submetida a um estudo de fidelidade, através da análise da consistência interna dos seus itens (Escala global). A consistência interna permite determinar o grau de confiança e de exactidão da informação obtida, bem como a homogeneidade e coerência que existe entre as respostas dos(as) participantes a cada um dos itens da escala (Reis *et al.*, 1999).

Utilizou-se uma prova de homogeneidade, o coeficiente *Alpha de Cronbach* (α) baseada na correlação de cada um dos itens com todos os outros e na correlação média entre os itens da Escala (Melo, 2000).

No presente estudo empírico foram tentadas diversas análises factoriais. No entanto, a complexidade da Escala não possibilitou encontrar uma solução factorial simples e clara, que permitisse agrupar os itens em dimensões com significado. Desta forma, optou-se por fazer as análises estatísticas item a item.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO

Neste capítulo são apresentados os resultados das análises descritivas e diferenciais obtidas através do estudo empírico, em função das questões de investigação anteriormente delineadas.

Procura-se então verificar eventuais diferenças de género e relações existentes entre as várias dimensões estabelecidas, relativas às relações de namoro adolescente.

Inicialmente é realizada uma caracterização dos(as) participantes, relativamente ao número da amostra, sexo, idade, ano de escolaridade, curso, posição religiosa, situação face ao namoro e existência ou não, de relações sexuais.

Em seguida, apresentam-se as relações encontradas entre os itens da Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente, de acordo com o género e posição religiosa, e finalmente, é feita a análise e discussão dos resultados obtidos através dos questionários.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS(AS) PARTICIPANTES

Como já foi referido anteriormente, dos(as) 362 participantes da amostra, 164 (cerca de 45,3%) pertenciam ao sexo masculino e 198 (cerca de 54,7%) ao sexo feminino, conforme se mostra no Quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição das frequências da amostra por sexo.

	Frequências	%
Masculino	164	45,3
Feminino	198	54,7
Total	362	100

No Quadro 3 são apresentadas as frequências dos(as) jovens por idade e género. Os(as) adolescentes que participaram no estudo empírico tinham idades compreendidas entre os 15 e 20 anos de idade.

Os jovens do sexo masculino apresentavam uma média de idades de 16,80 e as jovens do sexo feminino, 16,85.

Quadro 3 – Distribuição das frequências dos(as) jovens por idade e sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
15	24	6,6	32	8,8	56	15,5
16	45	12,4	49	13,5	94	26,0
17	48	13,3	54	14,9	102	28,2
18	34	9,4	46	12,7	80	22,1
19	13	3,6	13	3,6	26	7,2
20	0	0,0	4	1,1	4	1,1
Total	164	45,3	198	54,7	362	100,0

A Figura 2 mostra a distribuição relativa das idades dos(as) adolescentes participantes no estudo, por sexo. A distribuição relativa das idades denota semelhanças para ambos os sexos.

A idade média geral dos(as) participantes foi 16,8 anos, o que indica que os(as) jovens inquiridos(as) no estudo se encontravam no período tardio da adolescência.

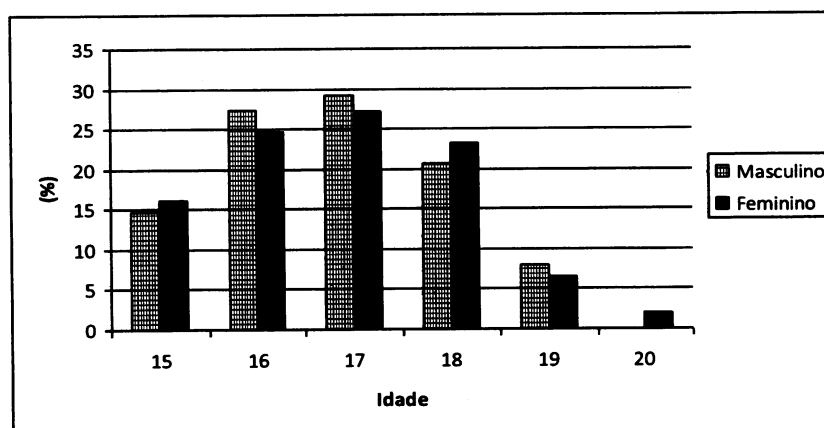


Figura 2 - Distribuição relativa dos(as) jovens por idade para o sexo masculino e para o sexo feminino.

No Quadro 4 estão ilustradas as frequências dos(as) jovens por ano de escolaridade e sexo. A frequentar o 10º ano de escolaridade, encontravam-se 15,7% dos rapazes e 16,6% das raparigas; no 11º ano de escolaridade, 19,6% dos rapazes e 21,0% das raparigas e no 12º ano de escolaridade, 9,9% dos rapazes e 17,1% das raparigas.

Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, entre os sexos, no que diz respeito à distribuição dos(as) participantes, por ano de escolaridade.

Quadro 4 – Distribuição das frequências dos(as) jovens, por ano de escolaridade e sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
10º ano	57	15,7	60	16,6	117	32,3
11º ano	71	19,6	76	21,0	147	40,6
12º ano	36	9,9	62	17,1	98	27,1
Total	164	45,3	198	54,7	362	100,0

A partir do Quadro 5, podemos verificar que a frequentar o curso científico-humanístico de Ciências e Tecnologias encontravam-se 157 (44,1%) estudantes; 48 (13,5%) no curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades; 46 (12,9%) no curso científico-humanístico de Ciências Sociais e Humanas; 42 (11,8%) no curso científico-humanístico de Artes Visuais; 48 jovens (13,5%) no curso profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos e por fim, 15 jovens (4,2%) no curso profissional de Animação Sociocultural.

Quadro 5 – Distribuição das frequências da amostra por curso e sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Artes Visuais	20	5,6	22	6,2	42	11,8
Profissional Anim. Sociocult.	1	0,3	14	3,9	15	4,2
Ciências Tecnologias	72	20,2	85	23,9	157	44,1
Ciências Sociais Humanas	10	2,8	36	10,1	46	12,9
Línguas Humanidades	15	4,2	33	9,3	48	13,5
Téc.Gestão Sist. Inform	41	11,5	7	2,0	48	13,5
Total	159	44,7	197	55,3	356	100,0

Podemos ainda referir que, a distribuição dos(as) estudantes, por género, pelos cursos do ensino secundário não é semelhante, como se pode verificar na Figura 3. Existem mais raparigas a frequentar o curso profissional de Animação Sociocultural, o curso científico-humanístico de Ciências Sociais e Humanas e, o curso científico-humanístico de Línguas e Humanidades. Por outro lado, existem mais rapazes a frequentar o curso profissional de Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos.

Em relação à frequência nos cursos científico-humanísticos de Artes Visuais e Ciências e Tecnologias, a distribuição relativa por sexo masculino e feminino revela semelhanças.

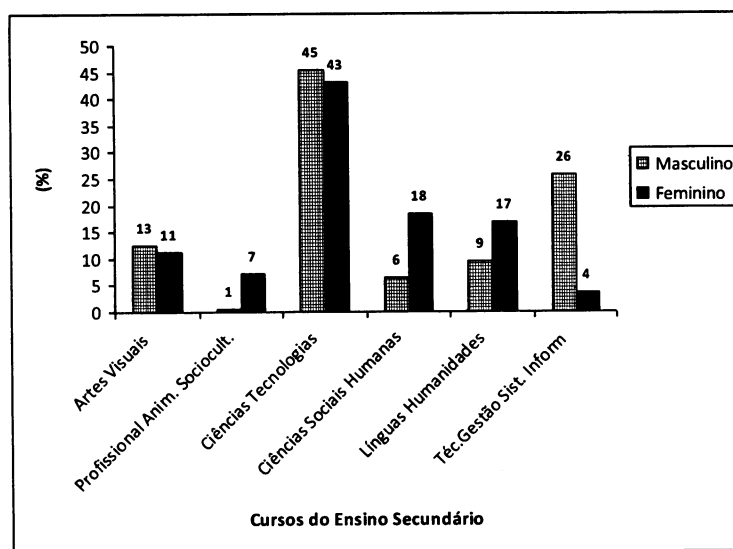


Figura 3 - Distribuição relativa dos(as) jovens por curso e por sexo.

Seguidamente, no Quadro 6, são apresentadas as frequências relativas à posição religiosa dos(as) estudantes, por sexo. A posição religiosa média geral foi de 2,3 para os rapazes e 2,7 para as raparigas (avaliada numa escala de 1 (nada religioso(a)) a 6 (muito religioso(a))).

Os(As) participantes assumem-se pouco religiosos(as) (a média deste item foi 2,5 e o desvio-padrão 1,4), no entanto, as raparigas dizem-se ligeiramente mais religiosas que os rapazes, sendo as diferenças, entre os sexos, estatisticamente significativas ($t=2,38$; $df=356$; $p=0,018$).

Quadro 6 – Distribuição das frequências da posição religiosa, por sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Nada religioso(a)	59	16,5	59	16,5	118	33,0
Quase nada religioso(a)	39	10,9	31	8,7	70	19,6
Pouco religioso(a)	36	10,1	48	13,4	84	23,5
Medianamente religioso(a)	17	4,7	38	10,6	55	15,4
Religioso(a)	7	2,0	10	2,8	17	4,7
Muito religioso(a)	5	1,4	9	2,5	14	3,9
Total	163	45,5	195	54,5	358	100,0

Relativamente à experiência de namoro (prévia e/ou actual), verificou-se que 90,8% dos(as) participantes neste estudo tinham já tido relações de namoro. Embora as raparigas tivessem maior experiência de namoro (51,1% das raparigas já tinham tido relações de namoro, enquanto que 39,7% dos rapazes tinham tido essa experiência), não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, entre os sexos, no que respeita a esta variável. No entanto, no que se refere à actual situação de namoro, a percentagem de raparigas envolvidas numa relação presente é significativamente superior à dos rapazes (24,4% das raparigas afirmaram manter na altura uma relação de namoro, enquanto que apenas 12,8% dos rapazes estava na mesma situação ($\chi^2 = 9,559$; $p = 0,002$).

O Quadro 7 sintetiza os resultados obtidos referentes às variáveis relacionadas com a experiência de namoro adolescente, na população estudantil do estudo.

Quadro 7 – Distribuição das frequências da situação relativa à experiência de namoro, por sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Nunca teve namorado(a)	19	5,3	14	3,9	33	9,2
Já teve namorado(a)	97	26,9	96	26,7	193	53,6
Tem namorado(a)	46	12,8	88	24,4	134	37,2
Total	162	45,0	198	55,0	360	100,0

O Quadro 8 resume a distribuição das frequências referentes ao tempo de duração do actual, ou último, namoro. Podemos verificar que, 49,6% dos(as) jovens inquiridos(as) afirmam que a sua relação de namoro teve uma duração, num intervalo de tempo, entre menos de um mês a seis meses. Por outro lado, 40,9% dos(as) adolescentes afirmam que o seu namoro durou mais de seis meses.

Quadro 8 – Distribuição das frequências do tempo de duração do (actual ou último) namoro, por sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Nunca namorou	19	5,5	14	4,0	33	9,5
Menos de 1 mês	22	6,3	33	9,5	55	15,9
1 - 6 meses	59	17,0	58	16,7	117	33,7
6 - 12 meses	25	7,2	34	9,8	59	17,0
1 - 2 anos	20	5,8	31	8,9	51	14,7
Mais 2 anos	11	3,2	21	6,1	32	9,2
Total	156	45,0	191	55,0	347	100,0

O Quadro 9 apresenta as frequências referentes à experiência de relações sexuais no namoro. Podemos verificar que 48,1% dos(as) jovens responderam que não tinham tido essa experiência, enquanto que, 51,9% indicaram que já tinham tido relações sexuais. No que respeita a esta variável, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, entre as respostas de raparigas e rapazes.

Quadro 9 – Distribuição das frequências referentes à experiência de relações sexuais, por sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Não	78	21,7	95	26,4	173	48,1
Sim	85	23,6	102	28,3	187	51,9
Total	163	45,3	197	54,7	360	100,0

De seguida, no Quadro 10, estão ilustradas as frequências referentes às relações sexuais, no actual ou último namoro, para o sexo feminino e masculino. Quando os(as) jovens foram inquiridos(as) sobre o facto de terem tido relações sexuais com o(a) seu(sua) actual ou com o(a) último(a) namorado(a), 53,6% dos(as) adolescentes responderam que não tiveram relações sexuais e 46,4% responderam que tiveram relações sexuais. Em relação a esta variável, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, entre géneros.

Quadro 10 – Distribuição das frequências relativamente às relações sexuais, no actual ou último namoro, por sexo.

	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		freq.	(%)
	freq.	(%)	freq.	(%)		
Não	92	26,5	94	27,1	186	53,6
Sim	65	18,7	96	27,7	161	46,4
Total	157	45,2	190	54,8	347	100,0

Como vimos anteriormente, em termos de experiências de namoro e sexuais, os rapazes e as raparigas participantes do estudo empírico, não evidenciaram diferenças de género estatisticamente significativas.

4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ESCALA DE ATITUDES FACE AO NAMORO ADOLESCENTE

4.2.1 CONSISTÊNCIA INTERNA

Procedeu-se à análise da fidelidade da *Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente*, no sentido de averiguar a sua homogeneidade, através da determinação da consistência interna, que é uma medida baseada nas correlações entre os diferentes itens da Escala.

Para determinar a consistência interna é, geralmente, utilizado o coeficiente *Alfa de Cronbach* (α), calculado a partir da correlação de cada um dos itens da Escala com todos os outros e na correlação média entre os itens. Os valores elevados do

coeficiente *Alfa de Cronbach* indicam que a fidelidade da escala é elevada, em contraste, as correlações baixas de um item com o total da escala levam a que esse item possa ser eliminado (Morales, 1988; cit. por Melo, 2000).

A análise da consistência interna da Escala total, composta por 65 itens, mostrou um valor de α relativamente elevado ($\alpha = 0,770$).

No entanto, verificou-se que alguns dos seus itens, pela sua baixa correlação com os restantes itens das respectivas sub-escalas (dimensões atitudinais), tinham o efeito de diminuir consideravelmente a consistência da mesma. Optou-se, assim, por retirar 10 itens, com correlação negativa em relação à Escala total (itens: 14, 16, 19, 21, 22, 26, 32, 36, 59 e 61).

De seguida, procedeu-se novamente à análise da consistência interna, através do cálculo do coeficiente *Alfa de Cronbach*, dos restantes 55 itens da *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, que apresentou um *Alfa* de 0,824. Podemos considerar que, a Escala apresenta um bom nível de fidelidade, estando o coeficiente *Alfa de Cronbach* acima do valor aconselhado (0,70) e próximo dos valores mais exigentes ($\alpha > 0,8$).

4.2.2 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RESPOSTAS

Como já foi referido anteriormente, a *Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente* compreendeu cinco dimensões previamente definidas.

A dimensão Controlo Parental/Social englobou itens referentes às pressões sociais que possam, eventualmente, influenciar as relações de namoro. A dimensão Autonomia e Liberdade Individual na Relação incluiu itens relacionados com as escolhas/decisões pessoais, com base na liberdade individual e na autonomia de cada parceiro(a) na relação, independentemente do género de pertença. Na dimensão Controlo do namoro, os itens referem-se ao exercício do poder dentro da relação amorosa. E na dimensão Sexualidade, os itens estão relacionados com o sexo e as práticas sexuais. Por fim, a dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos, refere-se à forma como os jovens, de ambos os sexos, expressam os afectos e sentimentos na relação de namoro.

Em cada dimensão atitudinal descrita, foram incluídos itens estereotipados, masculinos e femininos, e de igualdade de género.

À Escala global foram retirados 10 itens, pelo que ficou composta por 55 itens na sua totalidade. Os itens 14,16 e 36 eliminados pertenciam à dimensão Sexualidade; os itens 19, 22 e 32 à dimensão Autonomia e Liberdade Individual na Relação; os itens 21 e 59 à dimensão Controlo Parental/Social e os itens 26 e 61, à dimensão Controlo do Namoro.

No final, a Escala ficou composta da seguinte maneira: Controlo Parental/Social (10 itens); Autonomia e Liberdade Individual na Relação (9 itens); Controlo do Namoro (10 itens), Sexualidade (12 itens) e Expressão de Afectos e Sentimentos (14 itens).

Da análise descritiva dos itens da *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente* podemos verificar que as respostas variam, entre 1, valor mínimo, correspondente ao totalmente em desacordo, e o valor máximo 6, correspondente ao totalmente de acordo.

A partir da análise dos resultados globais da Escala⁵, podemos salientar os itens com maior concordância, por ambos os sexos, com médias totais superiores a 4,5 (itens: 15, 40, 45, 50 e 52).

Os itens 15, 45 e 50, com maior grau de concordância, dizem respeito a atitudes de igualdade de género, nas relações de namoro, ligadas às dimensões Expressão de Afectos e Sentimentos, Controlo do Namoro e Sexualidade, respectivamente. Enquanto que, os itens 40 e 52 estão relacionados com estereótipos femininos e indicam que, ambos os sexos, concordam que os namoros das raparigas têm um maior controlo parental (dimensão Controlo Parental/Social) e que as jovens valorizam mais o amor, como sentimento essencial nas relações de namoro (dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos).

Em relação às respostas que apresentam um maior grau de discordância, por ambos os sexos, com médias totais inferiores a 2,5, podemos realçar os itens: 5, 7, 12, 17, 27, 28, 30, 37, 38, 39, 42, 48, 53 e 62.

Destacam-se os itens 5, 7, 12, 30, 37, 39, 42 e 53, que dizem respeito a atitudes estereotipadas masculinas no namoro, que foram alvo de desacordo pelos(as) jovens. Os itens 5 e 53 estão relacionados com a dimensão Autonomia e Liberdade Individual; os itens 7, 39 e 62 com a dimensão Sexualidade e por fim, os itens 12, 30, 37 e 42 com a dimensão Controlo do Namoro (em que o rapaz possui maior poder na relação). Em relação aos restantes itens (17, 27, 28, 38, 48 e 62) podemos verificar que se referem a estereótipos femininos, com os quais ambos os sexos discordam, relativos

⁵ Nesta primeira análise descritiva são apresentados os resultados obtidos em todos os itens.

às dimensões atitudinais – Controlo no Namoro (17, 27 e 38), Autonomia e Liberdade Individual (48) e Sexualidade (28 e 62).

Verifica-se, de igual modo, que existem itens com valores médios diferentes entre as raparigas e os rapazes, sendo que os que apresentam maior diferença, nas médias totais, são: 12, 30, 38, 41, 48 e 54. Todos os itens anteriores, apresentam maior concordância por parte dos rapazes (médias do género masculino mais elevadas). Os itens 12, 30 e 54, dizem respeito a atitudes estereotipadas masculinas, em que o rapaz detém maior poder do que a rapariga nas relações de namoro, relativamente às dimensões - Controlo do Namoro e Controlo Parental/Social.

Os itens 38, 41 e 48 relacionam-se com estereótipos femininos ligados às dimensões - Controlo do Namoro e Autonomia e Liberdade Individual na relação de namoro.

O quadro 11, ilustra a distribuição das médias e desvios padrão das respostas, por sexo, aos itens da *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, no total.

Quadro 11 - Análise descritiva das respostas à *Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente*, no total e por sexo.

Item	Descritivo	N			Média			Desvio Padrão		
		Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Dimensão Controlo Parental / Social										
4	É mais frequente as raparigas namorarem às escondidas dos pais que os rapazes	161	194	355	4,47	4,49	4,48	1,365	1,404	1,385
6	Os namoros dos rapazes são mais aceites pelas outras pessoas	161	198	359	3,83	3,98	3,92	1,281	1,617	1,476
11	As raparigas são gozadas pelas amigas, quando o namorado não é bem aceite pelo grupo	159	196	355	3,47	3,28	3,36	1,382	1,518	1,459
29	Os pais desaprovam mais os namoros das raparigas do que os dos rapazes	164	197	361	4,28	4,50	4,40	1,266	1,376	1,330
40	Os pais preocupam-se mais com as saídas para namorar das raparigas	164	197	361	4,41	4,68	4,56	1,073	1,323	1,221
47	Os rapazes muitas vezes são gozados pelos amigos quando começam a namorar	163	198	361	3,02	3,29	3,17	1,465	1,296	1,380
49	Não fica bem à rapariga ter muitos namoros	164	197	361	4,38	3,91	4,13	1,496	1,705	1,628
54	Os pais devem dar mais liberdade aos rapazes para sair com a namorada	163	198	361	4,30	3,05	3,61	1,428	1,796	1,752
57	Uma namorada deve ser "aprovida" pelo círculo de amigos e amigas do rapaz	164	197	361	2,60	2,44	2,52	1,704	1,576	1,635
63	Os rapazes escondem mais dos seus pais os namoros, do que as raparigas	164	197	361	2,70	2,49	2,58	1,446	1,402	1,424
Dimensão Autonomia e Liberdade Individual na Relação										
3	Na escola, o rapaz pode decidir acompanhar o grupo de amigos, sem a namorada, durante os intervalos	163	198	361	3,97	4,27	4,13	1,372	1,315	1,347
5	O rapaz deve fazer tudo o que a namorada quer, para não a perder	161	194	355	2,31	2,46	2,39	1,319	1,493	1,417
9	O rapaz pode sair com as suas amigas, sem a namorada	163	198	361	4,05	3,34	3,66	1,494	1,565	1,571
34	O rapaz deve deixar de estar com os amigos para dar toda a atenção à namorada	164	197	361	2,65	2,42	2,52	1,267	1,313	1,295
41	A rapariga deve vestir-se para agradar o namorado	164	198	362	3,71	2,71	3,16	1,431	1,461	1,528
48	A rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder	163	198	361	2,56	1,52	1,99	1,296	,938	1,227
53	O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	164	198	362	2,52	1,95	2,21	1,408	1,191	1,323
56	O rapaz deve ter liberdade para sair à noite sem a namorada	164	197	361	4,18	3,99	4,08	1,444	1,479	1,464
58	Na escola, a rapariga deve dar mais atenção às amigas do que ao namorado	163	197	360	2,45	2,52	2,49	1,161	1,163	1,161
Dimensão Controlo do Namoro										
1	A iniciativa de pedir em namoro deve ser dos rapazes	163	198	361	3,20	3,59	3,41	1,539	1,621	1,595
12	Os rapazes devem mandar no namoro	161	196	357	2,37	1,20	1,73	1,430	,613	1,210
17	As raparigas é que devem tomar as decisões no namoro	163	198	361	2,22	2,20	2,21	1,111	1,281	1,206
27	A rapariga pode dizer ao namorado quais as amigas com quem ele pode conviver	164	197	361	2,20	2,17	2,18	1,319	1,362	1,341
30	O rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada	164	198	362	3,02	1,85	2,38	1,436	1,227	1,447
37	A iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz	164	196	360	2,71	2,07	2,36	1,347	1,224	1,320
38	Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	164	198	362	2,59	1,54	2,02	1,333	,858	1,216
42	O rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	164	197	361	2,35	1,62	1,96	1,396	1,031	1,262
45	Nas relações de namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	164	198	362	5,57	5,81	5,70	,921	,768	,848
46	As raparigas é que devem dar início ao namoro	164	198	362	2,74	2,47	2,59	1,122	1,212	1,178

Item	Descritivo	N			Média			Desvio Padrão		
		Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Dimensão Sexualidade										
7	Os rapazes devem ter mais experiências de namoro do que as raparigas	162	192	354	2,60	1,83	2,18	1,287	1,179	1,287
18	No namoro, as raparigas devem tomar a iniciativa da aproximação física, de contacto íntimo	163	196	359	3,12	2,89	2,99	1,229	1,331	1,289
20	No namoro, deve ser a rapariga a exigir ao rapaz a utilização do preservativo.	163	197	360	2,44	2,80	2,64	1,540	1,695	1,635
23	Os rapazes preferem namorar com raparigas que tiveram poucas experiências de namoro	164	196	360	3,66	3,42	3,53	1,298	1,207	1,253
25	O rapaz não necessita de estar comprometido com uma rapariga para ter relações sexuais com ela	163	198	361	3,98	3,58	3,76	1,577	1,740	1,678
28	Quando há relações sexuais no namoro a responsabilidade de evitar uma gravidez é da rapariga	164	197	361	1,67	1,43	1,54	1,080	1,016	1,051
31	Os rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	164	198	362	3,52	4,08	3,82	1,372	1,262	1,340
35	Para as raparigas são mais importantes as características físicas de um rapaz do que as psicológicas	163	198	361	3,61	2,73	3,13	1,173	1,248	1,289
39	No namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	164	197	361	2,83	1,99	2,37	1,201	1,180	1,259
50	No namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada pelo rapaz e pela rapariga	162	198	360	5,58	5,80	5,70	,854	,712	,786
62	A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	164	197	361	2,00	1,24	1,58	1,282	,742	1,090
64	A rapariga não necessita de estar comprometida com um rapaz para ter relações sexuais com ele.	164	197	361	3,55	3,08	3,29	1,692	1,627	1,671
Dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos										
2	As raparigas expressam mais os seus sentimentos do que os rapazes	163	196	359	4,04	4,40	4,23	1,431	1,334	1,389
8	No namoro, os rapazes são mais desinibidos do que as raparigas	162	196	358	3,55	3,40	3,47	1,261	1,470	1,379
10	Para o rapaz, o amor é o sentimento mais importante da relação de namoro	162	197	359	4,20	3,35	3,74	1,227	1,085	1,226
13	Para os rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas	160	198	358	2,84	2,19	2,48	1,257	1,296	1,317
15	Tanto os rapazes como as raparigas devem ter o direito de manifestar os seus sentimentos do mesmo modo	159	198	357	5,37	5,67	5,54	1,016	,811	,919
24	As raparigas quando namoram pensam mais num compromisso para sempre	163	198	361	3,99	3,90	3,94	1,289	1,358	1,326
33	As raparigas valorizam mais a fidelidade	164	198	362	4,19	4,68	4,46	1,373	1,304	1,356
43	Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	161	198	359	3,86	3,36	3,59	1,075	1,117	1,125
44	Os rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	164	198	362	3,93	2,91	3,38	1,436	1,406	1,506
51	A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	164	196	360	3,36	2,93	3,12	1,228	1,322	1,296
52	Para as raparigas o amor é o sentimento mais importante do namoro	162	198	360	4,60	4,66	4,63	1,024	1,235	1,144
55	Os rapazes têm mais ciúmes da namorada	164	198	362	4,13	4,02	4,07	1,294	1,302	1,298
60	As raparigas sofrem mais quando o namoro termina	164	195	359	3,99	4,26	4,14	1,359	1,470	1,424
65	As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	164	197	361	4,02	4,30	4,17	1,226	1,343	1,297
Itens Retirados										
14	Os rapazes e as raparigas devem ter a mesma responsabilidade numa possível gravidez	163	197	360	5,56	5,93	5,76	1,049	,405	,788
16	Os rapazes dão mais importância às características psicológicas das raparigas do que às físicas	162	196	358	3,14	2,63	2,86	1,275	1,163	1,240
19	Nas relações de namoro, a rapariga e o rapaz devem ter liberdade para fazer as suas escolhas pessoais	162	198	360	4,94	5,53	5,26	1,110	,835	1,010
21	Os pais devem dar a mesma liberdade aos rapazes e raparigas para namorar	163	198	361	5,03	5,60	5,34	1,288	,842	1,102
22	A rapariga se quiser pode sair à noite sem o namorado	164	197	361	3,90	4,99	4,50	1,560	1,204	1,478
26	As decisões no namoro devem ser tomadas pelos dois	164	198	362	5,61	5,85	5,74	,787	,527	,668
32	A rapariga e o rapaz devem ter o direito de estabelecer as suas amizades	164	198	362	5,21	5,58	5,41	1,073	,807	,953
36	As raparigas só devem ter relações sexuais com o namorado se houver um forte compromisso	164	198	362	3,74	4,07	3,92	1,399	1,486	1,455
59	Os pais preocupam-se de igual modo com as relações de namoro das raparigas e dos rapazes	163	197	360	3,16	2,80	2,96	1,423	1,517	1,484
61	O início do namoro pode partir tanto da iniciativa dos rapazes como das raparigas	162	195	357	5,18	5,42	5,31	1,210	1,106	1,159

4.2.3 ANÁLISE DIFERENCIAL DAS RESPOSTAS

a) GÉNERO

Tendo em consideração a revisão da literatura sobre a temática e de acordo também com os objectivos que se estabeleceram para a presente investigação, propusemos estudar as eventuais diferenças entre os géneros e ainda, a averiguação da existência ou não de um “duplo padrão” comportamental associado ao sexo, indicado nalgumas investigações já realizadas (e.g., Alferes, 1997; Nodin, 2001; Roque, 2001; Santos, 2004).

No estudo empírico procedemos à análise comparativa das respostas de raparigas e rapazes, à *Escala Atitudes Face ao Namoro Adolescente*.

Através do teste *t de Student*, para amostras independentes, foi possível analisar as diferenças de médias existentes entre os géneros, nos itens da Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente. Para averiguar se existiam diferenças de género, procedeu-se à análise diferencial das respostas aos itens da Escala, referentes a cada uma das dimensões atitudinais estabelecidas para as relações de namoro.

Conforme se pode ver no Quadro 12, raparigas e rapazes diferem significativamente nos itens 40, 49 e 54, referentes à dimensão Controlo Parental/Social no namoro. Os restantes sete itens não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 12 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Controlo Parental/Social.

Itens (abreviados)	Género	Média	Desvio Padrão	t	gl	p
40. Pais preocupam-se mais com as saídas para namorar das raparigas	Masc.	4,41	1,073	2,026	359	,043
	Fem.	4,68	1,323			
49. Não fica bem à rapariga ter muitos namoros	Masc.	4,38	1,496	2,759	359	,006
	Fem.	3,91	1,705			
54. Os pais devem dar mais liberdade aos rapazes para sair com a namorada	Masc.	4,30	1,428	7,207	359	,000
	Fem.	3,05	1,796			

No que diz respeito à dimensão Controlo Parental/Social, existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre sexos, relacionadas com as pressões sociais nas relações amorosas adolescentes, nomeadamente, devido ao controlo das saídas para namorar e aceitação do namoro, por parte dos progenitores.

As raparigas concordam, com uma média mais elevada do que o sexo oposto ($\bar{X}_{\phi} = 4,68$; $\bar{X}_{\delta} = 4,41$), que os progenitores se preocupam mais com as saídas para namorar das raparigas.

Por outro lado, os rapazes afirmam, com uma média superior, que não fica bem à rapariga ter muitos namoros ($\bar{X}_{\delta} = 4,38$; $\bar{X}_{\phi} = 3,91$) e que os progenitores devem dar mais liberdade aos rapazes para sair com a namorada ($\bar{X}_{\delta} = 4,30$ e $\bar{X}_{\phi} = 3,05$).

As diferenças estatisticamente significativas, entre as raparigas e os rapazes, relativamente à dimensão Autonomia e Liberdade Individual são apresentadas no Quadro 13.

Os(As) jovens diferem significativamente nos itens 3, 9, 41, 48 e 53, nos restantes quadro itens não se apresentam diferenças significativas, entre géneros.

Quadro 13 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Autonomia e Liberdade Individual.

Itens (abreviados)	Género	Média	Desvio Padrão	t	gl	p																																				
3. Na escola rapaz pode decidir acompanhar grupo amigos sem namorada	Masc.	3,97	1,372	2,104	359	,036																																				
	Fem.	4,27	1,315				9. Rapaz pode sair com as suas amigas sem namorada	Masc.	4,05	1,494	4,351	359	,000	Fem.	3,34	1,565	41. Rapariga deve vestir-se para agradar o namorado	Masc.	3,71	1,431	6,511	360	,000	Fem.	2,71	1,461	48. Rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder	Masc.	2,56	1,296	8,810	359	,000	Fem.	1,52	,938	53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	Masc.	2,52	1,408	4,164	360
9. Rapaz pode sair com as suas amigas sem namorada	Masc.	4,05	1,494	4,351	359	,000																																				
	Fem.	3,34	1,565				41. Rapariga deve vestir-se para agradar o namorado	Masc.	3,71	1,431	6,511	360	,000	Fem.	2,71	1,461	48. Rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder	Masc.	2,56	1,296	8,810	359	,000	Fem.	1,52	,938	53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	Masc.	2,52	1,408	4,164	360	,000	Fem.	1,95	1,191						
41. Rapariga deve vestir-se para agradar o namorado	Masc.	3,71	1,431	6,511	360	,000																																				
	Fem.	2,71	1,461				48. Rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder	Masc.	2,56	1,296	8,810	359	,000	Fem.	1,52	,938	53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	Masc.	2,52	1,408	4,164	360	,000	Fem.	1,95	1,191																
48. Rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder	Masc.	2,56	1,296	8,810	359	,000																																				
	Fem.	1,52	,938				53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	Masc.	2,52	1,408	4,164	360	,000	Fem.	1,95	1,191																										
53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada	Masc.	2,52	1,408	4,164	360	,000																																				
	Fem.	1,95	1,191																																							

Em relação, à dimensão Autonomia e Liberdade Individual na relação de namoro, existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), entre sexos, relacionadas com a autonomia e liberdade individual para tomar decisões, por parte das raparigas e rapazes num namoro.

As raparigas concordam, com uma média superior em relação ao sexo masculino ($\bar{X}_{\phi} = 4,27$; $\bar{X}_{\delta} = 3,97$), com a situação do rapaz poder decidir acompanhar o grupo de amigos, sem a namorada, na escola.

Os rapazes adolescentes manifestam um maior acordo, com uma média mais elevada, com o facto de poderem decidir uma saída com as suas amigas, sem a namorada, ($\bar{X}_{\delta} = 4,05$ e $\bar{X}_{\phi} = 3,34$) e com, a situação da rapariga dever vestir-se para agradar o seu namorado ($\bar{X}_{\delta} = 3,71$ e $\bar{X}_{\phi} = 2,71$).

Além disso, os rapazes discordam menos, com a situação da rapariga fazer tudo o que o seu namorado quer, para não o perder ($\bar{X}_{\delta} = 2,56$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,52$) e com a situação do

namorado poder interferir nas amizades da sua parceira amorosa ($\bar{X}_{\delta} = 2,52$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,95$).

O Quadro 14 mostra as diferenças significativas, entre géneros, nos itens 1, 12, 30, 37, 38, 42, 45 e 46, referentes à dimensão Controlo do Namoro. Os restantes dois itens não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 14 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Controlo do Namoro.

Itens (abreviados)	Género	Média	Desvio Padrão	t	gl	p																																																																		
1. A iniciativa de pedir namoro deve ser dos rapazes	Masc.	3,20	1,539	2,354	359	,019																																																																		
	Fem.	3,59	1,621				12. Rapazes devem mandar no namoro	Masc.	2,37	1,430	10,332	355	,000	Fem.	1,20	,613	30. Rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada	Masc.	3,02	1,436	8,365	360	,000	Fem.	1,85	1,227	37. Iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz	Masc.	2,71	1,347	4,772	358	,000	Fem.	2,07	1,224	38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	Masc.	2,59	1,333	9,058	360	,000	Fem.	1,54	,858	42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000	Fem.	1,62	1,031	45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360
12. Rapazes devem mandar no namoro	Masc.	2,37	1,430	10,332	355	,000																																																																		
	Fem.	1,20	,613				30. Rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada	Masc.	3,02	1,436	8,365	360	,000	Fem.	1,85	1,227	37. Iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz	Masc.	2,71	1,347	4,772	358	,000	Fem.	2,07	1,224	38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	Masc.	2,59	1,333	9,058	360	,000	Fem.	1,54	,858	42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000	Fem.	1,62	1,031	45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212						
30. Rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada	Masc.	3,02	1,436	8,365	360	,000																																																																		
	Fem.	1,85	1,227				37. Iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz	Masc.	2,71	1,347	4,772	358	,000	Fem.	2,07	1,224	38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	Masc.	2,59	1,333	9,058	360	,000	Fem.	1,54	,858	42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000	Fem.	1,62	1,031	45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212																
37. Iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz	Masc.	2,71	1,347	4,772	358	,000																																																																		
	Fem.	2,07	1,224				38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	Masc.	2,59	1,333	9,058	360	,000	Fem.	1,54	,858	42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000	Fem.	1,62	1,031	45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212																										
38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz	Masc.	2,59	1,333	9,058	360	,000																																																																		
	Fem.	1,54	,858				42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000	Fem.	1,62	1,031	45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212																																				
42. Rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver	Masc.	2,35	1,396	5,701	359	,000																																																																		
	Fem.	1,62	1,031				45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006	Fem.	5,81	,768	46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212																																														
45. Namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas	Masc.	5,57	,921	2,773	360	,006																																																																		
	Fem.	5,81	,768				46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027	Fem.	2,47	1,212																																																								
46. As raparigas é que devem dar início ao namoro	Masc.	2,74	1,122	2,216	360	,027																																																																		
	Fem.	2,47	1,212																																																																					

No que diz respeito, à dimensão Controlo do Namoro, existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), entre sexos, em alguns itens relacionadas com o exercício do poder dentro da relação de namoro.

Os elementos femininos estão mais de acordo, com média superior em relação ao sexo oposto, com a iniciativa do pedido de namoro partir dos rapazes ($\bar{X}_{\phi} = 3,59$; $\bar{X}_{\delta} = 3,20$) e com a igualdade dos direitos, entre sexos, nas relações de namoro ($\bar{X}_{\phi} = 5,81$ e $\bar{X}_{\delta} = 5,57$).

Os elementos masculinos manifestam uma menor discordância, comparativamente ao sexo feminino, com a situação de poderem mandar no namoro ($\bar{X}_{\delta} = 2,37$; $\bar{X}_{\phi} = 1,20$); interferir nas escolhas do vestuário da namorada ($\bar{X}_{\delta} = 3,02$; $\bar{X}_{\phi} = 1,85$); interferir nas escolhas das amizades da namorada, podendo dizer quais os amigos com quem ela pode conviver ($\bar{X}_{\delta} = 2,35$; $\bar{X}_{\phi} = 1,62$); decidir por sua iniciativa uma saída, ao cinema ou à discoteca, com a namorada ($\bar{X}_{\delta} = 2,71$; $\bar{X}_{\phi} = 2,07$). E ainda, assumem um menor desacordo, com a situação das raparigas darem início ao namoro ($\bar{X}_{\delta} = 2,74$; $\bar{X}_{\phi} = 2,47$) e com o facto de ser a rapariga, em caso de conflito, a procurar fazer as pazes com o namorado ($\bar{X}_{\delta} = 2,59$; $\bar{X}_{\phi} = 1,54$).

Conforme se pode ver no Quadro 15, raparigas e rapazes diferem significativamente nos itens 7, 20, 25, 28, 31, 35, 39, 50, 62 e 64, relativos à dimensão Sexualidade no namoro. Apenas em dois itens não se apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 15 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Sexualidade.

Itens (abreviados)	Género	Média	Desvio Padrão	t	gl	p																																																																																						
7. Rapazes devem ter mais experiências de namoro do que as raparigas	Masc.	2,60	1,287	5,923	352	,000																																																																																						
	Fem.	1,83	1,179				20. Namoro, deve ser rapariga exigir ao rapaz utilização preservativo	Masc.	2,44	1,540	2,128	358	,034	Fem.	2,80	1,695	25. Rapaz não necessita estar comprometido com rapariga para ter relações sexuais	Masc.	3,98	1,577	2,272	359	,024	Fem.	3,58	1,740	28. Há relações sexuais no namoro responsabilidade de evitar gravidez é da rapariga	Masc.	1,67	1,080	2,211	359	,028	Fem.	1,43	1,016	31. Rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	Masc.	3,52	1,372	4,021	360	,000	Fem.	4,08	1,262	35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000	Fem.	2,73	1,248	39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359
20. Namoro, deve ser rapariga exigir ao rapaz utilização preservativo	Masc.	2,44	1,540	2,128	358	,034																																																																																						
	Fem.	2,80	1,695				25. Rapaz não necessita estar comprometido com rapariga para ter relações sexuais	Masc.	3,98	1,577	2,272	359	,024	Fem.	3,58	1,740	28. Há relações sexuais no namoro responsabilidade de evitar gravidez é da rapariga	Masc.	1,67	1,080	2,211	359	,028	Fem.	1,43	1,016	31. Rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	Masc.	3,52	1,372	4,021	360	,000	Fem.	4,08	1,262	35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000	Fem.	2,73	1,248	39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627						
25. Rapaz não necessita estar comprometido com rapariga para ter relações sexuais	Masc.	3,98	1,577	2,272	359	,024																																																																																						
	Fem.	3,58	1,740				28. Há relações sexuais no namoro responsabilidade de evitar gravidez é da rapariga	Masc.	1,67	1,080	2,211	359	,028	Fem.	1,43	1,016	31. Rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	Masc.	3,52	1,372	4,021	360	,000	Fem.	4,08	1,262	35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000	Fem.	2,73	1,248	39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																
28. Há relações sexuais no namoro responsabilidade de evitar gravidez é da rapariga	Masc.	1,67	1,080	2,211	359	,028																																																																																						
	Fem.	1,43	1,016				31. Rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	Masc.	3,52	1,372	4,021	360	,000	Fem.	4,08	1,262	35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000	Fem.	2,73	1,248	39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																										
31. Rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo	Masc.	3,52	1,372	4,021	360	,000																																																																																						
	Fem.	4,08	1,262				35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000	Fem.	2,73	1,248	39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																																				
35. Para raparigas são mais importantes as caracts. físicas de um rapaz	Masc.	3,61	1,173	6,811	359	,000																																																																																						
	Fem.	2,73	1,248				39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000	Fem.	1,99	1,180	50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																																														
39. Namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais	Masc.	2,83	1,201	6,634	359	,000																																																																																						
	Fem.	1,99	1,180				50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009	Fem.	5,80	,712	62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																																																								
50. Namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada rapaz e rapariga	Masc.	5,58	,854	2,638	358	,009																																																																																						
	Fem.	5,80	,712				62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000	Fem.	1,24	,742	64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																																																																		
62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder	Masc.	2,00	1,282	7,040	359	,000																																																																																						
	Fem.	1,24	,742				64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008	Fem.	3,08	1,627																																																																												
64. Rapariga não necessita estar comprometida com rapaz para ter relações sexuais com ele	Masc.	3,55	1,692	2,670	359	,008																																																																																						
	Fem.	3,08	1,627																																																																																									

No que se refere à dimensão Sexualidade, existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), entre o sexo feminino e o sexo masculino, na maioria dos itens referentes à dimensão Sexualidade, que contemplam as atitudes relativamente ao sexo, como experiência de intimidade física e psicológica, e as práticas sexuais.

As adolescentes manifestam uma menor discordância, relativamente aos rapazes, com a situação de serem as raparigas a exigir ao namorado a utilização do preservativo ($\bar{X}_{\phi} = 2,80$ e $\bar{X}_{\delta} = 2,44$). Além disso, as raparigas assumem maior concordância com o facto dos rapazes associarem o namoro ao desejo e ao sexo ($\bar{X}_{\phi} = 4,08$ e $\bar{X}_{\delta} = 3,52$) e com, a decisão partilhada por ambos os sexos, de ter relações sexuais ($\bar{X}_{\phi} = 5,80$ e $\bar{X}_{\delta} = 5,58$).

Por outro lado, os adolescentes assumem-se menos discordantes, com a situação de deverem ter mais experiências de namoro do que as raparigas ($\bar{X}_{\delta} = 2,60$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,83$); com a tomada de iniciativa, por parte dos rapazes, para ter relações sexuais no namoro ($\bar{X}_{\delta} = 2,83$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,99$); com a situação da responsabilidade de evitar uma possível gravidez ser da rapariga, quando há relações sexuais no namoro ($\bar{X}_{\delta} = 1,67$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,43$) e por fim, com facto da rapariga aceitar ter relações sexuais com o namorado, para não o perder ($\bar{X}_{\delta} = 2,00$ e $\bar{X}_{\phi} = 1,24$).

No entanto, os rapazes concordam mais que para as raparigas são mais importantes as características físicas de um rapaz, do que as psicológicas ($\bar{X}_{\delta} = 3,61$ e $\bar{X}_{\phi} = 2,73$). Para além disso, os elementos do sexo masculino, estão mais de acordo com a situação dos rapazes não necessitarem de estar comprometidos, com a rapariga, para ter relações sexuais com ela ($\bar{X}_{\delta} = 3,98$ e $\bar{X}_{\phi} = 3,58$) ou a rapariga não necessitar estar comprometida com o rapaz, para ter relações sexuais com ele ($\bar{X}_{\delta} = 3,55$ e $\bar{X}_{\phi} = 3,08$).

O Quadro 16 apresenta as diferenças estatisticamente significativas, entre sexos, encontradas nos itens 2, 10, 13, 15, 33, 43, 44, 51 e 65, relativamente à dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos. Os restantes cinco itens não apresentam diferenças estatisticamente significativas.

Quadro 16 - Diferenças de médias entre os sexos, nos itens referentes à dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos.

Itens (abreviados)	Género	Média	Desvio Padrão	t	gl	p																																																																												
2. Raparigas expressam mais sentimentos	Masc.	4,04	1,431	2,471	357	,014																																																																												
	Fem.	4,40	1,334				10. Para rapaz, o amor é o sentimento mais importante da relação namoro	Masc.	4,20	1,227	6,990	357	,000	Fem.	3,35	1,085	13. Para rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas	Masc.	2,84	1,257	4,796	356	,000	Fem.	2,19	1,296	15. Rapazes como raparigas devem ter direito a manifestar seus sentimentos	Masc.	5,37	1,016	3,109	355	,002	Fem.	5,67	,811	33. Raparigas valorizam mais a fidelidade	Masc.	4,19	1,373	3,495	360	,001	Fem.	4,68	1,304	43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000	Fem.	3,36	1,117	44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359
10. Para rapaz, o amor é o sentimento mais importante da relação namoro	Masc.	4,20	1,227	6,990	357	,000																																																																												
	Fem.	3,35	1,085				13. Para rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas	Masc.	2,84	1,257	4,796	356	,000	Fem.	2,19	1,296	15. Rapazes como raparigas devem ter direito a manifestar seus sentimentos	Masc.	5,37	1,016	3,109	355	,002	Fem.	5,67	,811	33. Raparigas valorizam mais a fidelidade	Masc.	4,19	1,373	3,495	360	,001	Fem.	4,68	1,304	43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000	Fem.	3,36	1,117	44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343						
13. Para rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas	Masc.	2,84	1,257	4,796	356	,000																																																																												
	Fem.	2,19	1,296				15. Rapazes como raparigas devem ter direito a manifestar seus sentimentos	Masc.	5,37	1,016	3,109	355	,002	Fem.	5,67	,811	33. Raparigas valorizam mais a fidelidade	Masc.	4,19	1,373	3,495	360	,001	Fem.	4,68	1,304	43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000	Fem.	3,36	1,117	44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																
15. Rapazes como raparigas devem ter direito a manifestar seus sentimentos	Masc.	5,37	1,016	3,109	355	,002																																																																												
	Fem.	5,67	,811				33. Raparigas valorizam mais a fidelidade	Masc.	4,19	1,373	3,495	360	,001	Fem.	4,68	1,304	43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000	Fem.	3,36	1,117	44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																										
33. Raparigas valorizam mais a fidelidade	Masc.	4,19	1,373	3,495	360	,001																																																																												
	Fem.	4,68	1,304				43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000	Fem.	3,36	1,117	44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																																				
43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro	Masc.	3,86	1,075	4,287	357	,000																																																																												
	Fem.	3,36	1,117				44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000	Fem.	2,91	1,406	51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																																														
44. Rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis	Masc.	3,93	1,436	6,796	360	,000																																																																												
	Fem.	2,91	1,406				51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002	Fem.	2,93	1,322	65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																																																								
51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas	Masc.	3,36	1,228	3,182	358	,002																																																																												
	Fem.	2,93	1,322				65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040	Fem.	4,30	1,343																																																																		
65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro	Masc.	4,02	1,226	2,061	359	,040																																																																												
	Fem.	4,30	1,343																																																																															

Relativamente à dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), entre sexos, referentes à maneira como os(as) adolescentes expressam os seus afectos e sentimentos, durante os relacionamentos amorosos.

As raparigas concordam, com média superior em relação aos rapazes, que expressam mais os seus sentimentos ($\bar{X}_{\phi} = 4,40$ e $\bar{X}_{\delta} = 4,04$); que ambos os sexos devem ter o direito de manifestar os seus sentimentos ($\bar{X}_{\phi} = 5,67$ e $\bar{X}_{\delta} = 5,37$), que valorizam mais a fidelidade ($\bar{X}_{\phi} = 4,68$ e $\bar{X}_{\delta} = 4,19$) e que, demonstram mais carinho do que o sexo oposto, nas relações de namoro ($\bar{X}_{\phi} = 4,30$ e $\bar{X}_{\delta} = 4,02$).

Em contrapartida, os rapazes concordam, com média mais elevada do que o sexo feminino, que o amor é o sentimento mais importante da relação de namoro ($\bar{X}_{\dot{\sigma}} = 4,20$ e $\bar{X}_{\dot{\phi}} = 3,35$); que os elementos masculinos valorizam mais os afectos nas relações de namoro ($\bar{X}_{\dot{\sigma}} = 3,86$ e $\bar{X}_{\dot{\phi}} = 3,36$) e que, sofrem mais quando as raparigas são infiéis ($\bar{X}_{\dot{\sigma}} = 3,93$ e $\bar{X}_{\dot{\phi}} = 2,91$). Os jovens discordam menos, que para o sexo masculino é mais importante a fidelidade ($\bar{X}_{\dot{\sigma}} = 2,84$ e $\bar{X}_{\dot{\phi}} = 2,19$) e que, os rapazes a namorar são mais tímidos do que as raparigas ($\bar{X}_{\dot{\sigma}} = 3,36$ e $\bar{X}_{\dot{\phi}} = 2,93$).

Em síntese, podemos dizer que, existem diferenças estatisticamente significativas, entre géneros, na maioria das respostas referentes às dimensões estabelecidas na Escala de Atitudes face ao Namoro, visto que a Escala englobava na sua totalidade 55 itens (após terem sido eliminados 10 itens), dos quais 35 mostraram que rapazes e raparigas diferem nas opiniões acerca das atitudes, referentes às relações de namoro. No entanto, podemos salientar as atitudes que suscitaram maiores diferenças de género, que foram as relacionadas com a dimensão Sexualidade e Controlo do Namoro (a discussão destas diferenças é apresentada no capítulo seguinte).

Em relação aos 20 itens restantes, da Escala, em que não se verificaram diferenças estatisticamente significativas, entre sexos, constatámos que se referem, principalmente, a atitudes relativas às dimensões Controlo Parental/Social e Expressão de Afectos e Sentimentos.

b) POSIÇÃO RELIGIOSA

No estudo procuramos averiguar se existe alguma associação entre a posição religiosa dos(as) adolescentes e as respostas à *Escala de Atitudes Face ao Namoro Adolescente*, por género. Pretendemos, assim, estudar a relação entre a variável religiosidade e as atitudes dos(as) jovens perante a sexualidade, particularmente nas relações de namoro, na medida em que, os valores religiosos poderão influenciar a representação do mundo e exercer a regulação social dos comportamentos sexuais (Alferes, 1997).

No presente estudo foi realizada a análise de variância simples (ANOVA), para se estimar a diferença entre as médias de resultados, através de um teste *F*, aos itens da Escala, em relação com a posição religiosa dos rapazes e das raparigas participantes. Para facilitar a análise da ANOVA aos itens da Escala, consoante a posição religiosa, por sexo, foram agrupados os(as) jovens em três grupos de acordo com o grau de

religiosidade - não religioso, medianamente religioso e religioso. Os resultados obtidos estão apresentados nos Quadros 17 e 18.

O Quadro 17 apresenta as médias e ANOVA dos itens da Escala, com diferenças significativas, em relação à posição religiosa dos rapazes. A partir da análise ao Quadro 17, podemos verificar que existem, apenas dois itens (27 e 49), onde encontramos diferenças estatisticamente significativas nas respostas ($p \leq 0,05$), em relação à posição religiosa dos rapazes.

Quadro 17 - Médias e ANOVA dos itens da Escala, com níveis de significância, em relação com a posição religiosa dos rapazes.

Itens (abreviados)	Posição Religiosa	N	Média	Desvio Padrão	F	p
27. Rapariga pode dizer ao namorado quais as amigas com quem conviver	não religioso	98	2,13	1,273	8,940	0,000
	medianamente religioso	53	2,00	1,209		
	religioso	12	3,67	1,371		
	Total	163	2,20	1,320		
49. Não fica bem à rapariga ter muitos namoros	não religioso	98	4,40	1,412	6,213	0,003
	medianamente religioso	53	4,04	1,617		
	religioso	12	5,67	0,778		
	Total	163	4,37	1,495		

Como se pode ver no Quadro 17, os rapazes mais religiosos demonstram alguma concordância ($\bar{X} = 3,67$; $p = 0,000$), com a situação da rapariga poder dizer ao namorado quais as amigas com quem ele pode conviver. Além disso, os rapazes mais religiosos afirmam estar muito de acordo ($\bar{X} = 5,67$; $p = 0,003$), com o facto de não ficar bem à rapariga ter muitos namoros.

O Quadro 18 mostra as médias e ANOVA dos itens da Escala, com diferenças significativas, em relação à posição religiosa das raparigas.

Pela análise do Quadro 18, podemos verificar que existem sete itens (2, 13, 28, 30, 52, 56 e 64) onde encontramos diferenças estatisticamente significativas nas respostas ($p \leq 0,05$), em relação à posição religiosa das raparigas.

Quadro 18 - Médias e ANOVA dos itens da Escala, com níveis de significância, em relação com a posição religiosa das raparigas.

Itens (abreviados)	Posição Religiosa	N	Média	Desvio		F	p
				Padrão			
2. Raparigas expressam mais os seus sentimentos do que os rapazes	não religiosa	89	4,12	1,355	3,326	0,038	
	medianamente religiosa	85	4,62	1,291			
	religiosa	19	4,58	1,305			
	Total	193	4,39	1,338			
13. Para os rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas	não religiosa	90	2,34	1,247	3,853	0,023	
	medianamente religiosa	86	1,90	1,218			
	religiosa	19	2,58	1,575			
	Total	195	2,17	1,287			
28. Quando há relações sexuais no namoro a responsabilidade de evitar gravidez é da rapariga	não religiosa	90	1,39	1,013	4,143	0,017	
	medianamente religiosa	85	1,33	0,777			
	religiosa	19	2,05	1,682			
	Total	194	1,43	1,022			
30. Rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada	não religiosa	90	1,61	0,968	8,568	0,000	
	medianamente religiosa	86	1,87	1,309			
	religiosa	19	2,84	1,463			
	Total	195	1,85	1,226			
52. Para as raparigas o amor é o sentimento mais importante do namoro	não religiosa	90	4,44	1,255	3,068	0,049	
	medianamente religiosa	86	4,78	1,259			
	religiosa	19	5,11	0,809			
	Total	195	4,66	1,235			
56. O rapaz deve ter liberdade para sair à noite sem a namorada	não religiosa	90	4,54	1,308	12,407	0,000	
	medianamente religiosa	85	3,53	1,469			
	religiosa	19	3,58	1,539			
	Total	194	4,01	1,484			
64. Rapariga não necessita estar comprometida com um rapaz para ter relações sexuais com ele	não religiosa	90	3,42	1,729	3,786	0,024	
	medianamente religiosa	86	2,81	1,522			
	religiosa	18	2,67	1,414			
	Total	194	3,08	1,636			

As adolescentes que se afirmam medianamente religiosas, concordam mais com a situação das raparigas expressarem mais os seus sentimentos, do que os rapazes ($\bar{X} = 4,62$; $p = 0,038$).

As raparigas que se consideram mais religiosas, estão menos em desacordo com o facto da fidelidade para os rapazes ser mais importante, do que para as raparigas ($\bar{X} = 2,58$; $p = 0,023$); com a situação da responsabilidade de evitar uma gravidez ser da rapariga, quando há relações sexuais no namoro ($\bar{X} = 2,05$; $p = 0,017$) e com, o rapaz poder interferir nas escolhas do vestuário da namorada ($\bar{X} = 2,84$; $p = 0,000$). As jovens mais religiosas, concordam mais com o facto do amor ser o sentimento mais importante, nas relações de namoro, para as raparigas ($\bar{X} = 5,11$; $p = 0,049$).

Em contraste, as adolescentes que se afirmam não religiosas, concordam mais com a situação do rapaz dever ter liberdade para sair à noite sem a namorada ($\bar{X} = 4,54$; $p = 0,000$) e que, as raparigas não necessitam de estar comprometidas com um rapaz para ter relações sexuais com ele ($\bar{X} = 3,42$; $p = 0,024$).

Em síntese, as raparigas adolescentes afirmam-se mais religiosas do que os rapazes participantes do estudo empírico.

Como podemos constatar, pela análise da posição religiosa por sexo, verifica-se que as raparigas são tendencialmente mais influenciadas pela dimensão religiosidade, nas respostas à *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, do que os rapazes.

No entanto, é de realçar que a generalidade dos(as) participantes se considera pouco(a) religioso(a).

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados foi organizada com base nas questões de investigação, formuladas anteriormente, no estudo empírico. Com o intuito de tornar mais compreensível e explícita a discussão, resolvemos indicar novamente as questões de investigação para apresentar a partir daí, os resultados encontrados no estudo para cada uma das questões.

I - Quais as percepções dos(as) adolescentes sobre os comportamentos/attitudes face à sexualidade e às relações de género?

II - Como se caracterizam as attitudes das raparigas e rapazes adolescentes, face ao namoro?

III - Será que se verificam diferenças significativas entre as raparigas e os rapazes, no que respeita às dimensões "attitudinais" das relações de namoro adolescente?

IV - Será que persiste, ou não, o duplo padrão sexual entre rapazes e raparigas?

As duas primeiras questões de investigação seguem o principal objectivo do estudo, que procurou aprofundar o conhecimento da sexualidade adolescente, averiguando se existem diferenças de género nas **percepções dos(as) jovens, sobre as attitudes nas relações de namoro.**

Da análise dos dados recolhidos verificou-se que a população inquirida (N=362), estudantes a frequentar o ensino secundário, no período tardio da adolescência (M=16,8), não apresentava diferenças estatisticamente significativas, entre os géneros, em relação à idade e ano de escolaridade.

No que concerne à posição religiosa, embora os(as) jovens estudantes inquiridos(as), de forma geral, considerassem-se pouco religiosos(as) (M=2,5), podemos verificar que existem diferenças estatisticamente significativas, em que as raparigas assumem-se mais religiosas (M=2,7) do que os rapazes (M=2,3).

Em relação às experiências de namoro (prévias e/ou actuais), os(as) jovens participantes do estudo não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os sexos e verificou-se que, 90,8% dos(as) adolescentes já tinham tido relações de namoro. Em contrapartida, no que diz respeito à actual situação do namoro existem diferenças significativas entre sexos, sendo superior a percentagem de raparigas envolvidas numa relação de namoro (24,4%), em relação aos rapazes (12,8%).

Tal como na situação referente às experiências de namoro, não se encontram diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas, relativamente a terem tido ou não, relações sexuais. Relativamente, às relações sexuais no namoro, 48,1% dos(as) jovens respondem que não tiveram essa experiência, enquanto que 51,9% indicam que já tinham tido relações sexuais.

Podemos verificar que os(as) adolescentes participantes do estudo empírico, assemelham-se em relação à situação pessoal perante as experiências de namoro e relações sexuais, na medida em que não se encontram diferenças significativas, entre os rapazes e as raparigas.

Relativamente às percepções dos(as) jovens, sobre as atitudes nas relações de namoro, podemos concluir que as atitudes que apresentam menos diferenças significativas de opinião, entre as raparigas e os rapazes, foram principalmente, as atitudes relacionadas com o controlo parental/social e com a autonomia e liberdade individual.

Podemos ainda dizer que, em terceiro lugar, as atitudes referentes aos afectos e sentimentos não apresentaram também, nalguns casos, diferenças entre géneros. É de realçar que o amor é referido como sentimento primordial, em ambos os sexos.

Ambos os sexos manifestam uma maior concordância relativamente às atitudes de igualdade de género, ou seja, terem os mesmos direitos na relação de namoro, embora, o sexo feminino dê maior ênfase a esta igualdade. Além disso, ambos os sexos afirmam uma grande concordância com os estereótipos femininos, relacionados com os namoros das raparigas terem um maior controlo (e também menor aceitação) por parte dos progenitores.

Ambos os sexos apresentam alguma concordância com os estereótipos masculinos, que indicam que os rapazes são mais desinibidos e têm mais ciúmes no namoro e ainda, com os estereótipos femininos, relativos às raparigas encararem o namoro como um forte compromisso e sofrerem mais quando o namoro termina. Acrescenta-se que, os(as) adolescentes mostram também, alguma concordância, com a iniciativa de aproximação física (íntima) por parte da rapariga e com o estereótipo masculino, que indica que os rapazes preferem namorar raparigas com menos experiência de namoro.

Paralelamente, os(as) jovens mostram uma maior discordância com a atitude estereotipada feminina, que diz respeito ao rapaz dever fazer tudo o que a namorada quer, para que esta não termine o namoro; com as atitudes estereotipadas

relacionadas com a tomada de decisões no namoro, partir das raparigas, e com as jovens poderem interferir nas escolhas de amizades do namorado.

Outro aspecto, que importa referir é que os rapazes e as raparigas discordam que os seus namoros sejam sujeitos à aprovação/aceitação por parte do grupo de amigos(as).

Por outro lado, as atitudes referentes à Sexualidade e Controlo do Namoro foram às que receberam opiniões com maiores diferenças significativas, entre as raparigas e os rapazes.

Embora os rapazes se percepcionem como tendo atitudes tendencialmente contrárias aos estereótipos tradicionais manifestam, ainda, alguma concordância com estereótipos relacionados com as raparigas deverem ter menos experiências de namoro, com os progenitores controlarem mais as saídas para namorar das jovens e com a rapariga dever vestir-se para agradar o namorado. Ao mesmo tempo, concordam mais com os estereótipos que sugerem que os progenitores devem dar mais liberdade aos rapazes para namorar e que o jovem pode sair com as suas amigas, sem a namorada. Essa percepção não é completamente corroborada pelas raparigas.

Há ainda a referir que os rapazes concordam mais com os estereótipos, que indicam que os jovens valorizam mais os afectos e sofrem mais com a infidelidade das raparigas. Acrescenta-se que os jovens manifestam maior concordância com o facto de raparigas e rapazes, não precisarem estar comprometidos para ter relações sexuais.

Podemos, ainda, dizer que existe uma tendência geral dos rapazes para a tomada de poder no namoro, pois assumem menor desacordo nas opiniões desta dimensão.

As raparigas concordam mais com os estereótipos masculinos que dizem respeito à iniciativa do pedido de namoro partir dos rapazes e afirmam mais, que os jovens associam o namoro ao desejo e sexo. Além disso, manifestam uma maior concordância com o facto do rapaz tomar a decisão de sair com as suas amigas, sem a namorada.

Podemos ainda referir que, estão muito de acordo com os estereótipos femininos que indicam que as raparigas expressam mais os sentimentos, valorizam mais a fidelidade e demonstram mais carinho na relação de namoro.

E, como já vimos, as raparigas, estão muito de acordo com os direitos serem iguais no namoro, com a decisão de ter relações sexuais dever ser partilhada pelo casal e que ambos os géneros devem ter direito a manifestar os seus sentimentos.

Nesta investigação pretendemos, também, estudar a relação entre a variável religiosidade e as atitudes dos(as) adolescentes perante o namoro. Pela análise da posição religiosa, por género, verificou-se que as raparigas que se assumem mais religiosas, estão a ser mais influenciadas pela dimensão religiosidade, nas respostas à *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*, do que os rapazes. Foram encontradas mais diferenças significativas, em relação com a variável religião, nas respostas das raparigas.

As jovens mais religiosas, concordam mais com o amor ser o sentimento mais importante nas relações de namoro. Em contraste, as adolescentes que se afirmam não religiosas, tomam uma posição mais liberal, pois concordam mais com a situação do rapaz dever ter liberdade para as suas saídas nocturnas, sem a namorada, e que as raparigas não necessitam de ter um compromisso de namoro, para ter relações sexuais com um rapaz.

Por outro lado, os rapazes mais religiosos, tomam uma posição mais conservadora, pois afirmam estar muito de acordo, com o facto de não ficar bem à rapariga ter muitos namoros e mostram alguma concordância, com a situação da rapariga poder dizer ao namorado, quais as amigas com quem ele pode conviver.

A terceira questão de investigação diz respeito ao facto de se verificarem ou não, **diferenças significativas entre as raparigas e os rapazes, no que respeita às dimensões “atitudinais” das relações de namoro adolescente.**

No estudo empírico procurou-se averiguar se existiam diferenças de género, nas dimensões atitudinais definidas na investigação, para as relações de namoro, a partir da análise das respostas à *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*.

Relativamente à dimensão Controlo Parental/Social, os itens formulados no instrumento, utilizado no estudo, estão relacionados com as pressões sociais nas relações de namoro adolescente. Nesta dimensão, não foram encontradas diferenças significativas de opinião, entre géneros, na grande maioria das respostas, que contemplam a aceitação do namoro por parte dos progenitores, círculo de amigos(as) ou, outras pessoas.

Ambos os sexos concordam que é mais frequente as raparigas namorarem às escondidas dos progenitores, do que os rapazes; que os progenitores desaprovam mais os namoros das raparigas e, ainda que, as relações de namoro dos rapazes são



mais aceites pelas outras pessoas. Em relação à situação dos rapazes esconderem mais dos progenitores os seus namoros, comparativamente com as raparigas, ambos os sexos discordam acerca desta atitude.

Os jovens de ambos os sexos, discordam também, relativamente à situação dos rapazes serem gozados, muitas vezes, pelos amigos quando começam a namorar ou então, as raparigas serem gozadas pelas amigas, quando o namorado não é bem aceite pelo grupo de pares. Além disso, estão em desacordo em relação ao facto de uma namorada dever ser aceite pelo círculo de amigos(as) do rapaz, com quem estabeleceu a relação de namoro.

Existem diferenças estatisticamente significativas entre sexos, relativas a opiniões relacionadas com a aceitação social do namoro, particularmente das raparigas, e controlo das saídas para namorar por parte dos progenitores.

Os rapazes acham, com maior grau de concordância, que não fica bem à rapariga ter muitos namoros.

Embora ambos os sexos, estejam de acordo relativamente aos progenitores se preocuparem mais com as saídas para namorar das raparigas, os rapazes manifestam uma maior concordância. Os adolescentes concordam mais, ainda, com a situação dos progenitores darem mais liberdade aos rapazes para saírem com a namorada.

No que diz respeito à dimensão Autonomia e Liberdade Individual, os itens estão relacionados com a autonomia e liberdade individual de cada adolescente, para tomar decisões numa relação de namoro.

Nesta dimensão, não foram encontradas diferenças significativas de opinião, entre géneros, nalgumas atitudes relativas ao direito à liberdade e autonomia de cada jovem, na relação amorosa, nomeadamente, para conviver individualmente com os(as) amigos(as).

Ambos os sexos estão de acordo relativamente ao rapaz ter liberdade para sair à noite sem a namorada. Contudo, ambos os(as) adolescentes, discordam com a situação do rapaz fazer tudo o que a namorada quer, para não a perder ou com, o rapaz deixar de estar com os amigos para dar toda a atenção à namorada. Estão ainda, ambos em desacordo, relativamente à rapariga dever dar mais atenção às amigas do que ao namorado, na escola.

Por outro lado, existem diferenças significativas de opinião, entre géneros, relativamente às saídas autónomas do rapaz para conviver com os(as) seus

amigos(as), à interferência do rapaz nas escolhas individuais, particularmente, nas amizades da namorada.

As raparigas concordam mais com a situação do rapaz poder decidir acompanhar o grupo de amigos, sem a namorada, na escola.

Enquanto que, os rapazes estão mais de acordo, com o facto de poderem decidir uma saída com as suas amigas, sem a namorada, e com, a situação da rapariga ter o dever de vestir-se para agradar o seu namorado.

Além disso, os rapazes discordam menos do que as raparigas, com a situação da rapariga ter o dever de fazer tudo o que o seu namorado quer, para não o perder, e com a situação do namorado poder interferir nas amizades da sua parceira amorosa.

Relativamente à dimensão Controlo do Namoro, não existem diferenças significativas de opinião, entre géneros, em apenas dois itens relacionados com o exercício do poder das raparigas, dentro da relação de namoro.

Ambos os sexos discordam com a situação das raparigas deverem tomar as decisões no namoro e poderem dizer ao namorado quais as amigas com quem ele pode conviver.

Na grande maioria das atitudes, relacionadas com a dimensão Controlo do Namoro, encontraram-se diferenças significativas nas opiniões de rapazes e raparigas.

As raparigas estão mais de acordo, com a iniciativa do pedido de namoro partir dos rapazes e com a igualdade de direitos, entre géneros, nas relações de namoro.

Os rapazes discordam menos, comparativamente com o sexo feminino, com a situação de deverem mandar no namoro; poderem mandar nas escolhas do vestuário e amizades da namorada e, decidir por sua iniciativa uma saída, ao cinema ou à discoteca, com a namorada. E ainda, manifestam um menor desacordo, com a situação das raparigas darem início ao namoro e com o facto de ser a namorada, em caso de conflito, a procurar fazer as pazes com o rapaz.

Nò que se refere à dimensão Sexualidade, não se verificam diferenças significativas de opinião, entre géneros, em apenas dois itens referentes a atitudes ligadas à tomada de iniciativa para a aproximação física e às experiências prévias de namoro, por parte das raparigas.

Ambos os sexos mostram alguma concordância com a situação das raparigas deverem tomar a iniciativa de aproximação física, de contacto íntimo no namoro, e com o facto dos rapazes preferirem namorar com elementos do sexo oposto, que tiveram poucas experiências de namoro.

Na dimensão Sexualidade existem diferenças estatisticamente significativas, entre géneros, na grande maioria das respostas, relacionadas com o sexo, como experiência de intimidade física e psicológica, e com as práticas sexuais.

As raparigas diferem dos rapazes, na medida em que concordam mais com o facto dos elementos masculinos associarem o namoro ao desejo e ao sexo e, com a decisão de ter relações sexuais dever ser partilhada, por ambos os elementos do casal. Além disso, as raparigas assumem um menor desacordo com a situação de ser a namorada a exigir ao rapaz a utilização do preservativo.

Por outro lado, os rapazes concordam mais que, tanto o rapaz como a rapariga, não precisam estar comprometidos para ter relações sexuais.

Subsistem alguns aspectos em que se mantêm as atitudes estereotipadas, nomeadamente, quando os rapazes discordam menos com o facto de deverem ter mais experiências de namoro; com a sua tomada de iniciativa para ter relações sexuais; com o dever de aceitação por parte da rapariga para ter relações sexuais, para não perder o namorado e com a responsabilidade de prevenir uma gravidez ser da jovem.

Relativamente à dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos, podemos verificar que na grande maioria das atitudes estabelecidas nos itens, os(as) jovens manifestam um maior grau de concordância, comparativamente com as restantes dimensões. Esta dimensão refere-se à forma como os(as) jovens expressam os seus afectos e sentimentos, durante a relação de namoro.

Nalgumas atitudes desta dimensão, não se verificam diferenças de opinião significativas, entre géneros. Ambos os sexos concordam que os rapazes, no namoro, são mais desinibidos do que as raparigas e que têm mais ciúmes da namorada, que as jovens quando namoram pensam mais num compromisso para sempre e sofrem mais quando o namoro termina. Além disso, tanto rapazes como raparigas, estão muito de acordo com o facto do amor ser o sentimento mais importante para as raparigas, na relação de namoro.

Foram ainda, encontradas diferenças estatisticamente significativas, entre géneros, na maioria das opiniões relacionadas com a dimensão Expressão de Afectos e Sentimentos.

As raparigas estão mais de acordo com o facto de expressarem mais os seus sentimentos no namoro, com o direito de ambos os sexos manifestarem igualmente os

seus sentimentos, com as jovens valorizarem mais a fidelidade e demonstram mais carinho do que o sexo oposto.

Em contraste, os rapazes concordam mais que para o adolescente o amor é o sentimento mais importante do namoro, que os elementos masculinos valorizam mais os afectos e sofrem mais com a infidelidade e ainda, são mais tímidos a namorar.

Na quarta questão de investigação pretendeu-se comparar as percepções das raparigas e rapazes adolescentes, averiguando a persistência do duplo padrão sexual ou o seu esbatimento.

A partir do estudo empírico podemos verificar que não existe um duplo padrão sexual no que se refere às atitudes relacionadas com o controlo parental/social do namoro, na população juvenil participante. Contudo, verificamos que existe um esbatimento do duplo padrão comportamental, nas atitudes relacionadas com a autonomia e liberdade individual e em parte, nas atitudes relativas à expressão de afectos e sentimentos.

Por outro lado, constatámos que existe um duplo padrão sexual relativamente às atitudes que dizem respeito ao controlo do namoro e nas atitudes relacionadas com o sexo e práticas sexuais, pertencentes à dimensão sexualidade.

Em termos globais, a nossa investigação aponta para um esbatimento do duplo padrão comportamental entre sexos, nas relações de namoro adolescente, o que sugere que há indícios de mudança nas percepções dos(as) jovens participantes do estudo., contudo ainda se denotam alguns efeitos de estereótipos tradicionais.

Os(As) jovens manifestam uma tendência geral para estarem discordantes dos estereótipos tradicionais, que acentuam às diferenças entre sexos, mas subsistem nalguns aspectos estereótipos de género que influenciam as percepções e parecem estar enraizados nos comportamentos/atitudes face ao namoro.

Contudo, admitimos que as raparigas participantes do estudo empírico estão mais de acordo com as atitudes de igualdade de género, nas relações de namoro. Consideramos, por outro lado, que apesar dos rapazes se perceberem com tendo atitudes tendencialmente discordantes com os estereótipos tradicionais, estão mais afectados por eles.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES GERAIS

“Não se pode reduzir a natureza humana a cromossomas distintos ou a atributos sexuais. A educação, a experiência, mas também a sensibilidade própria de cada um, tornam os homens e as mulheres tão ricos como complexos. As nossas emoções diferenciam-nos tanto quanto nos unem. Sem elas o que aconteceria ao mistério, tão perturbador, do encontro?”

(Braconnier, 1998, p.179)

Partindo da declaração da Organização Mundial de Saúde, podemos definir o tema de fundo deste trabalho, a sexualidade, como *“uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental”* (WHO, 2008).

A compreensão da sexualidade deve ser encarada como uma das componentes essenciais da pessoa humana, no contexto de um projecto de vida que contemple a dimensão ética e valores, nomeadamente, os afectos, o crescimento e maturidade emocional e capacidade de gerir frustrações (GTES, 2007).

Esta dissertação aborda a temática da sexualidade adolescente, particularmente, as atitudes face às relações de namoro e género, relacionada com a Educação Sexual, uma área de intervenção prioritária nas escolas, em que os agentes educativos têm um papel crucial na formação dos(as) jovens, complementando o papel das famílias (GTES, 2007).

Entendemos que a Educação Sexual tem um papel essencial na promoção de atitudes positivas e comportamentos, na adolescência, que minimizem os riscos a que os(as) jovens podem estar sujeitos(as), comprometendo a sua saúde (Vilar, 2002).

A adolescência, como vimos na parte teórica, é uma etapa de mudanças exteriores e interiores, que engloba a conquista da autonomia, a construção da identidade, novos papéis sociais, o projectar o futuro e a definição da orientação sexual.

É nesta fase de transição para a vida adulta, que a família, os(as) professores(as) na escola e principalmente, o grupo de pares que tem um papel muito importante na socialização dos papéis masculinos e femininos (Neto *et al.*, 1999).

Os(as) adolescentes desenvolvem e consolidam, um conjunto de atitudes e valores face à sexualidade, aos afectos, aos papéis sexuais masculino e feminino e às normas de relacionamento entre os sexos.

A investigação nesta área destaca a influência dos estereótipos de género, que de uma forma sub-reptícia e inconsciente, perduraram ao longo do tempo, porque têm tendência para resistir à mudança. As aprendizagens sociais reforçam as diferenças de género estereotipadas, que são evidentes na educação dos progenitores no meio familiar, nas acções pedagógicas dos(as) professores(as) e noutros contextos sociais; que vão influenciar os comportamentos, as atitudes, os desempenhos, os relacionamentos e as expectativas apropriadas às raparigas e aos rapazes (e.g., Amâncio, 1994; Laranjeira, 2004; Neto *et al.*, 1999).

Ao longo do tempo, foram persistindo na sociedade formas diferentes de encarar os comportamentos/atitudes apropriadas para o homem e para a mulher, perante a sexualidade, o que originou a designação de *padrão duplo sexual* (Giddens, 2000). Estas diferenças de género estereotipadas, com um padrão de comportamento para os homens e para as mulheres, foram sendo desenvolvidas através do processo de socialização, que foi construindo identidades de género tipificadas como femininas e masculinas. No entanto, a feminilidade não é um traço das mulheres nem a masculinidade um atributo dos homens, ambos são seres humanos com formas de pensar, dizer, sentir e fazer construídas socialmente, em vários domínios da vida em sociedade (Amâncio, 2004; Nogueira, 2001).

As atitudes/comportamentos dos(as) adolescentes no âmbito da sexualidade, em função do género, têm sido e continuam a ser, objecto de percepções e valorizações muito diferentes (e.g., Alferes, 1997; Roque, 2001; Vilar, 2002).

Acreditamos que, actualmente, as diferenças de género já vão sendo atenuadas, devido às modificações que se têm operado nas mentalidades nas sociedades modernas contemporâneas. Contudo, ainda estamos aquém da verdadeira igualdade de género, nas várias esferas da vida humana.

O presente trabalho pretendeu aprofundar o estudo da sexualidade adolescente, comparando as percepções das raparigas e dos rapazes, averiguando a persistência do duplo padrão sexual, ou o seu esbatimento, em relação às atitudes face ao namoro e ao género.

Através da revisão da literatura, ficamos a saber que a temática das relações de namoro adolescente ainda está pouco explorada, principalmente ao nível dos estudos de género, que enfatizam o papel do sexo nas experiências de namoro.

Segundo Tilton-Weaver (2004), na actualidade o termo namoro, em que um casal heterossexual ou homossexual, interage em actividades sociais em vários contextos

mas, pode haver ou não um compromisso amoroso, é encarado de uma forma mais frágil e menos formal, comparativamente com o que aconteceu no passado.

Os relacionamentos que se iniciam através da socialização no seio de um grupo misto de jovens – rapazes e raparigas, em que as primeiras experiências começaram na infância têm sofrido mudanças ao longo do tempo. Estas mudanças têm ocorrido a vários níveis, nomeadamente, nos contextos de iniciação do namoro, que hoje em dia, recorrem muitas vezes à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC (e.g., internet e o telemóvel); nas atitudes, nas vivências conjuntas e na intimidade e aproximação física (Bouchey & Furman, 2003).

A literatura aponta para diferenças na forma como os(as) adolescentes vivem os namoros, em relação ao grau de envolvimento, idade de iniciação das experiências sexuais, número de namorados(as), quantidade de experiências ou história íntima dos relacionamentos. A maioria dos estudos indica que um(a) jovem por volta dos 16 anos, já teve pelo menos uma experiência de namoro (e.g., Tilton-Weaver, 2004).

Mas acerca do assunto, Langhinrichsen-Rohling *et al.* (2005), vem dizer que as relações de namoro, actualmente, ocorrem numa idade mais precoce, entre os 12 e os 16 anos, de duração curta e mostram pouca maturidade psicosexual; no entanto, as uniões mais “sérias” e duradouras, como os casamentos e uniões de facto, acontecem cada vez mais tarde.

Do estudo empírico realizado, podemos inferir dos resultados obtidos que as experiências de namoro e sexuais, dos rapazes e das raparigas participantes, foram semelhantes, na medida em que não existem diferenças significativas, por género. Pelo que os(as) jovens partem de experiências pessoais idênticas quando tomam posição relativamente às atitudes no namoro.

Em relação à variável religiosidade e às atitudes dos(as) adolescentes perante o namoro, podemos dizer que as raparigas se assumem mais religiosas e são mais influenciadas por esta dimensão. As jovens mais religiosas, concordam mais com o amor como sentimento essencial no namoro. Por outro lado, as adolescentes não religiosas, tomam uma posição mais liberal, pois concordam com a liberdade masculina para as saídas nocturnas e rejeitam a necessidade de um compromisso de namoro, para ter relações sexuais.

Em contraste, os jovens mais religiosos, tomam uma posição mais conservadora, pois concordam com o facto de não ficar bem à rapariga ter muitos namoros e mostram alguma concordância, com a situação da rapariga poder dizer ao namorado, quais as amigas com quem ele pode conviver.

O estudo empírico vem demonstrar que as raparigas participantes se percebem mais de acordo com a igualdade de género, posicionam-se mais a favor da partilha de direitos entre o casal, na relação de namoro, pelo que consideramos que manifestam opiniões menos estereotipadas. Enquanto que, os rapazes participantes estão mais influenciados pelos estereótipos, porque possuem uma posição menos discordante com algumas dessas atitudes. Além disso, os resultados parecem apontar em termos gerais, para o domínio do rapaz na relação amorosa o que sugere alguma discriminação de género, que perdura em relação às raparigas. Mas, nota-se que em algumas atitudes estereotipadas, as raparigas parecem concordar com o poder masculino no namoro, nomeadamente, mostrando algum acordo com a iniciativa de pedir namoro dever ser dos rapazes.

Os resultados indicam que não existem diferenças significativas, entre os rapazes e as raparigas, na grande maioria das opiniões relativas ao **Controlo Parental/Social** no namoro, logo, ambos os géneros estão de acordo com a maior parte das atitudes estereotipadas, que diziam respeito às pressões sociais que são desencadeadas pelos progenitores, amigos(as) e outras pessoas e controlo das saídas nas relações de namoro. Pelo que podemos considerar que não existe um duplo padrão comportamental em relação a esta dimensão atitudinal, entre os géneros.

Em relação à dimensão referente à **Autonomia e Liberdade Individual** de cada jovem, na relação amorosa, existem diferenças significativas de opinião, entre géneros, apenas em algumas atitudes relacionadas com a capacidade de tomar decisões ou escolhas individuais, pelo que podemos considerar que existe um esbatimento do duplo padrão comportamental.

No que se refere à **Expressão de Afectos e Sentimentos**, podemos verificar que na grande maioria das atitudes estabelecidas houve grande concordância nas opiniões. Acrescente-se que, embora, existam diferenças significativas, verificamos que em algumas atitudes os(as) jovens não diferem de opinião, pelo que consideramos que existe um padrão comportamental atenuado entre géneros na forma como rapazes e raparigas se percebem na expressão de afectos e sentimentos.

As diferenças estatisticamente significativas encontradas, entre géneros, nas opiniões em termos gerais, relacionam-se com o facto das raparigas concordarem mais, com estereótipos que sugerem que elas exprimem mais os seus sentimentos, que valorizam mais a fidelidade. Em contrapartida, os rapazes, também concordam mais

que para eles o amor é o sentimento mais importante; que valorizam mais os afectos e que, sofrem mais com a infidelidade.

Relativamente às atitudes do **Controlo do Namoro**, existem diferenças significativas de opinião, entre géneros, na grande maioria dos itens, pelo que podemos afirmar que existe um duplo padrão sexual, entre os(as) jovens participantes do estudo no que respeita ao exercício de poder dentro da relação amorosa.

Denota-se um tendência geral dos rapazes participantes, para concordarem com as atitudes estereotipadas, que apontam para a tomada de poder masculina, na relação de namoro.

Verificaram-se diferenças significativas de opinião, entre géneros, na grande maioria das atitudes relativas à **Sexualidade**, pelo que podemos afirmar que existe um duplo padrão comportamental, relativamente ao sexo, como experiência de intimidade física e psicológica, e às práticas sexuais.

Em síntese, no que se refere às atitudes relacionadas com o controlo parental/social no namoro, não existe um padrão comportamental estereotipado, porque na maioria das atitudes não se verificaram diferenças significativas, entre géneros.

Verificamos que existe um esbatimento do duplo padrão sexual, nas atitudes relacionadas com a autonomia e liberdade individual nas relações de namoro e com menos expressão, nas atitudes relativas à expressão de afectos e sentimentos.

O maior número de diferenças significativas, entre géneros, foram encontradas ao nível das atitudes, relacionadas com o controlo do namoro e com a sexualidade, pelo que podemos considerar que persiste um duplo padrão sexual nestas dimensões.

Em termos globais, a nossa investigação aponta para um esbatimento do duplo padrão comportamental entre sexos, nas relações de namoro adolescente, o que sugere que há indícios de mudança nas percepções dos(as) jovens participantes do estudo, contudo ainda se denotam alguns efeitos de estereótipos tradicionais.

Nota-se que os(as) jovens manifestam uma tendência geral para estarem discordantes dos estereótipos tradicionais, que acentuam as diferenças de género, no entanto as raparigas e os rapazes apresentam opiniões com graus de discordância diferentes. Tal como indica Neto *et al.* (1999), os estereótipos de género exercem a sua influência na percepção social e quando instalados, resistem à mudança.

No entanto, consideramos que as raparigas participantes do estudo empírico estão mais de acordo com as atitudes de igualdade de género, nas relações de namoro.

Realça-se também que embora os rapazes se percepcionem como tendo atitudes tendencialmente contrárias aos esteriótipos tradicionais, essa percepção não é completamente corroborada pelas raparigas.

Entendemos, por outro lado, que apesar dos jovens se percepcionarem com tendo atitudes tendencialmente discordantes com os estereótipos tradicionais, estão mais afectados por eles. O rapaz parece ser mais pressionado socialmente a mostrar atitudes e comportamentos mais consonantes com os estereótipos masculinos, do que as raparigas (Amâncio, 1994; Archer & Lloyd, 1998; Neto *et al.*, 1999).

O nosso estudo corrobora os resultados de investigações mais recentes, que apontam para um esbatimento do duplo padrão comportamental entre sexos (e.g., Alferes, 1997; McCabe & Collins, 1990, cit. por Santos, 2004; Vasconcelos, 1998), o que sugere que há indícios de mudança nas percepções adolescentes face às relações afectivo-sexuais, no namoro.

Uma boa parte das investigações por inquérito, indicam que as atitudes perante a sexualidade juvenil tendem a convergir para o padrão singular “*sexo com afecto*”, um *script* partilhado (Alferes, 1997), pelo que as conclusões do presente estudo apontam no mesmo sentido. Embora, nesta investigação as raparigas continuem a percepcionarem-se como mais expressivas na demonstração de afectos, do que os rapazes. Denotou-se que as raparigas tendem a viver as relações afectivas, num contexto de maior envolvimento emocional e de carácter mais duradouro.

Em contrapartida, a adesão ao “*sexo pelo sexo*” continua a ser, predominantemente, mais masculino, segundo a literatura científica (e.g., Alferes, 1997; Roque, 2001). Este aspecto não se verificou completamente no nosso estudo, dado que as raparigas e os rapazes dão grande relevo à importância dos afectos na relação de namoro.

Alguns estudos empíricos realizados sobre adolescentes, principalmente americanos, afirmam que os rapazes valorizam mais a actividade sexual e as raparigas a partilha da intimidade no namoro. Numa perspectiva evolutiva, as diferenças de género nascem dos papéis reprodutivos díspares, na idade adulta futura (e.g., Roscoe *et al.*, 1987; cit. por Tilton-Weaver, 2004).

O duplo padrão comportamental na dimensão da sexualidade verificado no estudo, traduz-se numa maior permissividade dos rapazes para se envolverem em relações sexuais, pois como constatámos os rapazes acham que os(as) jovens de ambos os sexos para se envolverem em relações sexuais, não necessitam de um compromisso de namoro.

Segundo o estudo de Alferes (1997), do ponto de vista atitudinal, os elementos masculinos revelam-se mais permissivos, admitindo mais facilmente o sexo ocasional e o sexo sem compromisso.

O nosso estudo sugere que continua, ainda, a persistir um duplo padrão sexual, nalguns aspectos respeitantes aos comportamentos/atitudes sexuais, entre o género feminino e masculino, pelo menos na sua forma condicional, o que parece ser uma realidade nas sociedades ocidentais contemporâneas (e.g., Alferes, 1997; Roque, 2001; Vilar, 2002).

Mas os resultados são contraditórios, na medida em que reflectem de uma certa forma uma tendência para o esbatimento do duplo padrão sexual, o que sugere indícios de mudança, contudo ainda se denotam os efeitos dos estereótipos tradicionais nas atitudes/comportamentos da população juvenil participante no estudo.

Como vimos, neste estudo, os rapazes embora se percepcionem como tendo atitudes tendencialmente contrárias aos estereótipos, são os mais afectados por eles. Os estereótipos exercem maior influência na percepção social dos rapazes, que concordam que devem ter maior poder nas relações de namoro. Apesar de terem passado mais de dez anos, o presente estudo empírico vai de encontro aos resultados encontrados na investigação sobre a população juvenil, protagonizado por Vasconcelos (1998):

“(...) embora atenuado o duplo padrão sexual, ainda prevalece, visto que os homens continuam com uma sexualidade dita «compulsiva» e são muito influenciados pela ideologia da masculinidade dominante, que valoriza uma virilidade fálica e orgástica, enquanto que, as mulheres continuam a ter uma sexualidade constrangida e dominada, embora já apresentem a possibilidade legitimada de uma sexualidade juvenil e pré-matrimonial” (p.103).

No decorrer do estudo foram identificadas algumas das suas **limitações**. Em primeiro lugar, o facto dos resultados obtidos encontrarem-se condicionados pela amostra, constituída por estudantes apenas de uma escola, que por ser uma amostra por conveniência leva a uma interpretação mais cuidada, não permitindo generalizar os resultados.

Podemos, ainda, salientar outras limitações do estudo, relacionadas com o instrumento utilizado, que foi construído de forma original para a investigação, adaptado ao objecto de estudo que nos propusemos tratar e elaborado de acordo com as características dos(as) participantes adolescentes e ajustado para dar resposta às questões formuladas no estudo. Por termos utilizado um instrumento original, pode ter havido erros na formulação das questões estereotipadas que podem não ter discriminado de forma adequada as atitudes pretendidas e, ao mesmo tempo, ter suscitado interpretações diferentes por parte dos(as) estudantes, o que pode ter

alterado o significado dos resultados. Aliás, limitou, também, a possibilidade de comparação com outros estudos similares.

Por outro lado, algumas respostas dos(as) jovens podem ter sido condicionadas pelo receio de exposição da sua intimidade física e psicológica, embora sabendo que o estudo assegurava as condições de confidencialidade e sigilo.

Há ainda a referir que, o estudo teve alguma complexidade na análise dos resultados, devido ao número elevado de itens propostos para integrar a Escala, que se dividia em cinco dimensões, relativas às atitudes face ao namoro adolescente. Impossibilitou uma análise estatística que permitisse a redução dos itens da escala a dimensões factoriais.

Outro aspecto que não foi controlado no estudo, foi o nível sócio-económico dos(as) jovens participantes e suas famílias, que se sabe poder ter influência ao nível dos resultados na área da sexualidade, conforme verificado por Vasconcelos (1998).

Além disso, em virtude da temática alvo do estudo não ser muito explorada, tivemos dificuldade em encontrar, como já vimos, estudos empíricos similares relativos às atitudes nas relações de namoro adolescente, por género.

Actualmente, os estudos sobre relações de namoro prendem-se principalmente, com as questões da violência sexual no namoro (e.g., Machado, Caridade & Silva, 2006) que têm sido muito divulgadas nos meios de comunicação social, pelos piores motivos, devido ao crescente número de casos de violência doméstica, em que, principalmente, as mulheres têm sido as vítimas. Além disso, alguns estudos encontrados ligados à sexualidade juvenil estão relacionados com a contraceção, gravidez na adolescência e ainda, com os comportamentos de risco, nomeadamente, relacionados com os comportamentos preventivos face à Sida.

Acreditamos que a importância deste estudo, poderá passar por fornecer alguns contributos para entender as dinâmicas de género, que se estabelecem inicialmente, nas relações de namoro da adolescência e que, irão talvez perdurar nas relações amorosas, da idade adulta.

Seria importante que em **investigações futuras** os dados recolhidos abarcassem uma amostra representativa de jovens, cujos resultados pudessem ser generalizáveis à população juvenil portuguesa. Para tal, estudos posteriores deverão não só abranger alunos(as) de estabelecimentos das várias regiões do país, como também levar em conta uma amostra estratificada por idade e género. Também um estudo mais detalhado da Escala, que permitisse melhorar a análise das suas propriedades psicométricas.

Outra sugestão, para um posterior estudo, seria estudar as percepções de casais de namorados, no período da adolescência, de modo a aprofundar o conhecimento das atitudes nas experiências de namoro. Segundo Bouchey & Furman (2003), a maioria dos trabalhos empíricos realizados nesta área, incidem sobre os indivíduos e as suas experiências românticas, mas importa entender também os relacionamentos, o que implica avaliar o comportamento e as percepções das duas pessoas envolvidas no namoro.

Um aspecto que seria, também, interessante de investigar passaria por estudar as atitudes nas relações de namoro homossexual, ou seja, entre parceiros(as) do mesmo sexo. Seria desta forma um estudo inovador, já que se encontra em debate na sociedade portuguesa, a legislação sobre os casamentos homossexuais.

A complexidade do tema proposto – *Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente* foi para nós um desafio aliciante e temos a profunda consciência que apenas desfolhamos uma página acerca do assunto, muito mais haverá para explorar sobre a compreensão do ser humano, independentemente do género de pertença, e a forma como se relaciona com o “outro”, nomeadamente, no plano social, afectivo e sexual.

Não queremos deixar de ressaltar que, o nosso trabalho procurou alertar para a discriminação sexual da pessoa humana, no domínio das relações de namoro heterossexual, e salientar a importância de caminharmos cada vez mais para a igualdade de oportunidades de género, que se pretende que tenha reflexos efectivos no plano pessoal, doméstico e profissional.

Os resultados do estudo, apontam para que os(as) educadores(as), docentes, psicólogos(as) e outros agentes educativos, continuem a apostar na Educação Sexual dos(as) jovens, repensando e reconstruindo os discursos e as práticas, através da rejeição de estereótipos face às identidades sexuais e de género, que são produzidos socialmente no contexto escolar e na sociedade em geral.

Este trabalho procurou contribuir para a compreensão da(s) identidade(s) sexual(ais), no sentido de melhorar positivamente a aceitação do corpo sexuado, do prazer, dos afectos, a comunicação interpessoal, numa atitude não-sexista, promovendo o direito à igualdade com o respeito pelas diferenças individuais e colectivas.

Articular a sexualidade e as relações de namoro, com o género, remeteu-nos para a compreensão da vida humana individual e social, onde se incluem as dinâmicas de género. Entendemos que, a Educação Sexual deva contemplar a dimensão do género e integrar elementos que possibilitem desenvolver atitudes positivas, responsáveis e não-discriminatórias face à sexualidade e às relações de namoro, em que se promova

a flexibilização dos papéis sexuais e a aceitação da diversidade de identidades, escolhas, vivências e orientações sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, M. & CARVALHO, E. (1998). *Linguagem, poder, educação: o sexo dos B, A, BAs*. Cadernos Coeducação. Lisboa: CIDM.
- ALFERES, V. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais: para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento.
- ALVAREZ, M. (2005). *Representações Cognitivas e Comportamentos Sexuais de Risco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- AMÂNCIO, L. (1994). *Masculino e Feminino – Construção Social da Diferença* (2ªed). Porto: Afrontamento.
- AMÂNCIO, L. (2004). A(s) Masculinidades(s) em que-estão. In L. Amâncio (org.). *Aprender a Ser Homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte, pp.13-27
- AMORIM, A.(1995). *Introdução às Ciências Sociais*. Aveiro: Estante Editora.
- APF (2009). A educação sexual dos jovens portugueses – conhecimentos e fontes. In *Educação Sexual em Rede*, nº5/9. Lisboa: APF.
- ARAÚJO, H. (1998). O masculino, o feminino e a escola democrática. In T. Trigueros, C. Trigueros & C. Colmenares (Eds). *Em busca de uma pedagogia da igualdade: Actas da II Universidad de verano*. Salamanca: Amaru Ediciones, pp.21-38.
- ARCHER, J. & LLOYD, B. (1995). *Sex and Gender*. New York: Cambridge University Press.
- BARBOSA, C.(2004). Violência escolar e a construção social de Masculinidades. In L. Amâncio (org.). *Aprender a Ser Homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte, pp.143-163.
- BARGT, J., CHEN, M. & BURROWS, L. (2003). A automaticidade do comportamento social: efeitos directos da activação de constructos-traço e estereótipos na acção. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (org.). *Textos Fundamentais (Vol.1) Estereótipos e Cognição Social*. Lisboa: ISPA, pp.195-224.
- BEAUVOIR, S. (1976). *Segundo sexo*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- BELL, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ªed). Lisboa: Gradiva.

- BETTENCOURT, A., CAMPOS, J. & FRAGATEIRO, L. (1999). *Educação para a Cidadania*. Cadernos Coeducação. Lisboa: CIDM.
- BONDER, G. (1993). *La igualdad de oportunidades para mujeres y varones: una meta Educativa*. República Argentina: Ministerio de Cultura y Educación.
- BOUCHEY, H. & FURMAN, W. (2003). Dating and Romantic Experiences in Adolescence. In G. Adams & M. Berzonsky (org.). *Blackwell Handbook of Adolescence*. Boston: Blackwell Publishing, pp.313-327.
- BRACONNIER, A.(1998). *O Sexo das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BRANNON, L. (2008). *Gender: Psychological Perspectives* (5rd ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- CANAVARRO, M. & PEREIRA, A. (2006). Gravidez e maternidade na adolescência: perspectivas teóricas. In M. Canavarro (org.). *Psicologia da gravidez e da maternidade*. Coimbra: Quarteto, pp.323-352.
- CARIDADE, S. & MACHADO, C. (2008). *Violência Sexual no Namoro: relevância da prevenção*. Psicologia, XXII (1), (pp.77-104). Lisboa: Edições Colibri.
- CLAES, M. (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CRESPO, A., MONTEIRO-FERREIRA, A., COUTO, A., CRUZ, I. & JOAQUIM, T. (org.) (2008). *Variações sobre Sexo e Género*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CROCKETT, L., RAFFAELLI, M. & MOILANEN, K. (2003). Adolescent Sexuality: Behavior and Meaning. In G. Adams & M. Berzonsky (org.). *Blackwell Handbook of Adolescence*. Boston: Blackwell Publishing, pp.371-385.
- DELAMONT, S. (1985). *Os papéis Sexuais e a Escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Diário da República* (I, n.º151) de 6/8/09.
- ERIKSON, E. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. New York: W. W. Norton & Company.
- FERREIRA, A. (2002). *Desigualdades de Género no Actual Sistema Educativo Português*. Coimbra: Quarteto.
- FLEMING, M. (2004). *Adolescência e Autonomia - O Desenvolvimento e a Relação com os Pais* (3^aed.). Porto: Edições Afrontamento.
- FONSECA, H. (2002). *Compreender os Adolescentes*. Lisboa: Editorial Presença.
- FOUCAULT, M.(1994). *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio D'Água.

- FRADE, A., MARQUES, A., ALVERCA, C. & VILAR, D. (2003). *Educação Sexual na escola: um guia para professores, formadores e educadores* (5ªed.). Lisboa: Texto Editora.
- FRANCIS, B. & SKELTON, C. (2001). *Investigating Gender: contemporary perspectives in education*. Buckingham: Open University Press.
- GARCIA-MARQUES, T. & GARCIA-MARQUES, L.(2003). Mal pensa quem não repensa: introdução ao estudo dos estereótipos sociais numa perspectiva cognitiva. In T. Garcia-Marques & L. Garcia-Marques (org.). *Textos Fundamentais (Vol.1) Estereótipos e Cognição Social*. Lisboa: ISPA, pp.11-22.
- GIDDENS, A. (1995). *Transformações da intimidade- sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta.
- GIDDENS, A. (2000). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GTES (2005). Relatório Preliminar. Lisboa. (http://www.dgisd.minedu.pt/EducacaoSexual/Relatorio_Preliminar_ES_31-10-2005.pdf, acessado em 3 Janeiro de 2008)
- GTES (2007). Relatório Final. Lisboa. (http://www.minedu.pt/np3content/?newsId=298-&fileName=gtes_rel_final.pdf, acessado em 3 Janeiro de 2008)
- HÉRITIER, F. (1998). *Masculino/Feminino – Pensamento da Diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LANGHINRICHSEN-ROHLING, J., DOOLEY, H. & LANGHINRICH, R. (2005). *Dating*, Encyclopedia of Human Development. Retirado em 7 de Março, 2009 da World Wide Web: http://www.sageereference.com/humandevlopment-/Article_n176.html.
- LARANJEIRA, A. (2004). Não és homem não és nada: masculinidades e comportamentos de risco. In L. Amâncio (org.). *Aprender a Ser Homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte, pp.51-73.
- LEAL, I. (2000). *Gravidez e Maternidade, Sexualidade e Planeamento Familiar*. Associação de Planeamento para a Família, nº27/28-Julho/Dez., pp.23-26
- LEAL, I. (2006). *Perspectivas em Psicologia da Saúde*. Coimbra: Editora Quarteto
- LOCKER, S. (2004). Adolescent Sexuality, Encyclopedia of Applied Developmental Science. Retirado em 7 de Março, 2009 da World Wide Web: http://www.sageereference.com/applieddevscience/Article_n14.html.
- LÓPEZ, F. & FUERTES, A.(1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: APF.

- LOURO, G. (2000). *Currículo, Género e Sexualidade*. Porto: Porto Editora.
- MARTELO, M. (2004). *A escola e a Construção da Identidade das Raparigas: O exemplo dos manuais escolares (2ªed)*. Lisboa: CIDM.
- MARTÍNEZ, C. (2006). *El Currículo, el Género e la Igualdad*. In C. Martínez (comp.). *Género y Currículo*. Madrid: Ediciones Akal, pp. 9-15.
- MATOS, M., MACHADO, C., CARIDADE, S. & SILVA, M. (2006). *Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar*. *Psicologia: Teoria e Prática* [online]. vol.8(1), pp. 55-75. Retirado em 17 de Janeiro, 2009 da World Wide Web: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516368720060001-00005&lng=pt&nrm=iso.
- MELO, M.(2000). *Quid Petis? Um estudo sobre o processo de doutoramento*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Évora.
- MIGUEL, N.(1989).*Os jovens e a Sexualidade*. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde.
- NETO, A., CID, M., POMAR, C., PEÇAS, A., CHALETA, E. & FOLQUE, A. (1999). *Estereótipos de Género*. Lisboa: CIDM.
- NEUENSCHWANDER, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Almedina.
- NODIN, N. (2001). *Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: APF.
- NOGUEIRA, C. (2001). *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NUNES, M. (2007). *Género e Cidadania nas Imagens de História*. Lisboa: CIDM.
- PALACIOS, J., MARCHESI, A. & COLL, C. (Comp.) (2004). *Desarrollo psicológico y educación. 1. Psicología evolutiva*. Madrid: Alianza Ed., pp.433-517.
- PRAZERES, V.(1998). *Saúde dos Adolescentes- Princípios Orientadores*. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde
- PRAZERES, V.(2003). *Saúde Juvenil no Masculino - Género e saúde sexual e reprodutiva*. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde.
- PULEO, A. (1998). La teoría de género en una matéria optativa interdisciplinar de la E.S.O.: «Papeles sociales de mujeres y hombres». In T. Trigueros, C. Trigueros & C. Colmenares (Eds). *Em busca de uma pedagogia da igualdade: Actas da II Universidad de verano*. Salamanca: Amaru Ediciones, pp.183-191.

- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (2ªed). Lisboa: Editora Gradiva.
- REIS, E., MELO, P., ANDRADE, R. & CALAPEZ, T. (1999). *Estatística Aplicada* (Vol.1). Lisboa: Edições Sílabo.
- RODRIGUES, P. (2003). *Questões de Género na Infância*. Lisboa: Instituto Piaget.
- RODRÍGUEZ, N. (2008). *Fala sobre sexo com os seus filhos*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- ROQUE, O. (2001). *Semiótica da Cegonha: Jovens, Sexualidade e risco de gravidez não desejada*. Lisboa: APF.
- ROQUE, O. (Eds).(2003). *Mamãs de palmo e meio: Gravidez e maternidade na adolescência*. Lisboa: APF.
- ROQUE, O. (Eds).(2005). *Mamãs de palmo e meio: Testemunhos*. Lisboa: APF.
- RUSSELL, S. & NEOCLEOUS, M. (2004). *Sexuality, Adolescents of Development*, Encyclopedia of Applied Developmental Science. Retirado em 7 de Março de 2009 da World Wide Web: http://www.sageereference.com/applied-devscience/Article_n377.html.
- SAAVEDRA, L. (2005). *Aprender a Ser Rapariga, Aprender a Ser Rapaz*. Coimbra: Almedina.
- SADOCK, V. (2005). *Human Sexuality*. In Kaplan & Sadock's *Comprehensive textbook of Psychiatry*. Philadelphia: Lippincott William & Wilkins.
- SAMPAIO, M. (1987). *Escola e Educação Sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SANTOS, H. (2004). Sexo para o que der e vier: masculinidade e comportamentos preventivos face à SIDA. In L. Amâncio (org.). *Aprender a Ser Homem – construindo masculinidades*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 91-120.
- SILVA, A. (2004). *Desenvolvimento de Competências Sociais nos Adolescentes*. Lisboa: Climepsi.
- SILVA, M. (2008). *Ler e Amar na Adolescência*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SPRINTHALL, N. & COLLINS, W. (1999). *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- TAVARES, J., PEREIRA, A., GOMES, A., MONTEIRO, S. & GOMES, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

- TILTON-WEAVER, L. (2004). *Dating in Adolescence*, Encyclopedia of Applied Developmental Science. Retirado em 7 de Março, 2009 da World Wide Web: http://www.sage-ereference.com/applieddevscience/Article_n13.html.
- TRIGUEROS, T., TRIGUEROS, C., MARTÍNEZ, R., CEPEDA, M., COLMENARES, C., MONGE, A. & ÁLVAREZ, L. (1999). *Identidade e Género na Prática Educativa*. Cadernos Coeducação. Lisboa: CIDM.
- TUCKMAN, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. (2ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VASCONCELOS, P. (1998). Práticas e discursos da conjugalidade e de sexualidade dos jovens portugueses. In M. Cabral & J. Pais (Coord.). *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta, pp.215-305.
- VAZ, J. (1998). A construção sexual da realidade. In T. Trigueros, C. Trigueros & C. Colmenares (Eds). *Em busca de uma pedagogia da igualdade: Actas da II Universidad de verano*. Salamanca: Amaru Ediciones, pp.53-55.
- VAZ, J. et al (1996). *Educação Sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- VICARIO, C.(2006). El Cuerpo, las emociones, la sexualidad. In C. Martinez (comp.). *Género y Currículo*. Madrid: Ediciones Akal, pp.169-195.
- VICENTE, A. (2002). *Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens*. Lisboa: Gótica.
- VIEIRA, C. (2006). *É Menino ou Menina? Género e Educação em Contexto Familiar*. Coimbra: Almedina.
- VILAR, D.(2002). *Falar Disso- A Educação Sexual nas Famílias dos Adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (2008). *Adolescent Health*. Geneva: WHO (http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/, acedido em 10 de Fevereiro de 2008)

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário: *Relações de Namoro, Género e Sexualidade Adolescente*.



QUESTIONÁRIO

RELAÇÕES DE NAMORO, GÉNERO E SEXUALIDADE ADOLESCENTE

- Este estudo insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Educação, da Universidade de Évora.
- Este questionário tem como objectivo recolher opiniões de adolescentes sobre aspectos relacionados com comportamentos e atitudes, face ao género e à sexualidade.
- A maioria das perguntas deste questionário estão construídas de modo a que, em geral, apenas tenha que fazer uma cruz ou inscrever um número. Procure responder sem se deter demasiado em cada questão.
- Não há respostas certas ou erradas, o que se pretende é simplesmente obter a sua opinião pessoal. Procure responder a todas as questões, utilizando uma esferográfica ou marcador preto ou azul.
- **Os dados recolhidos são estritamente confidenciais e anónimos**, exclusivamente utilizados para análise estatística, no contexto do objecto de estudo.

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Coloque uma cruz (X) na quadrícula ou preencha o espaço.

I. Caracterização pessoal

1. Idade: ___ anos

2. Ano de escolaridade: ___

3. Curso: _____

4. Sexo: Masculino Feminino

5. Relativamente à sua **posição religiosa**, considera-se:

Nada
Religioso(a)

Mediamente
Religioso(a)

Muito
Religioso(a)

6. Actualmente tem algum(a) namorado(a)? Não Sim

7. Se respondeu **não**, qual das seguintes afirmações descreve de modo mais correcto a sua situação?

7.1 Nunca tive namorado(a)

7.2 Não tenho presentemente, mas já tive, pelo menos, um(a) namorado(a).

8. Há quanto tempo dura o seu actual namoro **ou** quanto tempo durou o seu último namoro?

Nunca tive namorado(a)

Menos de
um mês

Entre um
e seis meses

Entre seis
meses e um ano

Entre um
e dois anos

Mais de
dois anos

9. Já teve relações sexuais?

Não

Sim

10. Teve relações sexuais com o(a) seu(sua) actual (ou com o(a) último(a)) namorado(a)?

Não

Sim

11. As frases seguintes descrevem certas **opiniões relativamente ao namoro entre rapazes e raparigas**. Pedimos que, para cada uma delas, assinale, com a maior sinceridade, o seu grau de concordância/discordância, utilizando a seguinte escala:

1 **2** **3** **4** **5** **6**
Totalmente **Muito em** **Parcialmente** **Parcialmente** **Muito de acordo** **Totalmente**
em desacordo **desacordo** **em desacordo** **de acordo** **de acordo**

	1	2	3	4	5	6
1. A iniciativa de pedir em namoro deve ser dos rapazes						
2. As raparigas expressam mais os seus sentimentos do que os rapazes						
3. Na escola, o rapaz pode decidir acompanhar o grupo de amigos, sem a namorada, durante os intervalos						
4. É mais frequente as raparigas namorarem às escondidas dos pais, do que os rapazes						
5. O rapaz deve fazer tudo o que a namorada quer, para não a perder						
6. Os namoros dos rapazes são mais aceites pelas outras pessoas						
7. Os rapazes devem ter mais experiências de namoro do que as raparigas						
8. No namoro, os rapazes são mais desinibidos do que as raparigas						
9. O rapaz pode sair com as suas amigas, sem a namorada						
10. Para o rapaz, o amor é o sentimento mais importante da relação de namoro						
11. As raparigas são gozadas pelas amigas, quando o namorado não é bem aceite pelo grupo						
12. Os rapazes devem mandar no namoro						
13. Para os rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas						
14. Os rapazes e as raparigas devem ter a mesma responsabilidade numa possível gravidez						
15. Tanto os rapazes como as raparigas devem ter o direito de manifestar os seus sentimentos do mesmo modo						
16. Os rapazes dão mais importância às características psicológicas das raparigas do que às físicas						
17. As raparigas é que devem tomar as decisões no namoro						
18. No namoro, as raparigas devem tomar a iniciativa da aproximação física, de contacto íntimo						
19. Nas relações de namoro, a rapariga e o rapaz devem ter liberdade para fazer as suas escolhas pessoais						
20. No namoro, deve ser a rapariga a exigir ao rapaz a utilização do preservativo.						

1	2	3	4	5	6
Totalmente em desacordo	Muito em desacordo	Parcialmente em desacordo	Parcialmente de acordo	Muito de acordo	Totalmente de acordo

	1	2	3	4	5	6
21. Os pais devem dar a mesma liberdade aos rapazes e raparigas para namorar						
22. A rapariga se quiser pode sair à noite sem o namorado						
23. Os rapazes preferem namorar com raparigas que tiveram poucas experiências de namoro						
24. As raparigas quando namoram pensam mais num compromisso para sempre						
25. O rapaz não necessita de estar comprometido com uma rapariga para ter relações sexuais com ela						
26. As decisões no namoro devem ser tomadas pelos dois						
27. A rapariga pode dizer ao namorado quais as amigas com quem ele pode conviver						
28. Quando há relações sexuais no namoro a responsabilidade de evitar uma gravidez é da rapariga						
29. Os pais desaprovam mais os namoros das raparigas do que os dos rapazes						
30. O rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada						
31. Os rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo						
32. A rapariga e o rapaz devem ter o direito de estabelecer as suas amizades						
33. As raparigas valorizam mais a fidelidade						
34. O rapaz deve deixar de estar com os amigos para dar toda a atenção à namorada						
35. Para as raparigas são mais importantes as características físicas de um rapaz do que as psicológicas						
36. As raparigas só devem ter relações sexuais com o namorado se houver um forte compromisso						
37. A iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz						
38. Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz						
39. No namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais						
40. Os pais preocupam-se mais com as saídas para namorar das raparigas						
41. A rapariga deve vestir-se para agradar o namorado						
42. O rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver						
43. Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro						
44. Os rapazes sofrem mais quando as raparigas são infiéis						
45. Nas relações de namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas						

1	2	3	4	5	6
Totalmente em desacordo	Muito em desacordo	Parcialmente em desacordo	Parcialmente de acordo	Muito de acordo	Totalmente de acordo

	1	2	3	4	5	6
46. As raparigas é que devem dar início ao namoro						
47. Os rapazes muitas vezes são gozados pelos amigos quando começam a namorar						
48. A rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder						
49. Não fica bem à rapariga ter muitos namoros						
50. No namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada pelo rapaz e pela rapariga						
51. A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas						
52. Para as raparigas o amor é o sentimento mais importante do namoro						
53. O rapaz pode interferir nas amizades da namorada						
54. Os pais devem dar mais liberdade aos rapazes para sair com a namorada						
55. Os rapazes têm mais ciúmes da namorada						
56. O rapaz deve ter liberdade para sair à noite sem a namorada						
57. Uma namorada deve ser "aprovada" pelo círculo de amigos e amigas do rapaz						
58. Na escola, a rapariga deve dar mais atenção às amigas do que ao namorado						
59. Os pais preocupam-se de igual modo com as relações de namoro das raparigas e dos rapazes						
60. As raparigas sofrem mais quando o namoro termina						
61. O início do namoro pode partir tanto da iniciativa dos rapazes como das raparigas						
62. A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder						
63. Os rapazes escondem mais dos seus pais os namoros, do que as raparigas						
64. A rapariga não necessita de estar comprometida com um rapaz para ter relações sexuais com ele.						
65. As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro						

Obrigado pela colaboração!

Anexo 2 – Dimensões da *Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente*.

Dimensões da Escala de Atitudes face ao Namoro Adolescente (original)

I. Controlo Parental/Social (12 itens):

- Os pais desaprovam mais os namoros das raparigas do que os dos rapazes.
- Os pais preocupam-se mais com as saídas para namorar das raparigas.
- Uma namorada deve ser “aprovada” pelo círculo de amigos e amigas do rapaz.
- Os pais preocupam-se de igual modo com as relações de namoro das raparigas e dos rapazes.
- Não fica bem à rapariga ter muitos namoros.
- Os namoros dos rapazes são mais aceites pelas outras pessoas.
- Os pais devem dar a mesma liberdade aos rapazes e raparigas para namorar.
- Os pais devem dar mais liberdade aos rapazes para sair com a namorada.
- Os rapazes escondem mais dos seus pais os namoros, do que as raparigas.
- É mais frequente as raparigas namorarem às escondidas dos pais, do que os rapazes.
- As raparigas são gozadas pelas amigas quando o namorado não é bem aceite pelo grupo.
- Os rapazes muitas vezes são gozados pelos amigos quando começam a namorar.

II. Autonomia e liberdade individual na relação (12 itens):

- O rapaz deve ter liberdade para sair à noite sem a namorada.
- A rapariga se quiser pode sair à noite sem o namorado.
- A rapariga deve fazer tudo o que o namorado quer, para não o perder.
- O rapaz deve fazer tudo o que a namorada quer, para não a perder.
- A rapariga deve vestir-se para agradar o namorado.
- O rapaz deve deixar de estar com os amigos para dar toda a atenção à namorada.
- O rapaz pode sair com as suas amigas, sem a namorada.
- O rapaz pode interferir nas amizades da namorada.
- A rapariga e o rapaz devem ter o direito de estabelecer as suas amizades.
- Na escola, o rapaz pode decidir acompanhar o grupo de amigos, sem a namorada, durante os intervalos.
- Na escola, a rapariga deve dar mais atenção às amigas do que ao namorado.
- Nas relações de namoro, a rapariga e o rapaz devem ter liberdade para fazer as suas escolhas pessoais.

III. Controlo do namoro (12 itens):

- A iniciativa de pedir em namoro deve ser dos rapazes.

- As raparigas é que devem dar início ao namoro.
- Nas relações de namoro os direitos devem ser iguais para rapazes e raparigas.
- Os rapazes devem mandar no namoro.
- As raparigas é que devem tomar as decisões no namoro.
- O início do namoro pode partir tanto da iniciativa dos rapazes como das raparigas.
- As decisões no namoro devem ser tomadas pelos dois.
- A iniciativa de decidir uma saída ao cinema ou à discoteca deve ser do rapaz.
- O rapaz pode interferir nas escolhas do vestuário da namorada.
- O rapaz pode dizer à namorada quais os amigos com quem ela pode conviver.
- A rapariga pode dizer ao namorado quais as amigas com quem ele pode conviver.
- Em caso de conflito, deve ser a rapariga a procurar fazer as pazes com o rapaz.

IV. Sexualidade (15 itens):

- No namoro são os rapazes que devem tomar a iniciativa de ter relações sexuais.
- No namoro, a decisão de ter relações sexuais deve ser partilhada pelo rapaz e pela rapariga.
- No namoro, as raparigas devem tomar a iniciativa da aproximação física, de contacto íntimo.
- A rapariga deve aceitar ter relações sexuais com o namorado para não o perder.
- No namoro, deve ser a rapariga a exigir ao rapaz a utilização do preservativo.
- Os rapazes e as raparigas devem ter a mesma responsabilidade numa possível gravidez.
- O rapaz não necessita de estar comprometido com uma rapariga para ter relações sexuais com ela.
- As raparigas só devem ter relações sexuais com o namorado se houver um forte compromisso.
- Os rapazes dão mais importância às características psicológicas das raparigas do que às físicas.
- Para as raparigas são mais importantes as características físicas de um rapaz do que as psicológicas.
- Os rapazes associam o namoro ao desejo e ao sexo.
- A rapariga não necessita de estar comprometida com um rapaz para ter relações sexuais com ele.
- Os rapazes devem ter mais experiências de namoro do que as raparigas.
- Os rapazes preferem namorar com raparigas que tiveram poucas experiências de namoro.
- Quando há relações sexuais no namoro a responsabilidade de evitar uma gravidez é da rapariga.

V. Expressão de afectos e sentimentos (14 itens):

- A namorar, os rapazes são mais tímidos do que as raparigas.
- Para os rapazes ser fiel é mais importante do que para as raparigas.



- As raparigas expressam mais os seus sentimentos do que os rapazes.
- Tanto os rapazes como as raparigas devem ter o direito de manifestar os seus sentimentos do mesmo modo.
- As raparigas valorizam mais a fidelidade.
- No namoro, os rapazes são mais desinibidos do que as raparigas.
- As raparigas sofrem mais quando o namoro termina.
- Os rapazes sofrem mais quando os raparigas são infiéis.
- Para as raparigas o amor é o sentimento mais importante do namoro.
- Para o rapaz, o amor é o sentimento mais importante da relação de namoro.
- Os rapazes valorizam mais os afectos nas relações de namoro.
- As raparigas quando namoram pensam mais num compromisso para sempre.
- Os rapazes têm mais ciúmes da namorada.
- As raparigas demonstram mais carinho do que os rapazes, nas relações de namoro.